



PALAVRAS NA PONTA-DA-LÍNGUA

uma abordagem
neurolinguística

MARCUS VINICIUS
BORGES OLIVEIRA



Pedro & João
editores

 SÉRIE NA BANCA

**PALAVRAS NA PONTA-DA-
LÍNGUA: uma abordagem
neurolinguística**

SÉRIE NA BANCA

Coordenada por Hélio Márcio Pajeú.

SÉRIE NA BANCA

O objetivo da série é publicar trabalhos, resultantes de pesquisas de mestrado e doutorado, que se insiram nas esferas da linguagem e do discurso e que tenham os estudos bakhtinianos como fundamentos teórico-metodológicos.

1. **Os gêneros do discurso na criação estética colaborativa** – Hélio M. Pajeú.
2. **A alfabetização no contexto do discurso do letramento: propostas e práticas** – Vanildo Stieg.
3. **O discurso do outro na notícia: gênero, fotografia e objetividade** – Carlos Alberto Turati.
4. **A leitura menocchiana: micro histórias de relação entre leitura e escrita** – Rodrigo Bastos Cunha.
5. **Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística** – Marcus Vinicius Borges Oliveira

MARCUS VINICIUS BORGES OLIVEIRA

**PALAVRAS NA PONTA-DA-
LÍNGUA: UMA ABORDAGEM
NEUROLINGUÍSTICA**



Copyright © Autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Oliveira, Marcus Vinicius Borges

Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística. (Série na branca; 5). São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 239p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-85-7993-447-4 [Impresso/2017]

978-65-5869-838-8 [Digital/2022]

1. Perspectiva histórico Cultural. 2. Linguagem e memória. 3. Neurolinguística Enunciativo-Discursiva. 4. TOT. 5. Fonoaudiologia. 6. Esquecimento. I. Título.

CDD – 410

Série na banca: coordenação de Hélio Márcio Pajeú

Capa: Hélio Márcio Pajeú

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

*Dedico este livro à
Rosana Novaes,
Augusto Ponzio
e Susan Petrilli.*

*Agradeço aos amigos do
GELEP e do CCA, em especial
Thalitinha, Larissa e Mário.*

*A história de Jorge
(Jorge Ben, 1976)*

*Olha, essa é a história de um menino
que tinha um amigo que voava
e Jorge se chamava*

*Ninguém acreditava no menino que
não voava
quando ele dizia que tinha um amigo
que falava, brincava e até voava
todo mundo dele caçava*

*Um dia Jorge soube de tudo
e voou para toda gente ver
O espanto foi geral
e o menino que não voava
feliz da vida gritava:
Voa, Jorge!
Voa, Jorge!*

*Voa bem alto Jorge
e traz uma estrela pra mim
(...)*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	19
1. UMA LEITURA RESPONSIVA	29
2. POR UMA CONCEPÇÃO TEÓRICO- METODOLÓGICA DO PROCESSO	57
3. OS TOTS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ESTUDO DO FUNCIONAMENTO LEXICAL.....	91
4. A PALAVRA NA <i>PONTA DA PALAVRA</i>	111
5. ALÉM DA PONTA DO ICEBERG: OS TOTS E AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES.....	143
6. COMENTANDO E CONCLUINDO.....	205
REFERÊNCIAS	229

APRESENTAÇÃO

Ovviamente la tesi ha a che fare con problemi di memoria perché nel TOT essa sembra essere la protagonista principale. **In realtà è tutta una questione di linguaggio, una questione di rapporti fra parole. E le parole vengono o non vengono all'interno di processi enunciativo-discorsivi** (PETRILLI, 2015)¹.

É com imensa alegria e orgulho que apresento aos leitores da Série “Na banca”, da Editora Pedro & João, o trabalho do Marcus Vinicius Borges Oliveira, carinhosamente tratado por *Marquito* pelos integrantes do nosso grupo de pesquisa, o GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias).

O texto deriva de sua tese de doutorado, “Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística”, fenômeno designado na literatura da área como TOT (Tip of the tongue), que permitiu ao autor não apenas discutir a intrínseca relação entre *linguagem* e *memória*, mas também questões relativas ao funcionamento dinâmico e integrado destas com as demais funções superiores: *atenção*, *percepção* e ainda, com o respaldo de Voloshinov e Freud, com a *consciência*.

¹ Trecho do texto escrito por ocasião da participação na banca de defesa da tese de Marcus Vinicius Borges Oliveira. Susan Petrilli foi sua orientadora, em 2014, em estágio de pesquisa em Bari, Itália (BEPE/FAPESP).

A pesquisa traz preciosas contribuições teórico-metodológicas para os campos da Linguística, Neurolinguística, Neuropsicologia e Fonoaudiologia, bem como para as reflexões ético-filosóficas articuladas na perspectiva sócio-histórico-cultural – destacando autores como Vygotsky, Luria, Jakobson, dentre outros. Essas reflexões são relacionadas de modo autoral e responsável, pelo autor, às ideias do Círculo de Bakhtin, aos trabalhos de Ponzio e de Petrilli, dentre muitos outros.

Desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a tese foi defendida em Abril de 2015, no programa de Doutorado em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A qualidade do trabalho foi reconhecida por todos os membros de sua banca de defesa (Lourenço Chacon, Susan Petrilli, Ester Scarpa e Guilherme Prado), que destacaram seu percurso metodológico inovador, de cunho qualitativo, revelado no desenvolvimento do Blog “Palavras na ponta da língua”, nas interações com os sujeitos afásicos do Centro de Convivência de Afásicos” e nas análises minuciosas dos dados.

Foram também enfatizadas pela banca as contribuições do trabalho para uma clínica fonoaudiológica competente, amorosa e responsável; que dedique *tempo ao outro; tempo para a escuta*. A esse respeito, Marcus se inspira nas palavras de Ponzio – autor que caracteriza a revolução bakhtiniana como o processo de centralização do outro:

Segundo Ponzio (2010), um tempo que não pode ser objetivado, que não é aquele tempo disponibilizado, comercializável, medido. O tempo do outro é um tempo *infuncional*, um tempo *per niente* (Ponzio, 2008, 2010). Isso não significa que não devemos ter objetivos ao desenvolver a terapia com sujeitos afásicos. Pelo contrário, significa considerar que os objetivos são primeiramente do outro, que existem somente em função dele, e que temos que responder de forma ética e responsável a esses objetivos.

Visando alicerçar sua prática terapêutica, pautada no respeito com os sujeitos com afasia (ou com qualquer outra patologia que impacte o funcionamento linguístico-discursivo), Oliveira dialoga com os conceitos bakhtinianos, como vemos na seguinte passagem de seu texto:

O outro é, de acordo com Bakhtin, aquele que pode, com o seu *excedente de visão*, conferir acabamento e posicionar-se axiologicamente na enunciação. Lembremos que, para o autor, esse movimento exotópico se dá em dois momentos. Primeiro, nós vamos até o outro, mas depois temos que voltar ao nosso lugar. Não podemos jamais coincidir com ele, pois somente do posicionamento único e singular podemos agir com relação ao outro (Oliveira, 2015: 141).

Petrilli, no texto já referido na epígrafe dessa apresentação, reflete sobre a necessidade de se remeter, em um trabalho sobre linguagem, à sua dimensão ética e nos brinda com a seguinte passagem, tomando como partida a tese do Marcus:

Perché la dimensione etica? [...]. Il parlante, e non solo il parlante, ma anche colui che pensa, ragiona, organizza mentalmente il discorso, cerca una soluzione, si pone una

questione, ha sempre a che fare con valori, con scelte, con prese di posizione, con responsabilità.

Para Oliveira, os TOTs, sobretudo nos casos de afasia, “levam a pensar sobre a importância vital da palavra”, uma vez que “vivemos em uma sociedade logocêntrica, em que a perda da palavra traz impacto muito relevante na vida”. O autor destaca o postulado de Bakhtin segundo o qual não devemos esquecer a relação entre a *palavra* e a *vida*. Ao explicar a experiência dos TOTs, a ausência das palavras que “dançam como fantasmas”, dando ao falante a sensação da palavra na ponta-da-língua (retomando aqui uma metáfora de W. James, em 1890), Oliveira novamente recorre à ideia de Bakhtin de que “a palavra não esquece seu próprio caminho na língua e não pode se libertar dos contextos concretos pelos quais passou”.

Para compreender os TOTs, as palavras que *bloqueiam* o seu caminho até a produção do enunciado e ainda aquelas que *insistem* em ser produzidas sem o consentimento do falante, Oliveira articula os estudos dos principais pesquisadores do fenômeno nos diversos campos que integram as neurociências: William James, Brown & McNeil, Woodworth, bem como os trabalhos desenvolvidos na área de Neurolinguística do IEL com destaque para o de Coudry, em 1986, O Diário de Narciso: afasia e discurso. Este texto fundador da área, segundo Oliveira, “foi absolutamente revolucionário”, ainda quando estava na graduação em Fonoaudiologia, influenciando a sua forma de estudar a afasia, se “afastando criticamente das teorias mais tradicionais sobre o tema”. O autor ainda, ao longo de sua obra, as

leituras que fez dos trabalhos de Novaes-Pinto, Souza-Cruz, Mazuchelli, Cazarotti, dentre outros, para discutir questões relativas às teorias linguística e neurolinguística e sobre a metodologia que guia os trabalhos do GELEP nas pesquisas e o trabalho desenvolvido no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), lócus privilegiado de seu trabalho sobre os TOTs.

Petrilli (em sua arguição na banca de defesa), destacou a consonância entre os princípios da Neurolinguística enunciativo-discursiva como “uma linguística da enunciação”, da palavra viva que se apresenta prontamente, tarda a ser produzida ou que permanece “na ponta-da-língua”:

[...] Ci troviamo molto d'accordo con questa impostazione in cui la neurolinguistica si stacca da quella che potremmo chiamare la linguistica tradizionale, che va da Ferdinand Saussure fino a Noam Chomsky, in cui è la frase la protagonista da analizzare, considerandola, anzi sorvegliandola e anche riconducendola, [...] **Nel caso del lavoro di questa tesi, invece, si tratta di una linguistica dell'enunciazione [...]. E' nell'enunciazione che la parola vive, trova la sua pertinenza, si presenta prontamente, o ritarda, o resta lì sulla punta della lingua.**

Concluindo este texto, gostaria de chamar a atenção do leitor para o início de cada capítulo, onde o Marcus nos presenteia com excertos de canções (populares ou consagradas) – um verdadeiro garimpo de versos que realizou sob a influência das “migalhas” reunidas por outro amigo em comum, Lourenço Chacon. O Marcus também é músico e poeta, o que talvez nos ajude a compreender de onde vem a sensibilidade para

escrutinar os fenômenos da linguagem, da memória, da percepção e, não raramente, para nos emocionar.

Também destaco o uso, em alguns títulos de seus capítulos, de metáforas sugeridas por seus amigos ao longo das conversas, na tentativa de sintetizar um fenômeno tão complexo como o TOT. De Ponzio, retoma a palavra na ponta-da-palavra, para se referir à complexa rede semiótica e às relações nem sempre explicáveis para os enlaces entre os signos buscados e aqueles que surgem. De suas reflexões comigo, também enfatiza a natureza *misteriosa* da ocorrência da palavra na ponta-da-língua como a parte visível de um iceberg, a *ponta* apenas. Nem por isso ele dedicou-se apenas a olhar o que é perceptível ou que esteja na superfície. Sem medo de “mergulhar nas profundezas”, ao mesmo tempo que procurou desvendar seus mistérios, se deixou maravilhar por eles. Buscou escutar o quase inaudível e ver o quase invisível.

Vale mencionar que todas essas qualidades que sublinhei nesta apresentação foram também reconhecidas no âmbito do Departamento de Linguística do IEL, que selecionou a tese do Marcus para representar o nosso programa no Prêmio Capes-Teses de 2016. A meu ver, a escolha pode ser interpretada como um indício de que a Linguística que desenvolvemos também se interessa pelas abordagens que põem em realce o *sujeito* e o funcionamento linguístico-cognitivo não idealizados; uma Linguística que ultrapassa a formulação de modelos. Que acredita que a análise do enunciado *singular, único e irrepitível* pode iluminar a compreensão da linguagem e contribuir para o desenvolvimento de trabalhos que retornem à sociedade – seja no ensino, na pesquisa, em

projetos de extensão como o CCA ou na clínica fonoaudiológica.

Com certeza o leitor vai reconhecer, ao longo do trabalho, o prazer que o Marcus deixa transparecer ao discutir suas questões; ao *fazer ciência* no sentido bakhtiniano do termo, com profundo interesse pelos sujeitos e por suas histórias. Uma ciência que se constrói na dialogia, no enunciado como unidade real da comunicação, nos acabamentos dados às palavras muitas vezes enigmáticas e aos enunciados sempre inacabados dos sujeitos afásicos e também dos não-afásicos.

Para além de todos os méritos de sua pesquisa, por fim, gostaria de ressaltar o prazer de conviver com o *Marquito* ao longo desses anos, nas aulas do IEL, nos eventos científicos no Brasil e pelo mundo, nas (já) muitas parcerias em publicações e, também, nas conversas animadas e *infanciais* em torno da vida. Muitas e produtivas *convivências* que nos tornaram grandes amigos.

Com todo o carinho da amiga e orientadora (pois dizem que para “orientadora” nunca se usa “ex”)

Rosana Novaes
IEL/UNICAMP
08 de Novembro de 2017

INTRODUÇÃO

Quantas vezes nos deparamos com a necessidade de falar determinada palavra que não “lembramos” e temos aquela sensação de que ela está na *ponta-da-língua*?

Conhecido na literatura da área como “tip of the tongue”, doravante referido como TOT, este fenômeno tem intrigado pesquisadores de diferentes áreas por mais de um século. A ocorrência do TOT refere-se ao momento em que o sujeito procura uma palavra, acompanhado da sensação de que esta já vai surgir ou de que já lhe escapou. Trata-se, portanto, não apenas de um momento de inacessibilidade, mas também da sensação que o acompanha – saber que se sabe a palavra buscada, mas com a impossibilidade de evocá-la no momento da enunciação.

Recentemente, um grupo de atores publicou um vídeo com veia humorística tematizando a questão da palavra que fica na *ponta-da-língua*. O episódio chama-se “Como é que fala?”². Um casal está conversando em um restaurante, quando o marido tem um súbito ataque e cai da cadeira. Nesse exato momento, a esposa diz: “Peraí, você trouxe a...” Daí ela se levanta e pede ajuda às pessoas, esclarecendo que ele precisaria de um remédio

² Para assistir ao episódio, acesse o endereço “<https://www.youtube.com/watch?v=k1aeJslXnxw>”

vital. Um homem pergunta qual era esse remédio e ela diz: “O... Oh, meu Deus!! O negócio... esqueci!”. O mesmo homem pergunta, então, qual doença ele tem e ela, novamente, não encontra essa outra palavra: “Ele tem aquela doença... da comida... que o menino da novela também tinha...”. Depois de algum tempo, ao recuperar o nome desejado – *insulina* –, todos comemoram, mas a essa altura o marido já tinha falecido.

O episódio se refere a outra característica muito frequente dos TOTs – o fato de que quem está em estado de TOT reconhece quando uma palavra sugerida por outro(s) interlocutor(es) não é aquela desejada. Quando alguém grita “epilepsia”, a mulher responde: “Não, não. Está na *ponta-da-língua!*”.

Apesar dos exageros da cena, que objetivam o humor, consideramos esta produção artística como um exemplo das situações em que nos deparamos com as palavras na *ponta-da-língua*, bastante recorrentes em nosso cotidiano. Ilustra, também, o fato de que os interlocutores geralmente se envolvem com a procura da palavra, pois encontrá-la alivia a tensão (ou mesmo a angústia) provocada por sua falta. Este processo interrompe o fio discursivo e vai ganhando mais e mais atenção, passando a ser central no contexto enunciativo. Muitas vezes, depois de encontrar a palavra, as pessoas envolvidas nem se lembram mais do que estavam falando. Na cena do episódio, o processo de busca passa a ser até mais importante do que o ataque (e morte) do marido. Mesmo com o fim trágico da estória, os participantes expressam o alívio por encontrar a palavra.

Dependendo do grau de formalidade da situação, bem como da relevância da palavra que falta – se é, por

exemplo, uma palavra-chave num discurso técnico ou científico ou se surge num diálogo cotidiano informal – o falante recorre a diferentes estratégias discursivas: pode admitir publicamente que não se lembra dela, solicitando ajuda aos seus interlocutores, ou produzir paráfrases e circunlóquios que, muitas vezes, lhe dão o tempo necessário para se “lembrar” ou para ser lembrado pelos outros. Geralmente, entretanto, a palavra simplesmente não vem.

Devido à rapidez da produção de enunciados na interação verbal, podem surgir no lugar dela outras palavras que a ela se relacionam, seja por traços sonoros, situacionais, conceituais ou afetivos, como defende Luria (2001), ligando assim os TOTs a outros fenômenos do funcionamento da linguagem, como a produção das parafasias. Normalmente, essas “outras palavras” são ligadas à “história da palavra” procurada – seja à história da palavra na língua e/ou à história da relação do sujeito com a palavra. No episódio humorístico citado, por exemplo, passa-se do nome do remédio ao da doença, depois para o nome da novela, do personagem e também do ator que representa o personagem. São essas relações que explicam o aparecimento de *epilepsia* em vez de *diabetes*, por exemplo. É por essa razão, como veremos mais adiante neste texto, que Ponzio sugere a expressão “palavra(s) na ponta da(s) palavra(s)” para caracterizar filosoficamente e linguisticamente esses processos.

Em determinado momento do episódio humorístico, a esposa diz que “esqueceu” a palavra, mas continua recusando as demais, que lhe são sugeridas – o que nos remete a um dos aspectos do processo de TOT, que é a relação da linguagem com a memória. Nos

estados de TOT não sabemos qual é a palavra, mas sabemos muito bem qual *não* é. Trata-se, portanto, de uma espécie particular de esquecimento, incompleto por sua natureza, pois nem se trata de uma palavra totalmente esquecida, ao mesmo tempo em que não é totalmente lembrada, no momento enunciativo.

O estudo deste fenômeno, dada sua complexidade, contempla vários campos de discussão contemporâneos. É possível situá-lo entre linguagem e memória, como já mencionamos, mas também na relação destas com a consciência (sem esquecer do inconsciente) e, ainda, na relação entre o som e o sentido. É justamente por isso que Novaes-Pinto afirma que o fenômeno das palavras na *ponta-da-língua* é apenas “a ponta do iceberg” para se compreender o funcionamento semântico-lexical. Ponzio, outra referência importante deste trabalho, considera o surgimento de um TOT como um “momento de rara iluminação, de beleza indescritível, decorrente de sua humanidade incontestável³”.

A dificuldade de encontrar palavras, de forma tão peculiar, é verificada tanto na normalidade quanto em algumas patologias que impactam o funcionamento da linguagem, como as afasias. Neste caso, a diferença se dá quanto à frequência das ocorrências, já que, dependendo das características da afasia, os sujeitos podem ter essa sensação do TOT o tempo todo. Ao contrário do que ocorre na fala dos não afásicos, que imediatamente reorganizam sua fala para lidar com a falta da palavra,

³ Estes trechos são retirados de anotações de conversas com a orientadora (Rosana Novaes) e na ocasião de um seminário realizado na Universidade de Estudos de Bari, em 2013, organizado por Augusto Ponzio.

nas afasias há um impacto importante, fazendo com que os enunciados muitas vezes se tornem mais disfluente, muito marcados por hesitações (pausas, repetições etc), entrecortados por falas cristalizadas, como: “eu não consigo falar”, “eu sei, mas não...”, ou acompanhados por gestos que indicam que a palavra está na *ponta-da-língua* (apontando a língua). Em situação de TOT, um sujeito afásico chegou a fazer o gesto de um “saca-rolhas” próximo à boca, para ilustrar que a palavra estaria lá, mas que não conseguia produzi-la⁴.

Foi no contexto de estudos das afasias⁵ que surgiu a proposta de pesquisar sobre os TOTs, mais especificamente a partir de um diálogo com uma senhora afásica. Certo dia, SB ficou com uma palavra na *ponta-da-língua* e, sem saber como explicitá-la, disse: “eu vou dizer uma que não é, e aí você vai saber aquela que é”. Como veremos mais adiante, na análise deste dado, SB não só revela que está com uma palavra na *ponta-da-língua*, como também orienta seu terapeuta no processo de ajudá-la a invocar tal palavra. Com um raciocínio de certa forma pragmático, a primeira ideia que surgiu como uma provável questão de pesquisa foi a seguinte: “O que os afásicos podem fazer quando sentem que estão com as palavras na *ponta-da-língua*?”. Com o decorrer do

⁴ Sujeito SP, na sessão realizada no CCA (Centro de Convivência de Afásicos) em 27/08/97, relatado na tese de Doutorado de Novaes-Pinto (1999).

⁵ O livro escrito por Coudry (1988), “Diário de Narciso: discurso e afasia”, foi absolutamente revolucionário para mim, ainda quando estava na graduação em Fonoaudiologia, influenciando a forma como decidi estudar a afasia, me afastando criticamente das teorias mais tradicionais sobre o tema. Isso decididamente me levou a estudar no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), a fazer parte do corpo de pesquisadores do GELEP e a participar do CCA (Centro de Convivência de Afásicos), do qual falaremos no decorrer deste livro.

trabalho, esta pergunta se tornou apenas “mais uma”, dentre tantas outras, revelando cada vez mais a complexidade do processo.

Ao contrário do que imaginávamos no início deste estudo – que seriam raros na literatura científica os trabalhos sobre os TOTs – este fenômeno vem sendo discutido há mais de cem anos, principalmente depois da década de 60 do século XX, em abordagens predominantemente cognitivistas e quase que exclusivamente baseadas em dados empíricos.

O contraponto que a pesquisa buscou fazer, face a tais estudos, foi olhar *qualitativamente* para os TOTs, visando ampliar o seu entendimento, a partir de outros pontos de observação. Esses pontos são constituídos pelas teorias enunciativas, pela Filosofia de Linguagem de perspectiva bakhtiniana, por teorias neuropsicológicas respaldadas em autores como Vygotsky e Luria, dentre outros referenciais teóricos, que caracterizam a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva.

As reflexões são decorrentes, também, das discussões teórico-metodológicas promovidas pelo GELEP (Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias)⁶ e da experiência acumulada pela participação nos encontros semanais, nos atendimentos individuais e coletivos no Centro de Convivências de Afásicos (doravante CCA⁷). É muito

⁶ Destaco, no contexto das reflexões desenvolvidas no GELEP, o projeto de pesquisa coordenado por Novaes-Pinto (2009), intitulado “*Dificuldades para encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências: inferências para o estudo do funcionamento lexical e de sua organização em redes semânticas.*”

⁷ O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) foi inaugurado a partir de uma ação conjunta entre os Departamentos de Linguística e de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Este centro funciona no IEL

significativa, também, a influência das reflexões desenvolvidas por Augusto Ponzio e Susan Petrilli, da Universidade de Estudos de Bari⁸, no campo da Filosofia da Linguagem e da Semiótica.

O livro resulta, assim, de uma tese de doutorado cujo objetivo principal foi caracterizar os TOTs, por meio do estudo de sua ocorrência no contexto da normalidade e nas afasias, de acordo com as abordagens histórico-culturais do cérebro e da linguagem, que fundamentam a neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. Este objetivo central se relacionou a outros, mais específicos, tais como (i) discutir e dar visibilidade à relação constitutiva das funções superiores, sobretudo da relação entre a linguagem e a memória; (ii) contribuir para o desenvolvimento de uma metodologia qualitativa dos

(Instituto de Estudos da Linguagem) onde ocorrem atendimentos aos afásicos, baseado no uso efetivo da linguagem. Este centro serve como *locus* para diversas pesquisas, principalmente dos pesquisadores e estudantes ligados à Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva. De acordo com Santana, Novaes-Pinto e Oliveira (2015), “O trabalho realizado no CCA, além de promover “efeitos terapêuticos” no funcionamento linguístico-cognitivo dos sujeitos afásicos, tem contribuído sensivelmente para a qualidade de vida desses sujeitos, assim como de suas famílias”. O grupo do CCA de que participei foi o grupo III, constituído por linguistas, fonoaudiólogos e outros profissionais. Nesse grupo, participei das sessões coletivas semanais, também atuando terapeuticamente com alguns dos sujeitos afásicos, desde 2011.

⁸ Realizei um estágio de pesquisa na *Università Degli Studi di Bari* com duração de seis meses, tendo como supervisores os professores Augusto Ponzio e Susan Petrilli. Nesse período, participei dos encontros do grupo, tive encontros semanais com os supervisores, apresentei seminários e também participei das aulas dos Profs. Drs. Filippo Silvestri e Patrizia Calefato (professores de Filosofia da Linguagem e Semiótica; Sociolinguística e Linguística Geral, respectivamente), que compartilham da mesma abordagem teórica de Augusto Ponzio e Susan Petrilli. Esse estágio ocorreu com apoio da FAPESP (Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de São Paulo) com uma bolsa BEPE (Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior).

TOTs – um objetivo que foi se delineando ao longo da pesquisa – e, por fim, (iii) compreender as estratégias de busca da palavra desejada, contribuindo não só para a discussão acerca do funcionamento lexical como, principalmente, para subsidiar o trabalho desenvolvido no contexto clínico-terapêutico com sujeitos afásicos.

Para melhor orientar os leitores deste texto, apresentamos uma breve síntese da estrutura do livro.

No capítulo 1, *Uma leitura responsiva*, dedicado à revisão crítica de trabalhos já existentes nessa área, buscamos sintetizar os estudos contemporâneos já realizados sobre os TOTs, contrapondo-os às primeiras reflexões sobre o tema, com destaque para as reflexões de Willian James, Robert Woodworth e Sigmund Freud.

O capítulo 2, *Por uma concepção teórico-metodológica do processo*, é dedicado às reflexões sobre a natureza da pesquisa empírica e busca apresentar alternativas, de caráter qualitativo, para o estudo dos TOTs. Apresentamos as bases teórico-metodológicas que serão aprofundadas nos capítulos seguintes, avaliando cada um dos procedimentos em termos de suas vantagens, mas também considerando seus limites.

O capítulo 3, *Os TOTs e suas implicações para o estudo do funcionamento lexical*, tratará de algumas bases dos modelos de funcionamento lexical influenciadas pelo estudo das palavras na *ponta-da-língua*, em constante diálogo crítico com as reflexões de Luria, Bakhtin e Jakobson. Discutiremos a questão da separação e autonomia entre os níveis semântico e fonológico no funcionamento da linguagem, questionando a caracterização dos TOTs, baseada na dissociabilidade e hierarquização entre som e sentido.

O capítulo 4, *A palavra na ponta-da-palavra*, procura caracterizar os TOTs considerando sua natureza dialógica, relacionada à história da palavra. Nesse sentido, são fundamentais alguns conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, com destaque para questões que relacionam linguagem e ideologia e questões advindas da Filosofia da Linguagem e da Semiótica.

O capítulo 5, *Além da ponta do Iceberg: os TOTs e as funções psicológicas superiores*, é dedicado às reflexões em torno das funções psicológicas complexas, mais especificamente sobre a relação entre memória (e esquecimento) e linguagem dentro de uma perspectiva histórico-cultural, dando grande relevância ao estudo do signo.

No capítulo 6, *Por uma escrita responsável... Comentando e concluindo*, abordaremos uma questão que julgamos muito relevante no âmbito da pesquisa científica – como os achados e reflexões desta pesquisa podem contribuir no contexto terapêutico, sobretudo nas afasias.

1. UMA LEITURA RESPONSIVA

*Sinhores dono da casa
Cantadô pede licença
Prá puxar viola rasa
aqui na vossa presença*

*Trecho de “Bespa” (“desafio do Auto da
Catingueira”), de Elomar Figueira Melo
(1976)⁹.*

*Palavra quando acesa
não queima em vão
deixa uma beleza posta
em seu carvão*

*Trecho de “Palavra acesa”, de Fernando
Filizola e Zé Chagas, (1978).*

Este capítulo tem como objetivo revisar criticamente a literatura científica sobre os TOTs, trazendo os aspectos que consideramos mais importantes para esta pesquisa. Não se trata de uma revisão exaustiva sobre

⁹ As epígrafes de cada capítulo foram livremente inspiradas pelas mais de mil *migalhas* espalhadas pelo professor Lourenço Chacon.

o tema, até porque já existem livros atuais – como os de Schwartz (2002), de Brown (2012) e de Schwartz e Brown (2014) – que cobrem responsabilmente a literatura tradicional e se configuram como referências obrigatórias aos que desejarem se aprofundar no assunto.

Para iniciar este percurso, interessa-nos identificar as principais correntes científicas atreladas ao estudo dos TOTs, tomando como divisor de águas o artigo de Brown e McNeill, de 1966, que trouxe definitivamente as pesquisas do fenômeno “para dentro dos laboratórios”. A importância desses autores é revelada, por exemplo, no comentário de Jones (1988:69), quando o autor diz: “Brown and McNeill showed in their famous article that the TOT state, hitherto a feral beast that struck without warning, could be tamed and studied as a creature of conveniently regular habits”. Como Jones se refere à metáfora da *fera enjaulada*, consideramos relevante dizer que estudar um animal enjaulado e compreender acerca de alguns de seus “hábitos regulares” significa um avanço no seu conhecimento, mas certamente não é a mesma coisa que observá-lo em seu ambiente natural. O mesmo se dá com fenômenos da natureza dos TOTs, como veremos em seguida.

O primeiro ponto apresentado neste capítulo se refere a trabalhos anteriores ao de Brown e McNeill, com destaque para os de Willian James, Robert Woodworth e Sigmund Freud. Esses autores são de essencial relevância para uma discussão mais rigorosa sobre o tema nas pesquisas atuais, não somente pela pertinência das questões colocadas, mas pela reflexão que não dissocia abruptamente memória e linguagem, alguns deles ainda tocando em questões como a do inconsciente.

Em seguida, passamos a uma análise crítica do artigo de Brown e McNeill (1966), de suma importância não apenas pelo seu valor histórico – pelo pioneirismo nos estudos empíricos dessa área –, mas também pela sua influência nas pesquisas atuais sobre o tema. Para finalizar, apresentamos as principais características dos TOTs que têm ganhado espaço nos estudos contemporâneos.

1. Os primeiros trabalhos sobre os TOTs

Os TOTs têm intrigado os pesquisadores há mais de um século. Em 1890, Willian James (1890:251), no capítulo chamado “The stream of consciousness”, se referiu aos TOTs para caracterizar a sensação de que a palavra buscada estava iminente. Diz que este “estado de consciência” é peculiar, pois temos a sensação de saber que estamos próximos da palavra-alvo. Ainda, segundo o autor, se alguém nos propõe algum nome que não seja aquele, único, definitivamente singular, nós imediatamente o negamos. A citação que se segue é amplamente conhecida e está presente em grande parte dos estudos que se dedicam a refletir sobre o que ocorre com as palavras que ficam na *ponta-da-língua*:

Suppose we try to recall a forgotten name. The state of our consciousness is peculiar. There is a gap therein; but no mere gap. It is a gap that is intensely active. A sort of wraith of the name is in it, beckoning us in a given direction, making us at moments tingle with the sense of our closeness and then letting us sink back without the longed-for term. If wrong names are proposed to us, this singularly definite gap acts immediately as to negate them. They do not fit into its mould (1890:251).

Vemos, assim, que importantes questões relevantes para nós, hoje, já estavam postas há mais de um século. Uma delas diz respeito à *singularidade* da palavra desejada, que não pode ser substituída por outra, mesmo que esta desempenhe papel similar no discurso. Tal singularidade, conforme outra passagem de James, (1890:251), revela-se no vazio da palavra: “The gap of one word does not feel like the gap of another”.

Trata-se, assim, de um espaço, uma lacuna, que não é meramente um *vazio*, mas um *vazio ativo*, mesmo quando não preenchido por uma palavra. O autor nos faz refletir sobre a ausência que se faz presente na enunciação – a falha que constitui um diálogo sobre o esquecimento, uma ruptura sobre a linearidade do discurso – e aponta para os limites da memória, nos levando a *sentir* diferentes graus de proximidade com uma determinada palavra.

Essa sensação de iminência da palavra tem sido objeto de estudos em laboratório e, atualmente, é uma das questões mais discutidas na literatura, uma vez que tal “sensação de proximidade com a palavra desejada” é o que liga o fenômeno do TOT com um outro, conhecido como *Feeling of Knowing* (FOK)¹⁰. Embora intimamente relacionados em termos de natureza e de co-ocorrência, tais eventos têm sido em geral estudados de forma quase independente, alocados teoricamente em um campo chamado de “metamemória”. Esta seria responsável pelas inferências que podemos fazer sobre o “conteúdo” da

¹⁰ A relação entre estes dois fenômenos é de grande relevância para a reflexão e será aprofundada posteriormente.

nossa própria memória, geralmente apartada das demais funções cerebrais complexas, desconsiderando-se, inclusive, sua interface com a linguagem.

Outro estudioso dos TOTs foi Robert S. Woodworth (1934). Seu trabalho deu origem a uma perspectiva atualmente situada dentro da pesquisa dos TOTs como “The Blocking Perspective”.

Por meio de uma coleção de casos, Woodworth chega à conclusão de que o processo de retomada da palavra se iniciaria com as características mais gerais da mesma, avançando para outras mais específicas. Nessa concepção, uma vez que a evocação da palavra esteja *em processo*, outras palavras que surgem à mente podem atuar como *bloqueadores* da palavra alvo: “In these cases of hampered recall, one seems to start towards the goal but to stray into a blind alley” (Woodworth, 1940:127). Tais casos de “interferências” ocorreriam por diferentes motivos, dentre os quais o autor descreve aquela de origem emocional (por medo, ansiedade etc.) e a interferência por simultaneidade de respostas. Neste caso, a palavra incorreta competiria com a palavra buscada. Um movimento positivo na resolução dos TOTs, segundo o autor, seria a desistência da procura da palavra, o que acarretaria, depois de um tempo, o seu aparecimento espontâneo, devido à perda do efeito de recência, responsável pela “vantagem temporária” da palavra intrusa.

A estratégia de desistir da palavra buscada continua sendo discutida na literatura contemporânea sobre os TOTs. Para pesquisadores como Brown e McNeill (1966), por trás do surgimento “espontâneo” da palavra desejada estariam outras palavras

fonologicamente sobrepostas a ela. À medida que essas palavras vêm à mente, comporiam trechos faltantes da palavra-alvo. Os dados que apresentaremos mais adiante, a nosso ver, dão visibilidade a essas questões.

Outro ponto importante a ser mencionado é que Woodworth situa o evento dos TOTs nos estudos sobre memória, entre os dois modos de lembrança por ele descritos: a *evocação* e o *reconhecimento*. O que difere esses dois modos de lembrar é a presença ou a ausência do objeto a ser lembrado, conforme veremos no quinto capítulo.

Dentre os autores que escreveram sobre o TOT, antes de este fenômeno ser estudado empiricamente nos laboratórios, certamente o mais relevante foi Freud (1966)¹¹. Ainda que tenha tratado de temas muito mais amplos – e não especificamente sobre os TOTs –, as hipóteses que lançou sobre o fenômeno não encontram ressonância nas discussões atuais sobre o tema, apesar de ser o único autor que propõe um *motivo* psicológico para o esquecimento temporário de nomes, indo além da arbitrariedade de uma escolha puramente psíquica. Freud (1966:38-39) deixou bastante claro que explicações baseadas em fatores fisiológicos não são suficientes para dar conta desses fenômenos:

[...] E não deveríamos, portanto, poupar-nos a busca de explicações psicológicas para estes fenômenos? De maneira alguma, no meu entender; isso seria confundir o mecanismo de um processo, que é o idêntico em todos os casos, com os fatores favorecedores do processo, que são variáveis e não necessários.

¹¹ Original de 1901.

O método de pesquisa de Freud é absolutamente diferente dos estudos anteriores sobre os TOTs, assim como dos atuais. Freud fundamentou-se em um conjunto de relatos de casos, coletados a partir de sua própria experiência e da experiência de colegas, em que os fenômenos emergem. Em muitos deles, o próprio autor interfere nos relatos, enquanto são produzidos, questionando sobre as possíveis ligações entre as palavras esquecidas e as palavras que, por vezes, surgem em seu lugar.

Para o autor, em nosso “afã de recuperar o nome perdido, outros nomes substitutos nos vêm à consciência; reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência” (1966:19). Tal deslocamento, para Freud, não é arbitrário e pode ocorrer por uma proximidade a um tema não desejado ao sujeito. Ao descrever um de seus casos mais famosos, o caso Signorelli, o autor conclui: “esqueci uma coisa contra minha vontade, quando queria esquecer intencionalmente outra” (1966:21). Por vezes, entretanto, tal mecanismo é mais simples, como coloca o próprio autor:

Obviamente, o caso seria mais simples se a aversão e a incapacidade de lembrar estivessem com o mesmo conteúdo. Além disso, os nomes substitutos já não me parecem tão inteiramente injustificados como antes da elucidação do assunto: Por uma espécie de compromisso, eles me lembram tanto aquilo que eu queria esquecer quanto o que eu queria recordar e indicam que a minha intenção de esquecer algo não foi nem um êxito completo nem um fracasso total (1966:22).

Para Freud, mesmo quando não temos um nome substituto, podemos induzi-lo por meio de um esforço de atenção dirigida, de tal forma que não há motivos para realizar uma separação teórica entre os *esquecimentos* que ocorrem com os nomes substitutos ou sem eles. Para Freud, caso aparecessem espontaneamente, eles exibiriam a mesma relação entre o elemento recalcado e o nome ausente. No entanto, nem todos os esquecimentos, segundo o autor, devem fazer parte de um mesmo grupo, motivados pelo recalque. Sua conclusão sobre os esquecimentos dos nomes próprios¹², por exemplo, nos parece bastante cautelosa e apropriada:

Não há dúvidas que existem exemplos muito mais simples. Penso que teremos enunciado os fatos com suficiente cautela se afirmarmos: junto aos casos simples de esquecimento de nomes próprios, existe também um tipo de esquecimento motivado pelo recalque (1966:25).

Talvez o ponto mais importante da análise realizada por Freud, para este estudo, seja o fato de que, além de o nome tocar em algo inesperado¹³ ao sujeito, de caráter afetivo, as relações se estabeleceriam por meio de associações superficiais (como a *ambiguidade* ou a *homofonia*). Dessa forma, muitas vezes, um nome é

¹² No capítulo 5, destinado ao estudo da relação entre memória e linguagem, retornaremos à questão dos nomes próprios.

¹³ Freud utiliza-se do termo “complexo” para descrever de que maneira as palavras se ligam afetivamente à sua história. Para o autor, complexos perturbadores mais efetivos são aqueles que tocam no complexo profissional (p.e. o esquecimento da palavra “Nervi”, no complexo familiar (p.e. o esquecimento de “Rosenhein”, quando sua irmã se chama “Rosa”), e no complexo pessoal (p.e. o esquecimento de outra pessoa que também se chamava Freud).

esquecido não somente porque ele desperta algum motivo, mas porque, em virtude da semelhança fonética, ele “toca um outro nome contra o qual se voltam esses motivos” (1966:48). O autor destaca, por exemplo, o propósito de evitar o desprazer.

Um nome com mais de um sentido e, portanto, pertencente a mais de um grupo de pensamentos (complexos) é muitas vezes perturbado em sua relação com uma seqüência de pensamentos, em virtude de sua participação em outro complexo mais forte (1966:56).

Essa afirmação pode ser crucial para questionar a dicotomia entre os aspectos sonoros e os aspectos semânticos presente nos estudos dos TOTs, que formam a base dos modelos cognitivos de processamento lexical. Apesar da relevância dessa hipótese, ela não é propriamente discutida na literatura revisada. O pensamento de Freud ainda será retomado neste livro, principalmente as suas implicações acerca das associações das palavras.

Para finalizar esta seção, ressaltamos que os estudos dos autores supracitados (James, Woodworth e Freud) já continham grande parte das questões que continuam a ser abordadas pelos pesquisadores contemporâneos, além de outras que se caracterizam como inéditas, justamente por abordarem o fenômeno em seu caráter qualitativo. Se, por um lado, os autores não optavam por um viés empírico que permitisse verificar e comprovar as hipóteses lançadas, por outro, percebe-se que os autores refletiam sobre o evento em seu caráter real, cotidiano, trazendo informações relevantes para

caracterizar funcionalmente a ocorrência dos TOTs, em contextos naturalísticos.

2. O pioneirismo de Brown e McNeill (1966) e seu impacto para os estudos posteriores

No artigo pioneiro de Brown e McNeill, “*The “Tip Of The Tongue Phenomenon”*”, de 1966, o método utilizado, de natureza quantitativa, consistia em avaliar os TOTs a partir da leitura de definições de palavras de baixa frequência da língua inglesa, para um grupo de sujeitos que eram previamente instruídos sobre a pesquisa. O sujeito deveria indicar se sabia a palavra ou, caso a palavra-alvo “não viesse à tona”, deveria dizer se não sabia de fato ou, então, se estava em *estado de TOT*. Este procedimento metodológico, referido pelos autores como “*prospecting*”, foi tão bem-sucedido que instaurou um novo paradigma metodológico nesse campo de estudos.

Os pesquisadores buscavam informações – *pistas* – que o sujeito pudesse dar sobre a lembrança da palavra, tais como o número de sílabas, a letra inicial, palavras com som ou significado similares e, principalmente, pistas que se baseiam em duas formas de “*retomada genérica*”: a retomada, por parte do sujeito, de partes da palavra-alvo e a retomada da forma abstrata da palavra.

No exemplo citado no referido artigo, para a palavra “*sextant*¹⁴” (*sextante*), é lida a seguinte definição: “*instrumento de navegação utilizado para medir*

¹⁴ Definição utilizada originalmente em inglês: *A navigation instrument used in measuring angular distances, especially the altitude of the sun, moon, and the stars at sea.*

distâncias angulares, especialmente a altitude do sol, da lua e das estrelas, quando se está no mar". Tal definição, no artigo de Brown e McNeill, eliciou nove estados de TOT, em que surgiram palavras com sentido semelhante, tais como "astrolab", "compass", "dividers" e "protactors" e palavras com sons parecidos, tais como "secant", "sextet" e "sexton".

De acordo com os autores, nesse modelo, marcadores semânticos¹⁵ como "navigation instrument" ou "having to do with geometry" eliciariam as palavras semanticamente relacionadas. É válido citar que, para eles, essa seria a primeira retomada parcial da palavra. Somente após essa primeira retomada é que os aspectos fonológicos assumiriam o papel principal, o que explicaria o surgimento de palavras com sons similares ao alvo. No caso dos TOTs, inicialmente teríamos uma "carta" com a palavra "sextant", porém de forma incompleta. No exemplo dado pelos autores, a carta poderia conter as informações "duas sílabas, inicial S e final T", o que equivaleria a uma entrada tipo S _ _ T. Portanto, seria a presença incompleta da palavra – presença inicialmente definida por aspectos semânticos – que possibilitaria a sensação da palavra na *ponta-da-língua*, podendo servir de base para uma segunda retomada (e eventual preenchimento) da palavra desejada.

Contendo essas três informações (duas sílabas, inicial S e final T), o sujeito seria capaz de, em uma segunda retomada, julgar se outras palavras de som

¹⁵ Os autores citam, como referência teórica, os trabalhos de Katz e Fodor (1963).

semelhantes estão mais próximas ou distantes do alvo, caso elas atendam a parte dos pré-requisitos citados, tais como “*secant*”.

No mesmo artigo, a ideia de uma entrada incompleta – tal como S__T – é modificada, como se nos cartões alguns dados da palavra estivessem escritos de forma “fraca”, tais como “*SextanT*” (com as letras sem negrito representando entradas fracas). Essa modificação ocorre em virtude das retomadas espontâneas da palavra. Para os autores, as sobreposições de sons de palavras similares ao alvo ajudariam na retomada das características faltantes da palavra, o que é evidente quando afirmam que “*when secant is retrieved, the target entry grows from SextanT to SExtANT*”. Uma última ideia apontada, mas não aprofundada, é de que as palavras poderiam estar em diferentes entradas lexicais, como se estivessem em mais de um cartão.

Um ponto a ser ressaltado é que os próprios autores reconhecem a dificuldade de situar os estudos dos TOTs no arcabouço metodológico empírico-quantitativo, pois “*the data present problems of analysis that are not common in psychology*” (1966:328). Esses problemas se originam do fato de que nem sempre as palavras eliciariam TOTs em todo o grupo de sujeitos de pesquisa e de que esses sujeitos variam em sua susceptibilidade aos TOTs. Os autores chamaram essas dificuldades, no campo da teoria estatística, de *fragmentary data problem*. No entanto, dizem que a melhor coisa a fazer para contornar a questão é reportá-los da forma mais completa possível, analisando suas diferentes variáveis.

Ainda com relação ao método empírico-quantitativo, soma-se o fato amplamente reconhecido

(Brown, 2012) de que as instruções dadas ao sujeito da pesquisa influenciam diretamente as performances encontradas, principalmente quanto às informações periféricas e também quanto ao surgimento de outras palavras que podem estar relacionadas aos TOTs. No trabalho de Widner et al. (1996), por exemplo, alguns sujeitos eram informados de que as palavras-alvo eram fáceis, enquanto a outros era dito que seriam difíceis. Como resultado, aqueles que acreditavam que as palavras-alvos eram fáceis tiveram três vezes mais TOTs que os outros¹⁶.

É importante ressaltar que os autores reconheciam e explicitavam as limitações da coleta e da análise de dados, assim como as limitações do modelo teórico utilizado. Essa postura é diversa, conforme veremos adiante, de estudos mais atuais, que menosprezam tais limitações e buscam generalizações do fenômeno em sua manifestação concreta, sem considerar os limites das pesquisas realizadas, quase que exclusivamente, nos laboratórios.

3. Os estudos sobre os TOTs após o trabalho de Brown e McNeill

Logo após a publicação do artigo de Brown e McNeill, nos anos 70, os poucos trabalhos sobre os TOTs foram realizados por interessados nas afasias e na metacognição. Já nos anos 80, autores como Jones (1989) e Reason e Lucas (1984), interessados em propor modelos

¹⁶ Segundo Schwartz (2002:41), existem duas interpretações para este resultado: "First, participants may have been reporting TOTs even when they were not really experiencing them just to appear better educated. Second, the greater stress associated with the expectation of easy questions may have indeed induced TOT experiences"

sobre o esquecimento, são os principais pesquisadores acerca do tema (Schwartz e Brown, 2014).

Na década de 90, o volume de artigos publicados cresceu exponencialmente. Destacamos aqui o artigo de Brown (1991), que cobre os trabalhos sobre os TOTs até aquele ano. Outro artigo bastante importante foi lançado em 1991, por Burke et al, propondo uma etiologia para a ocorrência dos TOTs conforme veremos adiante, chamada de “*transmission déficit*”. Além desses autores, também se destacam aqueles que buscam aproximar os TOTs do terreno da metacognição. Nos anos 2000, estima-se que a cada dois meses tenha surgido um artigo publicado sobre os TOTs. De acordo com Schwartz e Brown (2014), uma pesquisa feita sobre publicações entre 2010 e 2012 nos mostra que este número não tem diminuído.

Na atualidade, vê-se uma guinada dos estudos nas Neurociências, como um campo que pode promover uma evolução no estudo dos TOTs, refletindo o que Foucault (1970) considera como a *vontade de verdade* de uma época e que pode ser atestada em muitos trabalhos relacionados à linguagem. Para Novaes-Pinto (2009), essa tendência se constitui como uma espécie de *neo-localizacionismo* em que as primitivas técnicas utilizadas no século XIX, por Gall e outros cientistas, são substituídas pelas modernas técnicas de neuroimagem.

Na maior parte dos artigos publicados, o procedimento “prospectivo” de Brown e McNeill (1966) é adaptado para que o indivíduo responda diretamente ao experimento exibido em um computador, na tentativa de dar mais objetividade ao método. As demais modificações dizem respeito ao tipo de informações previamente apresentadas aos sujeitos e também ao modo

de apresentação. Percebe-se que, atualmente, os experimentos se utilizam de figuras, sons, Totmails¹⁷, músicas, fotos, pares de palavras associadas e até mesmo odores, visando a eliciação dos estados de TOT.

Um tipo diferente de estudo é aquele realizado por meio de anotações em *diários* que, embora em número expressivamente menor, tem se constituído como uma importante metodologia para a análise dos TOTs, devido ao seu caráter naturalístico. Os próprios autores (Brown e McNeill, 1966) se utilizaram do *diário*, mas chegaram à conclusão de que, devido à assistemática na ocorrência do fenômeno, seria necessário uma forma de estudá-lo nos laboratórios. No diário, o sujeito deve anotar as ocorrências de TOTs durante um período pré-estabelecido. Como essa ocorrência não pode ser prevista, é aconselhável que o sujeito carregue consigo um caderno de anotações para registrar os dados.

De acordo com Schwartz (2002), os principais achados dos estudos por meio de diário são os seguintes: a maioria dos TOTs é acompanhada de fortes sensações; são ocorrências tipicamente acompanhadas da sensação de iminência da chegada palavra; são geralmente eliciados por nomes próprios; muitas vezes são acompanhados de palavras que parecem bloquear a palavra desejada; quase todos são resolvidos de maneira espontânea, embora a procura ativa da palavra desempenhe papel importante e, finalmente, sua ocorrência aumenta diretamente com a idade dos sujeitos.

¹⁷ Os Totmails fazem parte de um método de eliciação do fenômeno e referem-se a animais inventados que são associados a nomes, alimentação e hábitos próprios. Desta forma, pede-se ao sujeito que, após a apresentação associativa dos estímulos, recorde os nomes citados.

Por meio desses estudos em diário, as seguintes conclusões foram estabelecidas: que os TOTs surgem ao menos uma vez por semana (Brown, 2012) e que, em média, são resolvidos dentro de 10 minutos (Burke et al, 1991). Porém, parece ser um viés desses resultados o fato de que os sujeitos que estão participando da pesquisa estão concentrados em relatar o surgimento dos TOTs e que o estado de atenção exigido no ambiente de pesquisa pode influenciar as próprias características do seu surgimento, principalmente a frequência de ocorrência.

Um estudo clássico, dentre os realizados em diário, é o de Reason e Lucas (1989), que retoma a tradição de estudos naturalísticos de Woodworth e Wenzl. Reason e Lucas tinham como objetivo pesquisar como as palavras alternativas que surgem como bloqueadoras da palavra desejada interferem no processo.

Ainda que se utilizem de perguntas semelhantes aos estudos laboratoriais e que, muitas vezes, sejam utilizados apenas para a elaboração de hipóteses que serão testadas em laboratório, esses estudos em diário oferecem uma visão sobre os TOTs no uso efetivo da linguagem cotidiana. Pode-se questionar, a partir do estudo em diário, em que medida a artificialidade do método distorce o fenômeno.

4. Síntese dos principais achados sobre os TOTs na literatura tradicional

Boa parte das características dos TOTs descritas até aqui já foram analisadas “cientificamente”. Devido a uma combinação entre estudos em diários e estudos realizados nos laboratórios, acumulou-se um importante

conhecimento a respeito do fenômeno, principalmente relativo à sua descrição. Talvez a mais importante característica dos TOTs seja justamente aquela reveladora de sua *funcionalidade*. A maioria dos estudos demonstra que a taxa de recuperação da palavra-alvo é maior nos TOTs, quando comparada à recuperação fora dos estados de TOT. Ou seja, se os TOTs não predizem se a palavra será ou não recuperada, ao menos há uma indicação de que facilitam a sua recuperação.

Por meio da leitura dos trabalhos de Brown (2012), Brown (1991), Brown e Schwartz (2014) e Schwartz (2012), podemos dizer que algumas características dos TOTs já estão suficientemente descritas na literatura, por exemplo: os TOTs são eliciados por diferentes tipos de informação; ocorrem mais ou menos uma vez por semana nos estudos em diários, sendo mais frequentes em nomes próprios e nos falantes bilíngues. Já nos estudos realizados em laboratórios, a sua ocorrência depende de um processo de eliciação e se efetiva em aproximadamente 10% a 20% das tentativas.

Quanto às informações consideradas periféricas (a letra que inicia a palavra, quantas sílabas a palavra tem, dentre outras), essas acompanham cerca de 60% dos TOTs nos estudos em diário e 40% nos laboratórios. Frequentemente é possível predizer a classe gramatical dessas palavras; em quase metade dos casos podemos acertar a primeira letra da palavra ausente e em quase metade deles podemos inferir o número de sílabas.

Sobre a resolução dos TOTs, existem grandes diferenças entre os estudos de diário e os estudos no laboratório. No primeiro caso, afirma-se que 90% dos TOTs são resolvidos, com uma média de 20 minutos para

produzir a palavra-alvo, enquanto que no segundo resolvem-se apenas 40% deles¹⁸, sendo de 20 segundos o tempo médio (Brown, 2012) do experimento. A maioria das palavras, durante os testes, simplesmente *aparece* como um *pop-up*.

Com respeito à categorização, os TOTs podem ser classificados em intensidade (fortes ou fracos), em sensação de proximidade com a palavra desejada (próximos ou distantes), quanto à iminência (iminentes ou não iminentes), quanto ao tempo (breves e prolongados), quanto à presença ou ausência de informações periféricas (objetivos e subjetivos) e mesmo quanto à “emoção envolvida” (emocionais e não-emocionais). Pode-se dizer, de antemão, que essas categorias refletem os diferentes pontos de vista teóricos. Algumas categorias atendem somente às necessidades metodológicas das pesquisas. Um exemplo disso seriam os TOTs *positivos* e *negativos*, sugeridos primeiramente por Brown e McNeill (1966), que corresponderiam a saber (ou não) se a palavra que eliciou o TOT, mediante a definição apresentada, corresponde àquela que os pesquisadores tinham em mente. Dito em outras palavras, o TOT será positivo quando a palavra-alvo eliciada pelo pesquisador for igual àquela do sujeito pesquisado. É importante ressaltar que pesquisadores frequentemente excluem de seus estudos os TOTs que não correspondem à palavra-alvo esperada,

¹⁸ Para fins de organização textual, analisaremos estas acentuadas diferenças metodológicas e sua implicação para os estudos do TOTs no capítulo dedicado à metodologia.

considerando a ocorrência do fenômeno para fins de análise apenas quando são coincidentes.

Da mesma forma, o TOT será considerado objetivo quando vier acompanhado de informações periféricas, sendo considerado subjetivo na ausências dessas demais informações. Essa categorização também atende à necessidade metodológica dos pesquisadores, visto que essa dicotomia é fundamentada no fato de que, quando os TOTs vêm acompanhados, as informações periféricas confirmam que o alvo para o sujeito é o mesmo para o pesquisador. O TOT sem demais informações seria subjetivo pelo fato de que somente o sujeito poderia confirmar se a palavra procurada coincide, ou não, com aquela desejada pelo pesquisador.

Conforme veremos pelos nossos dados, não faz sentido, neste trabalho, considerarmos os TOTs como positivos ou negativos. Mesmo que o pesquisador tente eliciar uma determinada palavra e o sujeito fique com uma outra na *ponta-da-língua*, trata-se de uma nova oportunidade para que o pesquisador tente inferir sobre a palavra que os dois não sabem, o que se dá por meio do diálogo. Também não dividimos os TOTs em subjetivos e objetivos, pois entendemos que todos os TOTs são eventos subjetivos, que podem ou não estar acompanhado de demais informações.

4.1 A importância da metáfora na definição dos TOTs

Definir os TOTs é uma tarefa mais difícil do que parece, apesar de se saber muito bem, no senso comum, o que se quer dizer quando alguém se refere à metáfora da

palavra na *ponta-da-língua*. De modo geral, mesmo nas pesquisas recentes, os TOTs são definidos da mesma forma que em Brown e McNeill (1966:327):

In this experiment we are concerned with that state of mind in which a person is unable to think of a word that he is certain he knows the state of mind in which a word seems to be on the tip of one's tongue. [...] If you are unable to think of the word but feel sure that you know it and that it is on the verge of coming back to you then you are in a TOT state...

Acreditamos que a forma como Brown e McNeill se expressam sobre o fenômeno é bastante positiva – os autores utilizam ricas metáforas para traduzir o fenômeno, ao dizer que “the signs of it were unmistakable”, caracterizando o TOT como um “mild torment, something like the brink of a sneeze”. Este tipo de descrição é referido nos estudos de Brown (1991, 2012) como “colorful descriptions”. Acreditamos que isto se dê por uma conjuntura de fatores, não somente pelo viés abstrato que o fenômeno assume nos laboratórios, mas também por uma visão extremamente dissociativa das funções psicológicas, como podemos ver no comentário de Brown (2012:23) sobre o tema; “Furthermore, emotionality (frustration, excitement) may relate more to situational and personality variables than to cognitive or memory function”.

Como já pode ser entrevisto, tomamos outro caminho neste estudo. Buscando compreender as ricas descrições e valorizando a metáfora que nomeia o fenômeno, veremos como o principal aspecto que diferencia os TOTs das demais dificuldades de encontrar palavras é justamente a sensação da palavra na *ponta-da-*

língua, com todos os aspectos emocionais que as caracterizam.

Diversas expressões que acompanham a ocorrência de TOTs foram registradas ao longo desta pesquisa, tais como: “tá aqui, na pontinha”, ou “quase saindo”, “quase aqui”, que indicam que a palavra está iminente. Também foi dito que “a palavra fugiu”, “foi”, ou mesmo algo como “perdi a palavra que estava aqui” (mostrando com o dedo a ponta da língua ou indicando a cabeça). Grande parte das vezes, o sujeito alude à memória dizendo algo como “esqueci” ou “deu branco”, sugerindo que se trata de uma falha de memória. É muito relevante o relato, a esse respeito, de pessoas que disseram que “a memória estava piorando” e que “se lembrar das palavras fica cada vez mais difícil”. Percebemos que ora as expressões remetem à linguagem, ora à memória, fato que analisaremos com mais profundidade no quinto capítulo.

Schwartz (1999) fez um interessante estudo em que refletia sobre a universalidade dos TOTs, avaliando a própria metáfora. Ele solicitou que nativos de diferentes línguas dissessem qual expressão em seus idiomas era a mais próxima da metáfora inglesa “on the tip of the tongue”. Como veremos a seguir, seus resultados são instigantes.

Dentre as 51 línguas pesquisadas, 45 usam uma expressão ligada a “língua”; em sua grande maioria, como falamos em Língua Portuguesa, um equivalente a “na ponta-da-língua”. Em italiano, *sulla punta della lingua*. Em outras línguas há interessantes variações, que podem ser traduzidas em inglês como “at the head of the tongue”, “I have lost it in my tongue”, “front of the

tongue”, “on the top of my tongue”, “on the tongue” e à criativa metáfora coreana “sparkling at the end of my tongue” (Schwartz, 1999:382). Ainda de acordo com o mesmo autor, é interessante perceber que também existem expressões que não se referem à língua, mas a boca ou à cabeça, como em “in the mouth” ou em “hole in the head”.

É muito importante, assim, que o uso da própria metáfora seja também considerado na definição dos TOTs, uma vez que indica a percepção dos falantes sobre o processo. É interessante, ainda, destacar que a expressão “na *ponta-da-língua*” pode servir tanto para a falta da palavra, fenômeno que vimos tratando neste trabalho, quanto para a absoluta presença de algo memorizado e que não demanda esforço algum para ser produzido – um poema, um verso.¹⁹

Algumas pesquisas parecem ter se equivocado ao definirem os TOTs somente a partir dos resultados de experimentos. Entretanto, o que mais chama a atenção é o fato de que alguns autores têm postulado características e categorias que vão contra a própria caracterização do fenômeno, tais como aquelas que propõem a existência de “TOTs não iminentes”. Dizer que os TOTs podem ser “não-iminentes” é uma definição que se afasta não só do sentido da metáfora, mas também do próprio fenômeno, visto que “ser iminente” é constitutivo do processo²⁰.

¹⁹ Em uma rápida consulta ao dicionário Michaelis (2014), encontramos que “saber na *ponta-da-língua*” significa “saber muito bem” ou “saber perfeitamente”. O outro uso, relativo ao fenômeno TOT, não está descrito neste dicionário.

²⁰ Esta questão da iminência será mais adiante discutida, inclusive com relação a outro fenômeno, o chamado “Feeling Of Knowing”, no capítulo 5.

As metáforas relativas aos TOTs, em diferentes línguas, de uma forma ou de outra, fortalecem nossa hipótese de uma sensação ligada ao corpo, parte inalienável de uma definição coerente sobre o fenômeno. Outra característica importante, destacada nesta pesquisa, é que a de que o TOT sempre será um evento que ocorre na enunciação, no diálogo, mesmo que seja em um diálogo do sujeito consigo mesmo, conforme veremos no capítulo 4, dedicado ao aprofundamento do conceito de *diálogo* e de suas implicações teórico-metodológicas.

4.2 As possíveis explicações para a ocorrência dos TOTs na literatura contemporânea

Existem duas linhas teóricas principais que buscam explicar a causa da ocorrência dos TOTs. Uma chama-se “teoria do acesso direto” (*direct access theory*) e a outra de “perspectiva inferencial” (*inferential view*). A primeira argumenta que a causa dos TOTs é uma ativação insuficiente no processo de recuperação da palavra, porém suficiente para gerar um TOT; já a segunda não se baseia diretamente na acessibilidade da palavra-alvo, mas sim nas informações que podem ser reunidas através de um complexo sistema inferencial capaz de informar ao sujeito se a palavra seria potencialmente recuperável (Schwartz, 2012). A diferença entre essas etiologias tem importantes implicações para os TOTs:

For example, if a TOT is simply a point on a continuum from weak representation to a strong representation, it may not necessarily serve any useful function in cognition, and may only be a simple failure in the retrieval process. On the other hand, if a complex inferential system has evolved to allow us to

experience TOTs, it may serve important functions in the regulation of cognitive and linguistic processes (Schwartz, 2012:51)

Enquanto a primeira hipótese se utiliza de explicações mais ligadas ao campo de estudos do acesso lexical – dentro do campo da psicolinguística (onde se vê claramente que a opção de dividir a língua em níveis não é apenas um mecanismo analítico) –, o segundo grupo tem como base modelos metacognitivos, responsáveis pela avaliação da possibilidade de recuperação da palavra.

4.2.1 Teoria do Acesso Direto (Direct-Access)

Dentro do grupo mais amplo, reconhecido como “Teoria do Acesso Direto”, iniciaremos com a apresentação da “hipótese da ativação incompleta”, que se originou no estudo citado de Brown e McNeill (1966), que, conforme vimos anteriormente, propõe que a palavra-alvo tem ativação suficiente para acessar um “conjunto de cartas” com um mesmo marcador semântico, sendo que na *carta* em que está a palavra desejada faltariam algumas informações.

O segundo modelo de explicação compatível com os estudos dos TOTs é chamado “The blocking perspective”. Nesse caso, os TOTs sugerem um esforço direcionado às palavras que não se referem ao alvo, como se as palavras incorretas (*blockers* ou *interlopes*) desviassem a atenção da palavra-alvo de maneira competitiva. Assim sendo, enquanto no primeiro modelo as palavras semelhantes ajudariam na resolução dos

TOTs, nesta segunda perspectiva as palavras relacionadas aumentariam a dificuldade para se chegar à palavra esperada.

Há ainda uma terceira perspectiva, chamada de “transmission deficit model”, centralizada nos trabalhos de Burke e colaboradores²¹, na qual, de acordo com Schwartz (2002:52), “TOTs occur when there is activation of the semantic component of a word, but the priming does not pass to the phonological level of the word”. Como o nome do modelo já diz, ocorreria uma deficiência na transmissão, ou seja, quando uma determinada representação de um componente semântico está ativada, mas não há ativação completa da representação fonológica da palavra-alvo²².

Essas três possíveis explicações ao surgimento dos TOTs dão relevância primordial à “ativação” da palavra, bem como às palavras relacionadas que surgem enquanto buscamos a palavra-alvo. Como questões relativas à fenomenologia dos TOTs não são propriamente abordadas nesses modelos, outro grupo de explicações se fez necessário.

4.2.2 A perspectiva inferencial

Neste segundo grupo de possíveis explicações para os TOTs, os sujeitos inferem a palavra-alvo a partir de um grupo de indícios que informam o que estaria na *memória*. De acordo com Schwartz (2002:65-66):

²¹ Burke et al (1991) ; James e Burke (2000); Rastle e Burke(1996), etc.

²² Quem tiver interesse em aprofundar-se na compreensão desses modelos, poderá reportar-se ao texto “Node Structure Theory” (Mackay, 1987 *apud* Brown, 2012), que serve de base ao chamado “Transmission Deficit”.

The clues that are used to make inference may include the cue, which may include the question itself and information implicit in the question (e.g. Metcalfe et al., 1993), retrieved partial information about the target (Koriat, 1993), or any generated information related to the target name. [...] The inferential approach assumes that TOTs are caused by a process in addition to the retrieval process.

De acordo com Brown (2012), existem duas versões não mutuamente exclusivas dessa perspectiva inferencial sobre os TOTs, uma chamada de “cue familiarity” e outra chamada de “accessibility heuristic”. Em resumo, pode-se dizer que a primeira (Metcalfe et al, 1993) se baseia em quão familiar é uma pista dada (em um teste, por exemplo), seja esta de domínio geral ou específico. Em outras palavras, quanto mais conhecimento um sujeito tiver sobre uma área particular, mais probabilidade ele tem de entrar em um estado de TOT. A segunda (Brown, 2012), considera que todas as informações parciais sobre a palavra (primeira letra, sílabas etc...) podem levar a um TOT, não importando se estas partes estão efetivamente ligadas com a palavra alvo.

Uma crítica que se pode fazer a este segundo grupo de explicações é que nem sempre os TOTs surgem diante de uma questão, de uma pergunta, tal qual no contexto dos experimentos. No cotidiano, os TOTs irrompem em diferentes situações. Existe uma diferença entre o TOT eliciado por um pesquisador, mediante uma pergunta, e o TOT que simplesmente ocorre, como veremos nos dados analisados mais adiante. Estes são pontos imprescindíveis com os quais dialogaremos,

enquanto progredimos na reflexão, buscando refinar o entendimento do fenômeno.

Concluindo e comentando...

Neste capítulo, a partir das referências mobilizadas, percebe-se que diferentes concepções sobre os TOTs foram desenvolvidas desde aquelas presentes nos estudos originais – como os de Freud, Woodworth e Wenzl. Podemos dizer que os estudos atuais tornaram-se dissonantes dos primeiros, justamente pelo pretense caráter científico que reivindicam, corroborado pelo uso de uma metodologia empírica, por sua vez fundamentada em questões como *sistematicidade* e *repetibilidade* dos fenômenos.

As críticas de Brown e McNeill (1966:326), ao abordar os estudos de Woodworth e Wenzl, revelam a opinião que os pesquisadores, em geral, têm sobre os estudos qualitativos:

Wenzl and Woodworth had work with small collections of data naturally occurring TOT states. This data were, for most part, provided by the investigators: Were collected in a unsystematic fashion: And were analysed in an impressionistic non quantitative way [...].

De certa maneira, observa-se uma ruptura na forma de estudar os TOTs, motivada por uma concepção de ciência que desconsidera variáveis de caráter subjetivos e ideológicos, ligadas ao evento no seu acontecimento único e irrepetível.

Conforme pretendemos argumentar no próximo capítulo, tal mudança de concepção teórica se encontra, metodologicamente, desde o seu início, presa às bases do

trabalho de Brown e McNeill. Se, por um lado, este trabalho tem o mérito de ser pioneiro ao propor uma metodologia amplamente replicada e bem sucedida dentro de um paradigma quantitativo, daí decorre que os estudos que se seguiram concentraram esforços em um mesmo tipo de condução, tornando monológico²³ o discurso sobre os TOTs. Neste contexto monológico, muitas vezes se esquece de características fundamentais sobre o fenômeno, como resultado de uma escolha metodológica que não deve ser generalizada.

Uma revisão crítica do *estado da arte* com relação aos estudos dos TOTs nos leva, portanto, a verificar uma carência – talvez, melhor dizendo, uma ausência – de abordagens que: (i) tenham caráter qualitativo; (ii) concebam a linguagem e, conseqüentemente, o léxico, não como um sistema abstrato, mas constituído sócio-histórico-culturalmente; (iii) lidem com uma perspectiva enunciativa e dialógica; (iv) sejam compatíveis com a concepção de cérebro na qual a linguagem esteja intrinsecamente relacionada às demais funções complexas superiores.

O próximo capítulo lidará com o primeiro ponto, defendendo como uma outra metodologia, de caráter qualitativo, aliada a uma perspectiva histórico-cultural de entendimento da linguagem, possibilita outro olhar para o fenômeno, que só se torna possível de outro posto de observação.

²³ Utilizaremos o termo “discurso monológico” para nos referirmos ao discurso que se situa no extremo oposto do discurso dialógico (SOBRAL, 2009). Apesar de não existir em sua forma pura, pois não há discurso constituído em uma só voz, o estudo monológico se volta para a “neutralização” das vozes que o constituem, “criando o efeito de instauração de uma só voz como dominante” (2009:38).

2. POR UMA CONCEPÇÃO TEÓRICO- METODOLÓGICA DO PROCESSO

*Pedrinha miudinha
Pedrinha de Aruanda ê
Lajedo, tão grande
Tão grande de Aruanda ê
(...)*

*Uma é maior
Outra é menor
A miudinha é que nos alumeia*

“Pedrinha” Canção de domínio Público (Ponto dos boiadeiros), sem data. Cantada por Teresa Cristina, dentre outros

O artigo de Brown e McNeill (1966) representou um grande avanço nos estudos dos TOTs, como já dissemos no primeiro capítulo, decorrente não apenas do seu pioneirismo no tema, mas também por propor uma metodologia quantitativa e experimental, coerente com os paradigmas positivistas que marcaram o século XX. Este avanço é reconhecido e

valorizado em nossa pesquisa, na medida em que ajudou a compreender as características que se configuraram como consenso entre os pesquisadores.

Como os procedimentos metodológicos desenvolvidos pelos autores se tornaram um paradigma para os estudos dos TOTs – um discurso monológico na área – torna-se necessária uma reflexão a respeito dos seus limites, uma vez que seus resultados e análises geram modelos abstratos e generalizantes, que não correspondem à complexidade dos fenômenos nas situações “reais”, de uso efetivo da linguagem. Embora reconheçamos a importância desses modelos como parte de um aparato científico, questionamos seus efeitos na própria caracterização do fenômeno.

Bakhtin (1997:290), a esse respeito, afirma que os modelos não são completamente errados e que alguns de seus aspectos podem até corresponder à realidade. Entretanto, na medida que pretendem representar o “todo real da comunicação verbal”, perdem o seu caráter abstrato e correm o risco de se tornar *ficção científica*.

Considerando este cenário, propomos olhar os TOTs a partir da perspectiva qualitativa, coerente com as teorias histórico-culturais que fundamentam o trabalho, como será visto nos demais capítulos. Para isso, nos fundamentamos nos princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, que apresentamos a seguir.

1. A Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva

A Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, também referida como Neurolinguística Discursiva, é constituída por um conjunto de teorias (e práticas) que se distanciam da visão organicista de linguagem, postulando um sujeito sócio-histórico. Concebe a língua, o discurso, o cérebro e a mente como inter-relacionados (Coudry, 2008).

Depois de revisitar criticamente as teorias e as práticas linguísticas mais utilizadas nos estudos tradicionais das afasias, Coudry (2001:86²⁴) funda uma neurolinguística de orientação discursiva, respaldada, dentre outras fontes, na neuropsicologia luriana e na concepção de linguagem explicitada por Franchi (1977), para quem a sua natureza é indeterminada e constitutiva do próprio sistema da língua e dos sujeitos. Interessa a essa Neurolinguística estudar a linguagem em estados normais ou patológicos, seja em processos de aquisição pela criança (da oralidade ou da escrita), no envelhecimento normal e nas patologias, dentre as quais a *afasia* – tema especialmente relevante na nossa área. Trata-se de uma perspectiva que considera a linguagem como um trabalho conjunto, de natureza dialógica, que pressupõe a existência de um “outro”; trabalho realizado

²⁴ Texto original de 1986, defendido como tese de Doutorado em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP, publicada em livro com título homônimo, em 1988: *Diário de Narciso: discurso e afasia*.

com/sobre um sistema aberto, esculpido através dos enlaces históricos compartilhados.

Nessa concepção, as condições de produção são consideradas constituintes do enunciado – seja o contexto enunciativo (com quem se fala, o tema, os conhecimentos pressupostos e compartilhados), seja aquele de natureza cognitiva – como o nível de atenção, a percepção, a memória, o estado de humor, o nível de estresse etc. Assim como propõe Luria, a linguagem é uma função superior complexa, intimamente relacionada com as demais funções psicológicas.

Os princípios que caracterizam tal concepção são muito relevantes para esta pesquisa, como poderemos depreender nas escolhas dos dados e nas análises propostas, mas julgamos especialmente importante destacar a noção de *sujeito*, citando inicialmente Coudry (2001:67):

O sujeito não é alguém que é soberano em relação à língua, nem seu criador. Mas também não é um repetidor ou reproduzidor. Nem deus nem máquina. O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo, múltiplo: Ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, linguístico. Todos esses aspectos convivem no sujeito apesar da especificidade de cada um.

Para complementar, recorreremos também à noção de *sujeito situado* (Sobral, 2005), já referida nos trabalhos de Novaes-Pinto (2009) e inspirada pelo pensamento de Mikhail Bakhtin:

A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção

“negociada” do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido quanto um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido (Sobral, 2005:22).

Disso decorre que não se trata nem de um *sujeito assujeitado* e nem daquele *fonte do sentido* e senhor de si, concepção que será aprofundada no Capítulo 4.

2. Uma perspectiva metodológica coerente com a abordagem histórico- cultural

Não faremos, neste momento, uma análise valorativa entre os paradigmas quantitativo e qualitativo²⁵. O objetivo, neste capítulo, é retomar algumas questões sobre como o fenômeno dos TOTs vem sendo abordado e nos posicionar frente à necessidade de se eleger uma metodologia compatível com os pressupostos teóricos que apresentamos. Abordagens qualitativas e quantitativas podem até se complementar, desde que amparadas por boas análises, como já apontava Vygotsky (2009) e como afirma Abaurre (1998:231):

[...] Que informações relevantes para a compreensão do processo poderiam ficar escondidas nos dados quantitativos e ser eventualmente reveladas por análises mais centradas em

²⁵ Vários trabalhos nas área de psicolinguística e neurolinguística já abordaram essas questões, dentre os quais citamos Perroni (1986), Novaes-Pinto (1992; 1999) e Cazarotti-Pacheco (2013).

casos, em episódios, em eventos singulares por vezes ricos de valiosos indícios do processo que se busca entender? É claro que a questão pode ser formulada também ao contrário: O que os estudos de dados episódicos não conseguem ver sobre o processo de aquisição? Penso que as duas medidas devem ser, em certa medida, complementares.

O referencial histórico-cultural ao qual nos remetemos tem como fio condutor os estudos de Bakhtin (1997) e de Vygotsky (2009). De acordo com Freitas (2010), tal abordagem busca compreender os sentidos construídos e compartilhados historicamente, nas práticas sociais.

Com relação ao método, Vygotsky (2009) assinala que apenas a *descrição* de um fenômeno não basta; precisa ser complementada por uma *explicação*. Os fatores externos – os *fenótipos* de um fenômeno – podem (e devem) ser descritos, mas há que se estabelecer relações causais entre eles, que expliquem os processos em sua gênese - seus *genótipos*. Isto implica em compreender os seus aspectos dinâmico-causais, transformadores do fenômeno em seu processo histórico. A necessidade de abordar problemas científicos de forma diferente da usual na psicologia é ressaltada pelo autor, levando inevitavelmente a “novos métodos de investigação e análise” (2009:59).

Coerente com essa interpretação histórico-cultural dos processos humanos, destacamos a necessidade de se proceder a uma *análise microgenética* dos fenômenos, sobre a qual Góes (2000:21) afirma que se constitui como

[...] uma forma de conhecer que é orientada para minúcias, detalhes e ocorrências residuais, como indícios, pistas, signos

de aspectos relevantes de um processo em curso; que elege episódicos típicos ou atípicos (não apenas situações prototípicas) que permitem interpretar o fenômeno de interesse; que é centrada na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos; e que se guia por uma visão indicial e interpretativo-conjetural.

Segundo a autora, essa análise não seria *micro* em referência à duração dos eventos, mas sim pela sua atenção às minúcias indiciais – pistas, signos de aspectos relevantes de situações que podem ser típicas ou atípicas (não apenas prototípicas) – e que pode orientar-se para o funcionamento enunciativo-discursivo. É importante esclarecer que procurar por minúcias indiciais não significa identificar elementos isolados (Góes, 2000). Mais do que a análise dos elementos e de suas leis de associação, a abordagem microgenética propõe o estudo das unidades definidas como instâncias que, sendo apenas parte, carregam em si propriedades do todo.

Uma forma de estudar dialogicamente os eventos, nessa abordagem, pode se dar por meio de recortes de sessões videogravadas, para posterior análise das minúcias indiciais presentes. Essa metodologia não representa apenas uma mudança no material de análise ou, ainda, na forma de registro dos dados. Trata-se de uma mudança que altera a relação entre o *pesquisador* e o *pesquisado* e que decorre da compreensão das ideias de Vygotsky (2009:74), segundo o qual o método é simultaneamente “pré requisito, produto, instrumento e resultado de um estudo” e da concepção de linguagem como um trabalho de natureza dialógica, que pressupõe a existência de um “outro” e de um sistema que é constituído socialmente, pelo trabalho conjunto dos sujeitos.

Para Bakhtin (1997), existe uma diferença crucial entre as ciências humanas e as demais ciências. Ao invés de o pesquisador se debruçar sobre determinado objeto e falar *sobre* ele, seu objeto é o homem, que não é um objeto mudo; deve-se falar *com* ele. A atividade de pesquisa deve constituir-se como um diálogo entre pesquisador e pesquisado, sem que o enunciado de um faça desaparecer o do outro. De acordo com Bakhtin (1997:355):

A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); aquele que pratica ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível específico (que depende da orientação da compreensão ou da pesquisa). [...] O observador não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado

O olhar *qualitativo* na composição de um trabalho científico, ao se ocupar do sujeito, inevitavelmente lhe lança um olhar *ético*, onde pesquisador e pesquisado têm a possibilidade de se transformar durante o próprio processo de pesquisa (Freitas, 2010). Voltaremos a essa questão no último capítulo deste trabalho, quando refletimos sobre as contribuições desta pesquisa para o campo terapêutico.

3. O estudo qualitativo dos TOTs na perspectiva histórico-cultural

Um dos objetivos que se delineou ao longo do trabalho, como já dissemos na introdução deste livro, foi

o de desenvolver expedientes metodológicos para a obtenção dos dados, de modo que estes possibilitassem análises qualitativas – princípio que sempre defendemos – coerentemente com a abordagem histórico-cultural. Como já dissemos até aqui, existem raros trabalhos de cunho qualitativo nesse campo de estudos.

Para Damico *et al* (1999:652)²⁶, as pesquisas qualitativas são um “feixe de práticas sistemáticas e interpretativas”, um leque ao qual pertencem o estudo bibliográfico, o estudo de caso, a análise da conversação, a etnografia, a metodologia histórica, dentre outros. Para o autor, o pesquisador pode utilizar uma diversidade de estratégias para olhar os dados, dentre as quais cita a *observação* e a *intervenção*. Damico *et al*. (1999:655) dizem que um dos pontos positivos do método qualitativo, particularmente nas ciências sociais, é a tradição de se estudar os fenômenos onde eles acontecem. Buscando compreender “como” os eventos acontecem, o pesquisador deve fornecer deles uma rica descrição, que possa levar a uma interpretação produtiva. Outro aspecto ligado ao caráter qualitativo é a “imersão” do pesquisador no processo (Simmons-Mackie e Damico, 2010), pois este passa a ser parte da experiência, a partir da qual se pode potencializar a descrição do evento. Dessa forma, o pesquisador também se desenvolve no processo de pesquisa, refinando sua capacidade de observar e descrever, de forma que a qualidade da pesquisa também dependerá do conhecimento,

²⁶ Os estudos de Damico e colaboradores foram inicialmente discutidos por Novaes- Pinto (2012) e Cazarotti-Pacheco (2013), dentre outros trabalhos da Neurolinguística enunciativo-discursiva que se interessam por questões metodológicas.

habilidade, prática e sensibilidade do pesquisador (Damico, 1999:225).

Os procedimentos metodológicos podem ter, assim, diferentes graus de intervenção do pesquisador. Julgamos interessante apresentar e discutir sobre esses procedimentos, incluindo dados que não somente ilustram as metodologias que desenvolvemos para o estudo dos TOTs, mas também familiarizam o leitor com o fenômeno. A reflexão foi dividida em quatro partes. As duas primeiras se referem a dados relatados em diário e no blog “As palavras na *ponta-da-língua*”, enquanto que as duas últimas se referem ao contexto de trabalho com sujeitos afásicos, desenvolvido no CCA.

3.1 A ocorrência dos TOTs em contextos naturais

Torna-se necessário separar, de início, dois tipos de registros de ocorrências de TOTs consideradas naturais: aquelas que foram gravadas ou registradas em diário e aquelas registradas pelos participantes do blog “As palavras na *ponta-da-língua*”.

Como muitos dados eram semelhantes quanto ao tipo de ocorrência, a seleção foi feita priorizando aqueles que revelavam aspectos que consideramos mais interessantes para o estudo, embora todos tenham tido relevância para a reflexão – desde a motivação pelo tema até sua conclusão. Em outras palavras, foram trazidos dados que consideramos singulares, uma vez que revelam aspectos do fenômeno e também da sensação que ele provoca.

3.1.1 *O registro de ocorrências de TOTs em diário*

De acordo com Simmons-Mackie e Damico (2010), existe uma tradição, dentro da pesquisa etnográfica, de reportar os fatos de modo que componham uma narrativa que explique e descreva o fenômeno estudado. São relatos mais semióticos do que estatísticos, que buscam prover ao leitor sensação semelhante ao sentido visado pelo pesquisador. Como Cada relato deve ser escolhido dentre vários, de modo a preservar, no singular, aspectos mais gerais do fenômeno.

Um expediente que consideramos essencial para a pesquisa, dentro da tradição acima explicitada, é o diário de anotações das ocorrências dos TOTs. O dado que se segue exemplifica uma situação do surgimento do fenômeno, em contexto cotidiano, anotado em diário:

Dado I: Transcrição de conversa ao telefone com LF, irmão do autor, que mora em outro país. Neste dado, LF diz que gostaria de encontrar seu irmão, mas se esquece do nome da cidade onde ocorreria o encontro.

Anotação em diário (25/02/1014)

Estava contando pro meu irmão sobre um congresso que iria ocorrer em Estocolmo. Tinha perguntado se ele gostaria de me encontrar lá; daí ele disse que adoraria ir, que poderíamos visitar juntos a Noruega, em... “está na ponta-da-língua”, ele me disse. Ele me perguntava qual era mesmo a palavra, mas eu não sabia dizer. Daí ele começou a falar que a cidade era nome de um filme, que era um filme premiado que ele havia assistido. Que era um lugar lindo, cheio

de atrativos. Vez ou outra ele falava “aquela, aquela lá”, como se fosse um lugar comum. Até que ele resolveu contar a história do filme e repentinamente falou “Oslo, 31, August”, revelando o nome do filme e da cidade ao mesmo tempo, com entusiasmo.

Foi interessante notar como a ocorrência do TOT tomou grande espaço na conversa, como se fosse até mais importante do que os outros tópicos desenvolvidos: o fato de que não nos falamos sempre e de que tínhamos muitos assuntos mais relevantes para conversar. Há outros aspectos presentes neste dado que se repetem em outros relatos e que serão oportunamente destacados.

No percurso da pesquisa, julgamos importante ampliar a metodologia, de modo a obter um número maior de dados que pudessem revelar outras características dos TOTs – seus contextos de emergência, as soluções encontradas pelos falantes na busca da palavra desejada, as sensações que sentiam etc. Veremos, a seguir, como o blog “As palavras na *ponta-da-língua*”, desenvolvido em consonância com a perspectiva histórico-cultural, contribuiu de forma relevante para que pudéssemos alcançar os principais objetivos da pesquisa, seja na caracterização do fenômeno, seja na compreensão das estratégias utilizadas pelos falantes na busca da palavra.

3.1.2 O blog “As palavras na *ponta-da-língua*”

O blog “As palavras na *ponta-da-língua*²⁷” teve como um de seus objetivos, como apontado anteriormente,

²⁷Para acessar o Blog “As palavras na *ponta-da-língua*”, basta ir para o endereço: <http://palavrasnapontadalingua.blogspot.com.br>

ampliar o número de dados que pudessem contribuir para a caracterização dos TOTs. Outros objetivos foram os de servir como ponto de apoio para a divulgação parcial do trabalho em andamento, hospedar o *link* para acesso ao protocolo de pesquisa e abordar assuntos relacionado às palavras na *ponta-da-língua*, com suporte de charges, vídeos, textos e entrevistas. Este instrumento de pesquisa foi divulgado em eventos científico-acadêmicos, visando não só compartilhar informações e achados sobre o tema da pesquisa, mas também para obter colaborações – relatos de ocorrências de TOTs²⁸.

Na medida em que a pesquisa ia sendo divulgada, as pessoas vinham nos contar (pessoalmente) sobre suas experiências mais marcantes com as *palavras na ponta da língua* e eram solicitadas, então, a fazerem seus relatos no blog, para que ficassem registrados e para que dessem mais detalhes sobre o contexto, as estratégias que usaram para encontrar a palavra desejada e outros detalhes, como veremos a seguir.

3.1.2.1 Descrição dos procedimentos metodológicos utilizados no blog

Descrevemos, em seguida, aspectos relativos à formatação e ao funcionamento do blog, com ênfase na sessão que permite ao visitante/usuário participar da pesquisa, relatando algum momento de ocorrência da palavra na *ponta-da-língua*. A página inicial do blog é a seguinte:

²⁸ Até março de 2015 o blog havia tido mais de duas mil visualizações. As postagens sobre os temas relacionados aos TOTs, linguagem, memória, dentre outros, foram feitas, em média, a cada dois meses.

As palavras na ponta da língua

The Tip Of The Tongue Phenomenon

Quantas vezes nos deparamos com a necessidade de falar determinada palavra que não “lembramos” e temos aquela sensação de que ela está na ponta da língua? Algumas vezes, sabemos até os fonemas iniciais ou as primeiras letras; geralmente, nos vêm à mente outras palavras (que às vezes chegamos a produzir em voz alta) e até mesmo sensações vagas, mas certamente relacionadas de alguma forma à palavra desejada. Recorremos à lembrança de rostos, situações, estórias, na tentativa de trazê-la à tona. Temos a percepção de saber a palavra, de “saber que se sabe”, mas não conseguimos evocá-la no momento adequado. Apesar de parecer algo muito intuitivo, este fenômeno tem sido alvo de pesquisas no campo da neuropsicologia e da neurolinguística, pois sua descrição e análise podem ajudar a compreender aspectos relevantes do funcionamento semântico-lexical.

QUARTA-FEIRA, 1 DE AGOSTO DE 2013

Quipu...

E já que estamos conversando sobre a memória e seu desenvolvimento, você sabe o que é um Quipu?



LINKS IMPORTANTES

- Sobre o projeto
- Participe aqui da pesquisa
- Termo de consentimento

DADOS DO PESQUISADOR



Marcos V. B. Oliveira
Fonoaudiólogo, mestre em Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

[Visualizar meu perfil completo](#)

Na sessão “Participe aqui da pesquisa”, as seguintes instruções são apresentadas aos colaboradores:

Para elaborar seu relato, procure prover as seguintes informações (quando possível):

- 1. O local, a situação, os interlocutores (se houver), a sensação que acompanhou a ocorrência da palavra na “ponta-da-língua”, se o TOT surgiu em um momento de cansaço, estresse, nervosismo etc, além do que mais você julgar interessante dizer sobre o instante em que a palavra não veio.*
- 2. Quais palavras surgiram no lugar da palavra desejada? Para você, elas fazem parte de um mesmo campo de significados, ou teriam algum outro tipo de relação que você seja capaz de descrever?*
- 3. Você tinha alguma pista da palavra buscada? (o primeiro som, a primeira letra, a quantidade de sílabas etc.)? Você teve a sensação de que outras palavras facilitaram ou dificultaram o encontro da palavra desejada?*
- 4. Como a palavra foi encontrada? Por exemplo, você pediu ajuda ao “Google”, dando alguma descrição do objeto ou*

ação/atividade; perguntou aos amigos, ela surgiu sem explicação? , Como você se sentiu ao encontrá-la?

Diferentemente dos demais expedientes qualitativos que propomos, o blog permite registrar não apenas o relato sobre a emergência do TOT – o momento em que a palavra está na *ponta-da-língua* - mas também informações sobre suas estratégias de busca e sensações experienciadas, como o alívio ou a frustração no processo. Não podemos nos esquecer que os relatos são feitos “retrospectivamente” e as narrativas podem não corresponder exatamente ao processo, tal qual ocorreu. Numa tentativa de minimizar a influência do tempo que se passou entre a ocorrência do fenômeno e seu relato no blog, foram elaboradas algumas perguntas que, de certa forma, direcionam os sujeitos para as informações que julgamos relevantes. Nesse sentido, não negamos que exista, de nossa parte, uma certa pretensão de objetividade, mas esta é guiada pelas hipóteses que foram sendo desenvolvidas ao longo do estudo do fenômeno.

Ao decidir participar da pesquisa, o sujeito é direcionado à página onde há o *Termo de Consentimento* (Anexo A), no qual ele é esclarecido sobre o tema e sobre sua forma de participação.

Vejamos aqui as perguntas (em negrito), elaboradas a partir das orientações gerais, acima descritas, seguidas de exemplos²⁹:

1 - Qual foi a palavra que esteve “na ponta da sua língua” ?

²⁹ Ressaltamos que os exemplos são fictícios, propostos apenas para orientar o participante da pesquisa quanto à sua narrativa.

Caso ainda não saiba qual é a palavra, passe para a pergunta seguinte.

2 - Caso você se lembre quando o evento ocorreu, preencha com a data.

3 - Legal! Agora gostaria que você escrevesse, com detalhes, um relato da sua experiência com essa palavra que ficou na ponta-da-língua, prestando atenção nos três pontos importantes descritos nas orientações:

Exemplo: "Estava conversando com uma amigo sobre música, quando ele falou sobre um instrumento europeu antigo, que parecia um violão. Ele me perguntou o nome. No momento em que eu tentei dizer o nome, tive uma forte sensação de que sabia a palavra, chegando a visualizar uma situação (ocorrida há dois anos, com a visita de outro amigo), em que pude tocar o instrumento, mas não conseguia dizer a palavra. Em vez dela, vieram os nomes de dois outros instrumentos de corda dupla - viola, bandolim. Tive a impressão de que a palavra começava com a letra "a" e mais nada. Alguns minutos depois, a palavra "Alaíde" subitamente surgiu na minha mente, o que me fez lembrar da palavra buscada - "alaúde". Na hora em que a palavra veio, me senti mais tranquilo; eu tinha certeza de que era aquela palavra mesmo que eu buscava".

4- E com relação a essa palavra que estava na ponta-da-língua, ela tem algum sentido especial para você? E as outras palavras que surgiram, te dizem algo com relação à palavra desejada?

Exemplo: "Alaúde" é um instrumento que tem um som muito bonito, que me lembra uma amiga de Portugal. Não é uma palavra que eu uso muito. Já Alaíde é um nome de uma cantora que gosto muito, Alaíde Costa"

Vejamos, a seguir, um exemplo de relato deixado no blog, em que cada resposta corresponde às perguntas acima referidas.

Dado II – Neste relato, o sujeito tenta dizer o nome do golpe que mais gosta de aplicar no *Jiu Jitsu*, mas o nome não vem.

Relato Registrado no Blog (08/07/2012)	
1	<i>Triângulo (Golpe de Jiu Jitsu)</i>
2	<i>Julho de 2012</i>
3	<i>Estava conversando com minha esposa, contando sobre um sonho e não me lembrava de um nome de um golpe de jiu jitsu. O mais estranho é que o golpe é o meu preferido e o que uso com maior recorrência. A palavra estava na ponta-da-língua e a sensação era ruim, pois era algo muito comum e eu não lembrava. Eu lembrei de "chave de perna" (outro golpe), "cadeado" (não sei de onde tirei essa). No fim, não lembrei nem acertei a primeira letra. Só me recordei quando a minha esposa disse "triângulo". Lógico!</i>
4	<i>"triângulo" é especial porque é um golpe que mais gosto de aplicar e uma marca de meus treinos. Em relação às palavras que surgiram, apenas "chave de perna" tem relação, pois também é um golpe. "Cadeado" talvez se relacione com a imobilização.</i>

O autor do relato identifica uma relação da palavra-alvo "triângulo" com "chave de perna", que também é um golpe do *Jiu Jitsu*, e estranha o aparecimento de "cadeado", mas reflete posteriormente sobre a possível relação entre elas – ambos, de alguma forma, "imobilizam". Há outras possibilidades de interpretação que podemos sugerir, ao analisar o dado. A palavra "cadeado" pode ter surgido após a expressão "chave-de-

perna”, por uma relação (metonímica) entre “chave e “cadeado”, possibilidade que nos remete também à questão da história das palavras na língua, que será mais adiante apresentada.

Fica ainda a informação, no relato, de que ele não acertou a primeira letra da palavra, apesar de não revelar qual teria sido o seu palpite. Isso pode indicar que essa estratégia seja frequentemente utilizada por ele quando em estado de TOT ou que tenha sido influenciado pelas orientações e pelos exemplos dados nas orientações da pesquisa. O participante, portanto, esclarece não só sua relação com a palavra, mas também a relação entre a palavra buscada e as palavras que vieram em seu lugar, ilustrando o que vínhamos dizendo acerca da subjetividade implicada no processo de busca.

3.2 Contribuição para o estudo dos TOTs no campo das afasias por meio de expedientes observacionais-experimentais.

Segundo Coudry (2001), a afasia exhibe o funcionamento da linguagem em “câmera lenta”, o que a torna um campo ainda mais privilegiado para compreender o funcionamento da linguagem. A relação dos TOTs com a afasia é contemplada na literatura da área, geralmente relacionada ao tema do acesso lexical. Uma crítica que Schwartz (2002) faz desses estudos é que eles se concentram na natureza da recuperação da palavra, deixando de lado uma caracterização fenomenológica dos TOTs. De forma geral, se diz que na afasia os TOTs ocorrem com maior frequência, mas que ainda carecem de estudos que se refiram a diferenças de

cunho qualitativo quanto à sua ocorrência, desenvolvimento e mesmo sobre a recuperação da palavra.

3.2.1 *Situações interativas com sujeitos afásicos no CCA.*

Recorremos a diversos registros gravados em vídeo de sessões coletivas e individuais do CCA, buscando extrair dados dos diálogos desenvolvidos, bem como em teses já defendidas na área de neurolinguística, situações nas quais encontramos ocorrências de TOTs bastante interessantes³⁰, que se referem a momentos que se deram no contexto enunciativo do CCA. Vejamos um exemplo a seguir:

Dado III: Este episódio aconteceu no CCA, em uma sessão em que o grupo conversava sobre a obrigatoriedade do voto e **JM**, afásico, pergunta se, mesmo já tendo passado da idade obrigatória, ainda poderia votar.

Turno	Sujeitos	Enunciado	Informações contextuais
1	JM:	Mai eu posso?	
2	Im	Pode... não é mais obrigado, mas pode! Acima de setenta, né?	

³⁰ Sabendo do tema da pesquisa, muitos colegas pesquisadores indicavam referências bibliográficas ou vídeos com os dados em que se dava a ocorrência de TOTs.

3	JM	Minha... minha:: Minha fi... minha vó já... vó não...	
4	DP	Esposa?	
5	JM	Não... Aquela:: antes	
6	Im	Neta? Filha?	
7	JM	Mais, mais!	
8	Im	Mãe?	
9	JM	E... mais de que a mãe...	Longa pausa de todos
10	Im	Vó?	((rindo))
11	JM		Faz sinal negativo com a mão
12	DP	Esposa?	
13	JM	É... não a::	Aponta para a boca dando a entender que a palavra está

			na <i>ponta-da-língua</i> .
14	Irn	Como assim mais? Mais velha? Mais...	
15	JM	É... mais velha de tudo que nós tem.	
16	Irn	Avó?	
17	JM	É...	
18	Irn	Mas o senhor ainda tem avó?	
19	JM	Não... é ahã...	Faz uma pausa tentando buscar a palavra
20	Irn	A mãe do senhor ainda é viva?	
21	JM	É.. não, não...era... já é... já era...	
22	Irn	Já morreu?	
23	JM	Não... A outra... mãe da mi... da minha..	
24	Irn	A sogra?	
25	JM	Isto... É.	

26	Irn	Ah tá... É mais que a mãe, a sogra?	
27	JM	É... Eu acho que é...	Todos riem
28	Irn	Puxa vida!	

Neste dado, a ocorrência de um TOT pode ser inferida por meio da análise microgenética dos enunciados, que revela indícios acerca do fenômeno. No processo de atribuição de sentidos, o sujeito JM e seus interlocutores vão produzindo várias palavras relacionadas, pertencentes ao mesmo campo semântico (relações familiares femininas): filha, vó, esposa, neta, mãe – que uma a uma são recusadas por ele até que, finalmente, se chega àquela que ele deseja produzir: *sogra*. Como vimos no Capítulo 1, uma característica dos TOTs é a presença de um vazio intensamente ativo, que permite ao sujeito recusar imediatamente todas as palavras que lhe são sugeridas. Além de restringir o contexto de possibilidades, recusando esses nomes, JM dá outras informações, tais como “mais de que mãe” [turno 9], “mais velha de tudo que nós tem” [turno 15] e a pista mais singular, que leva à palavra-alvo: “A outra... mãe da mi... da minha...” [turno 23].

Ainda como forma de defender que se trata da emergência de um TOT, temos marcas não-verbais que indicam que a palavra está na *ponta-da-língua* [turno 13], tais como nas pausas produzidas ao longo de todo o processo, algumas mais longas [turno 19], durante as quais o sujeito tenta se *lembrar* da palavra.

A maior dificuldade para a emergência da palavra nesse episódio com JM também pode ser explicada pela natureza de sua afasia, bastante severa e não-fluente³¹.

3.2.2 *Dados de estratégias experimentais com sujeitos afásicos*

Além dos expedientes abordados até aqui – relatos em diários, relatos no Blog e transcrições de episódios ocorridos nas sessões do CCA – apresentamos outro procedimento desenvolvido para eliciar TOTs com sujeitos afásicos, de modo a assegurar certo controle sobre a palavra-alvo, o que também permite ao pesquisador dar pistas, incluindo informações privilegiadas sobre o item lexical buscado para, assim, compreender melhor o processo.

Foram utilizadas com os afásicos formas clássicas de eliciação, por meio de definições ou atributos, com o cuidado de utilizar palavras que pudessem fazer algum sentido para eles. Podemos afirmar, desde já, que se trata de um expediente muito diferente daquele utilizado em laboratório, onde uma mesma palavra é usada em todos os testes, para todos os sujeitos, independentemente de fazer parte de seu repertório linguístico.

Por exemplo, ao sujeito MG, que trabalhou com eletrônica, uma definição dada foi *“Elemento químico muito abundante na natureza sob a forma de vários compostos. É um semiconductor muito importante, utilizado em transístores e*

³¹ Não discutiremos, neste trabalho, a distinção feita na literatura neuropsicológica entre as afasias fluentes e não fluentes. Para uma discussão acerca deste tema, indicamos os trabalhos de Scarpa (1995, 2006, 2012) e Novaes-Pinto (2012).

retificadores". O sujeito prontamente respondeu "*silício*", a palavra que era esperada. Foram utilizados também, com alguns sujeitos, trechos de músicas que serviam como pistas para que dissessem o nome do cantor ou do grupo. Caso fosse uma trilha sonora, perguntávamos também sobre o nome do filme ou da novela.

Também foram utilizadas fotos de atores, cantores e personagens. Buscávamos ampliar o contexto, perguntando sobre o conhecimento geral que o sujeito tinha de um determinado assunto. No caso de se mostrar a foto de um ator, por exemplo, não só o sujeito era questionado sobre o nome, mas também se ele se lembrava de algum filme ou se tinha algum filme preferido. Algumas vezes, demos dicas como "*O primeiro nome deste sujeito é igual a de um do nosso grupo*", o que levou um deles a nomear: "*Antônio Fagundes*". Outras vezes, fornecíamos o número de sílabas, o som inicial, a primeira ou mesmo a última letra da palavra-alvo. Esses diferentes expedientes estão em consonância com a concepção de linguagem como *atividade*, que considera o trabalho de cada sujeito sobre os recursos da língua, na produção dos enunciados (neste caso, mais especificamente, os recursos lexicais, cf. Bakhin, 1997).

Vejamos um dado que ilustra o expediente acima descrito e que permite revelar os processos em desenvolvimento, na busca pela palavra:



Dado IV: Este episódio aconteceu no CCA, em uma sessão em que estavam o pesquisador (BO), uma estagiária em Fonoaudiologia e o sujeito afásico (MG). BO mostra a foto de Indiana Jones para que o sujeito diga se lembra do personagem e se consegue nomeá-lo.

Turno	Sujeitos	Enunciado	Informações contextuais
1	BO	Só precisa me dizer o <i>personagem</i> .	
2	MG	É, então vai ser mais difícil.	
3	BO	Você acha mais difícil do que o nome dele? Aí você assustou a gente.	Todos riem
4	MG	Não... É o Harisson... É... o Ford.	
5	BO	Olha só... Harrison Ford, exatamente.	

6	MG	Tá vendo... Eu não posso pensar, se pensar... aí, já viu!	
7	BO	Mas o personagem, vai dizer que o senhor não lembra?	
8	MG	É... Eu sei que... ele fez 4 filmes, de... de um... histo, histórico, historiador.	MG baixa a cabeça e faz um esforço para lembrar.
9	BO	Arqueólogo, não é?	
10	MG	Arqueólogo, que seja... Tesouro não sei das quantas... etc	Dá com os ombros, como se não fosse importante
11	BO	Que tem aquela musiquinha...	Neste momento BO cantarola a famosa música do filme "Indiana Jones".
12	MG	Exatamente... Índia... Indiana Jones.	Todos riem quando MG acerta o nome.
13	BO	A musiquinha é batata!!!	

O pesquisador deixa claro, logo de início, que quer que ele diga o nome do personagem. MG se recorda do nome do ator – Harrison Ford. Na sequência, ele tenta se *lembrar* do nome do personagem da série. MG esclarece que utiliza, segundo seu próprio relato, a estratégia de “ganhar tempo” até encontrar a palavra, falando sobre o assunto. Quando ele diz, no turno 6, “se eu pensar... aí já viu”, nos revela que se parar para pensar na palavra, aí é que ela não vem.

Vai dando pistas enquanto se lembra: de que há quatro filmes, nos quais o personagem é um historiador (turno 8) e fala de “tesouro não sei das quantas”, tema bastante recorrente nos filmes que ele protagoniza. São indícios de que a palavra esperada, apesar de não vir, está “no entorno” daquelas que surgem. Apesar de dar pistas de que se lembra do filme e do personagem, o nome esperado não vem. Nesse mesmo turno, MG baixa a cabeça e faz um esforço para se lembrar. O nome do personagem só aparece quando o pesquisador resolve cantarolar o famoso trecho da música que acompanha os momentos mais empolgantes do personagem. Vem aos poucos; primeiramente como “índia”, que rapidamente se transforma em “Indiana Jones”. O processo de aparecimento da palavra parece semelhante ao momento anterior, quando ele diz “histo... histórico... historiador”. É como se, a partir das pistas sonoras que ele ouve (de si mesmo), conseguisse “resgatar” a palavra toda.

É muito relevante enfatizar, num processo dialógico como o ocorrido neste episódio, que os conhecimentos partilhados entre pesquisador e pesquisado foram fundamentais para o desfecho que teve. Para Coudry (2001:83), sem “um conjunto de

pressuposições indispensáveis ao diálogo” não é possível avaliar coerentemente o afásico, nem interagir com ele buscando soluções para suas dificuldades. É uma “instância dúplice”; o relacionamento intersubjetivo cria condições para a interação, não como um limite de acontecimentos discursivos, mas um lugar onde eles podem ocorrer. Os episódios discursivos, por sua vez, vão ampliando as condições de interação que tornam mais intensa a intersubjetividade.

Dizemos isto porque a avaliação do processo de emergência do TOT, assim como a busca de sua superação, quando não explicitamente colocado ou confirmado pelo sujeito, dependerá da sensibilidade do pesquisador para perceber que o sujeito sabe a palavra, mas que ela não vem. Tal “sensibilidade”, por sua vez, decorre de sua experiência não só com o objeto da pesquisa, mas também com a condição de afasia.

MG é um sujeito diferenciado com relação ao que sabe de sua afasia e desenvolveu estratégias eficazes para dizer o que quer, como a de “andar em volta da palavra”, ganhando tempo e trazendo à tona outras, a ela relacionadas. MG é discreto com relação à angústia causada pela falta da palavra. Os afásicos, cada qual ao seu modo, aprendem a conviver com isso e, no caso de MG, ele entende que se ficar nervoso ou parar para pensar, vai dificultar a solução.

Outro trecho de diálogo com MG pode ajudar a explicitar suas dificuldades, mas também suas soluções:

Dado V: Início de sessão terapêutica com o fonoaudiólogo (BO) e MG.

Turno	Sujeitos	Enunciado	Informações contextuais
1	BO	Então... Antes de começar, eu gostaria que você me dissesse como você se sente quando isso acontece, quando a palavra fica na <i>ponta-da-língua</i> .	
2	MG	Então, pergunta o que você quer saber.	
3	BO	Como você se sente? Se acontece muito, se acontece pouco... Queria que você falasse um pouco sobre isso.	
4	MG	Olha, é... Como eu tenho... às vezes eu não consigo lembrar; é... como é que eu vou dizer assim... O som ainda continua me atrapalhando, porque... vezes eu quero falar sobre "Pinda... perdão. "Pinda"...	Fica hesitante... Dá uma deixa para BO completar a palavra.
5	BO	Monhangaba.	
6	MG	Pindamonhengaba... Por exemplo, é difícil,	

extremamente, eu não consigo às vezes. Aí eu tenho som. Aí, moral da história, as pessoas falam, falam. Aí não, escreve! Aí eu escrevo. Aí eu tenho que ensinar a fazer a tradução... A grande minha dificuldade está aí... Às vezes vem na memória, eu quero falar, e não consigo. **Aí eu tenho que dar volta, quando eu fico dando volta, ou eu perco o início, e ou então, simplesmente as pessoas não têm saco nem paciência. Moral da história, quem conhece perto é fácil porque já fala “é isso que estou falando”. Já foi, vamos embora e vai embora.** Minhas filhas pelo menos me ajudam nessa parte porque elas obrigam a falar. Até chegar no “é isso que vc quer saber? Aí me ensina a falar.

Podemos perceber, neste relato, que MG reflete sobre a dificuldade de ficar com a palavra na *ponta-da-língua*. Diz que não consegue lembrar, mas que o som atrapalha [turno 4]. Acha que é um problema de memória

ou de *tradução*³² [turno 6]. Conforme veremos adiante, no Cap. 5, *desatar o nó, uma vez estabelecido, é praticamente impossível. Daí ele dizer que não lembra, ao mesmo tempo em que acredita que seja uma dificuldade de traduzir, própria da linguagem – passar de uma palavra a outra, de um atributo à palavra-chave, aquela que quer dizer.*

O que mais nos interessa no dado é o trecho grifado [turno 6], que explicita o que ocorre no dado anterior. MG diz que tem que “dar voltas” para chegar à palavra, mas se der uma volta muito grande perde aquilo que já tinha. Enfim, que o processo não é instantâneo e que é preciso ter paciência. Sua conclusão é a de que é melhor falar com quem o conhece de perto, que tem disposição para ajudá-lo. MG também nos dá pistas sobre as estratégias terapêuticas efetivas, o que veremos mais detalhadamente no último capítulo deste livro.

Concluindo e comentando...

Este capítulo teve como objetivo propor um olhar qualitativo para os TOTs, descrevendo procedimentos desenvolvidos e contextos nos quais os dados que compõem o estudo foram obtidos. Visam, dessa forma, ampliar o conhecimento que se tem do fenômeno nos estudos tradicionais.

Seguimos aqui a indicação dada por Damico et al (1999), sobre a estrutura de um trabalho de cunho

³² Tendo as formulações de Jakobson (2008) no texto “Aspectos linguísticos da tradução” como cenário teórico, podemos dizer que a intuição de MG de que se trata de uma dificuldade de tradução de um signo por outro é bastante precisa. Para Jakobson, o significado de um signo não é mais do que sua tradução por outro, dentro da própria língua (tradução intralingual).

qualitativo: “[...] Whenever this research paradigm is utilized, it produces a bricolage – a kind of pieced together but carefully constructed set of practices and strategies that provide solution to a problem in a concrete situation”. De acordo com os autores, a forma com que estes expedientes são ligados deve ser estratégica, pragmática e baseada na reflexão que o pesquisador faz dos limites e possibilidades do método.

Desta forma, na pesquisa, analisamos tanto dados obtidos em contextos naturalísticos, quanto outros em situações que podem ser consideradas experimentais-observacionais. Estes posicionamentos do pesquisador refletem a procura de um olhar que conjugue o ético e o estético, de maneira que tenha diferentes responsabilidades em cada ato, seja como narrador, seja como indivíduo sujeito ao TOT, ou mesmo como aquele que realiza um experimento observacional.

Os relatos pessoais anotados em diário e também a utilização do blog têm diversos pontos positivos, a nosso ver. Possibilitam análises de dados singulares, preservando a riqueza da experiência dos TOTs da forma como os indivíduos os percebem cotidianamente, fora de um contexto experimental. Estes instrumentos se diferenciam das pesquisas laboratoriais com os TOTs, nas quais a palavra desejada é provocada pelo pesquisador. Acreditamos que uma coisa é lidar com uma palavra sugerida pelo pesquisador, dentro de um simulacro, outra é lidar com a palavra necessária (Luria, 2001).

Por outro lado, sendo relatos retrospectivos, serão sempre realizados recorrendo à memória do episódio e podem não corresponder exatamente ao processo tal qual ocorreu. Tentamos contornar este fator orientando os

relatos para aquilo que consideramos ser mais importante no surgimento dos TOTs, a partir do que já se sabe sobre o tema e o que era relevante para nossos objetivos. Já com relação ao contexto observacional-experimental, temos certo controle sobre quais palavras poderão ser buscadas pelo afásico, o que ajuda a desenvolver, dialogicamente, estratégias mais produtivas para cada sujeito. A transcrição do episódio dialógico também permite avaliar o papel do pesquisador na busca da palavra, o que é essencial para podermos pensar no contexto terapêutico.

Uma dificuldade encontrada no contexto experimental com sujeitos afásicos foi a de confirmar se de fato estavam com a palavra na ponta-da-língua. Ao solicitar a eles, em diversas ocasiões, se isso ocorria, percebemos que a dificuldade aumentava. Ou de fato eles não sabiam se estavam ou não com a palavra na ponta-da-língua ou pensar a esse respeito comprometia ainda mais o processo de busca.

Percebemos que alguns TOTs ficam indicados em seus enunciados, principalmente pelos gestos que fazem, remetendo à ponta da língua e à cabeça. Podem, assim, ser inferidos na enunciação, mesmo que o sujeito não afirme literalmente que esteja com a palavra na ponta-da-língua.

Todos esses procedimentos metodológicos de cunho qualitativo têm seus limites e possibilidades pouco explorados nos estudos dos TOTs, carecendo de ajustes.

No próximo capítulo, analisaremos criticamente alguns modelos dissociativos e hierárquicos dos níveis linguísticos, principalmente com relação ao funcionamento lexical, considerando-se as reflexões desenvolvidas até aqui.

3. OS TOTS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ESTUDO DO FUNCIONAMENTO LEXICAL

*Casa da palavra
Onde o silêncio
mora*

*Trecho de “A Terceira Margem do Rio” de
Caetano Veloso e Milton Nascimento (1991).*

*Tu não faz como um
passarinho
Que fez o ninho
e avoou*

*Trecho de “Chula Vinha de viagem” do grupo
Quixabeira de lagoa de camisa, autor
desconhecido, sem data.*

Este capítulo se inicia com a apresentação de estudos lexicais, mais especificamente acerca dos

modelos postulados sobre “acesso lexical”³³, citados recorrentemente nos estudos dos TOTs. Logo após, desenvolvemos uma crítica a esses modelos, mais especificamente sobre a hipótese da “transmissão de informações” entre níveis linguísticos, hierarquicamente dispostos, contrária à nossa concepção de integração entre os níveis. Para finalizar, a partir da análise de um dado, defendemos como uma análise de cunho qualitativo, em episódios dialógicos, pode trazer outro olhar para esta questão, no que se refere ao estudo dos TOTs.

1. Os TOTs e os modelos de acesso lexical.

Ainda que tenha sido extensivamente abordado pela literatura tradicional³⁴ e que alguns autores, como Schwartz (2002), o reconheçam como ponto de interseção entre linguagem, memória e consciência, o TOT tem sido mais estudado como um fenômeno de “acesso lexical”. Isto ocorre justamente porque essa era a principal preocupação do estudo pioneiro de Brown e McNeill (1966), cuja metodologia inspirou (e ainda inspira) grande parte dos pesquisadores. Esses autores traçaram as primeiras hipóteses para explicar o que ocorre, em termos

³³ Usaremos, neste capítulo, alguns termos correntes na área, a fim de possibilitar o diálogo com outros campos afins. Entretanto, não concordamos com a ideia de léxico como um “arquivo mental” e com o conceito de “acesso lexical”. O termo “seleção lexical” nos parece mais adequada. Não se trata apenas de divergências terminológicas, mas de concepções sobre o funcionamento linguístico-cognitivo.

³⁴ Brown e MacNeill (1966), Reason e Lucas (1984), Jones (1989), Burke (1991), Schwartz (2002), Brown (1991, 2012), Miozzo e Caramazza (1997), dentre outros.

do acesso lexical, quando as palavras estão na *ponta-da-língua*, como vimos no capítulo 1.

Brown e McNeill (1966:333), baseando-se nos trabalhos de Katz e Fodor (1963), compreendem que a *memória de longo termo para palavras e definições* seria equivalente a um dicionário, no qual os itens lexicais não estariam organizados por uma entrada alfabética – como em um dicionário em papel³⁵. Conforme podemos ver na citação abaixo, não se trata de um dicionário qualquer:

In real dictionaries, those that are books, entries are ordered alphabetically and bound in place. Such an arrangement is too simple and too inflexible to serve as a model for a mental dictionary. We will suppose that words are entered on key-sort cards instead of pages and that the cards are punched for various features of the words entered.

Segundo Novaes-Pinto (2009), uma concepção de léxico como “lista de palavras” ou “dicionário mental” parece estar subjacente, enquanto modelo, à maioria dos trabalhos sobre memória semântica e sobre acesso lexical, mesmo na atualidade. Esta concepção de léxico “influencia ou limita o modo de entender o seu funcionamento, bem como a intrínseca relação do léxico com outros níveis linguísticos e com os demais processos cognitivos” (Novaes-Pinto, 2009:25).

Desde Brown e McNeill instaura-se a separação sistemática das palavras relacionadas fonologicamente

³⁵ O autor se refere a um modelo baseado em “punched cards”. Acreditamos que seja uma referência aos cartões perfurados que eram o principal meio de *input*, armazenamento e processamento de dados, muito utilizados desde o início do século XX. Estes cartões foram os grandes precursores da memória utilizada nos processos computacionais.

daquelas relacionadas semanticamente no estudo dos TOTs. Esses estudos, em que se postulam esses níveis como estágios, influenciam diretamente a composição de modelos de acesso lexical.

Para Schwartz (2002:94), existem dois modelos teóricos básicos de retomada da palavra, fortemente influenciados pelos TOTs:

Two-stage theory stipulates that the word retrieval occurs in two stages. In the first stage, a lemma is retrieved. Lemmas contain both semantic and syntactical information specifying a target word. In the second stage, a lexeme is retrieved, which specifies the phonological form of a word. In the one stage view, the lemma is removed, and syntactical information is not retrieved until the level of the lexeme.

Podemos ver, pela citação acima, que os dois modelos se distinguem principalmente pela discordância entre a existência de um nível específico de acesso ao lema. Embora relevante para nossa discussão, o ponto primordial a destacar aqui é que ambos os modelos, seja de um ou de dois estágios, partem do pressuposto de que existe uma hierarquia na retomada de uma palavra, que vai da sua representação semântica em direção à fonológica, conforme podemos ver a seguir, em Schwartz (2002:75):

The first process is a semantic retrieval process, whereby the speaker activates the appropriate semantic information relevant to the intended speech act. The second process is a phonological retrieval process in which the particular phonological form of the spoken word is specifically accessed. [...] Although the particulars of the model vary, the basic model

of semantic retrieval first, followed by phonological retrieval is generally agreed upon.

Um questionamento que podemos fazer é se realmente o acesso se daria em dois momentos, sendo o primeiro relativo ao processamento semântico (presente nos dois modelos) e o segundo relacionado ao fonológico e ainda se, em algum momento, essa ordem poderia se inverter. Com o objetivo de explicitar o nosso questionamento sobre os modelos que dissociam os aspectos semânticos dos fonológicos no funcionamento lexical, passamos a apresentar autores que propõem a sua indissociabilidade na composição dos signos.

Segundo Basilio (2004:9)36, “o léxico abarca elementos que apresentam diversas facetas: fonológicas, gráficas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas. Nem sempre, entretanto, essas facetas são inteiramente recobertas umas pelas outras”. A respeito da complexidade do léxico, a autora afirma que

Como estamos sempre (re)produzindo e (re)conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação e construção de enunciados. [...] O léxico, portanto, não é apenas de um conjunto de palavras (Basilio, 2004:9).

É relevante lembrar que já no Curso de Linguística Geral, de Saussure, a lexicologia não tem limites bem definidos com a morfologia e a sintaxe; estes campos

³⁶ Reflexões sobre o conceito de léxico no âmbito dos estudos neurolinguísticos foram apresentadas por Novaes-Pinto (2009), quando a autora se remete, dentre outros, aos estudos de Basílio (2004).

linguísticos são descritos como interpenetrados. De acordo com Nunes (2006), essa interdependência posta por Saussure implica considerar que a divisão em níveis linguísticos é ilusória. O campo lexical é um local privilegiado para o estudo das relações entre o som e o significado, da proximidade entre os campos e das contradições, em contraposição ao estudo isolado e hierárquico postulado nos modelos de acesso lexical na literatura tradicional.

Para dar continuidade à discussão crítica sobre a seleção lexical e a ocorrência de TOTs, se faz imprescindível destacar as reflexões de alguns autores que fundamentam a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva: i) Luria e Vygotsky, principalmente com relação ao que juntos desenvolvem no campo da neuropsicologia, ii) Bakhtin e seu Círculo, no campo da Filosofia da Linguagem e (iii) Jakobson, pelo trabalho desenvolvido na Linguística³⁷. A interlocução com esses autores nos ajuda a refletir sobre as ocorrências dos TOTs e sua relação com o funcionamento lexical, uma vez que estão também relacionadas à organização dos campos semânticos, à concepção de enunciação como um evento concreto e ao funcionamento da linguagem em torno dos eixos de organização, tal como proposto por Jakobson.

³⁷ Para um aprofundamento dessas questões, recomendamos os trabalhos de Novaes-Pinto (2009; 2014), que enfatizam a importância desses autores para os trabalhos neurolinguísticos, sobretudo os que envolvem o estudo do funcionamento lexical.

2. Os campos semânticos: contribuições de Luria e de Vygotsky para a abordagem neuropsicológica

Cada palavra, segundo Luria (2001), representa um *elo* de uma rede. Aquele que está numa conversação inibe ou contém toda esta rede de palavras para absorver o significado condizente com a situação e produzir a palavra desejada. Segundo o autor (2001:35), os TOTs dão visibilidade ao que ocorre quando “buscamos” uma palavra, numa situação real de produção e nos permitem inferir sobre a organização dos campos semânticos:

A presença deste “campo semântico” dentre o qual o sujeito deve escolher cada vez, manifesta-se com toda evidência nos fenômenos, amplamente conhecidos na literatura psicológica, de dificuldade de encontrar palavras, estados nos quais a palavra procurada encontra-se como se estivesse “na ponta-da-língua”.

De acordo com Luria (2001), o processo de determinação ou percepção de uma palavra deve ser encarado como o de *escolha necessária* dentro de um “campo semântico” evocado. Sendo assim, o autor argumenta que a dificuldade de *recordação* de palavras e de denominação dos objetos pode estar relacionada com o excesso de palavras e conceitos que emergem involuntariamente para o sujeito, no momento da produção da linguagem.

Uma forma de eliciar o campo associativo, utilizada por Freud, consistia em fornecer ao sujeito uma determinada palavra e pedir que ele fizesse associações livres e passivas, sem inibições ou controle. Este método mostrou que o curso das associações produzidas é

“estritamente determinado e que as palavras que surgem associadas podem se relacionar aos processos cognoscitivos (de caráter situacional ou conceitual) ou até por processos afetivos” (Luria, 2001:78).

Além deste campo de associações situacionais e conceituais, Luria (2001:80) esclarece que “por trás de cada palavra, está, obrigatoriamente, um sistema de enlaces sonoros, situacionais e conceituais. A palavra é uma rede potencial de enlaces multidimensionais” (Luria, 2001: 86).

Existem situações (estados de consciência) em que a capacidade de seleção se altera. Ao comentar sobre esses estados “inibitórios” do córtex (durante o sono, no estado de esgotamento ou, em algumas patologias), o autor coloca que os enlaces sonoros, situacionais e conceituais podem se tornar iguais, em termos de relevância. Com a seletividade alterada, a rede multidimensional das palavras se evidencia. Os estudos das afasias, por excelência, dão mais visibilidade a essa constituição multidimensional dos enlaces, uma vez que podem “dissociar” essas interfaces, deixando entrever o processo de seleção que foi realizado num dado momento.

Vygotsky (2005) procura elucidar qual unidade representaria o amálgama entre o pensamento e a linguagem e tece uma crítica ao estudo dissociado entre a fonética e a semântica, que considera prejudicial para ambas. Para o autor, o *significado* seria essa unidade indissociável entre som e sentido, pois pertence tanto ao domínio da linguagem, quanto ao domínio do pensamento. “Uma palavra sem significado é um som vazio, que não faz mais parte da fala humana” (2005:150).

As palavras não podem, portanto, ser consideradas como instâncias estáticas. Segundo Vygotsky, a palavra constitui-se em uma unidade que reflete o mundo externo em seus enlaces e relações. Na medida em que a criança se desenvolve, o significado se modifica e, por consequência, isto também modifica o reflexo desses enlaces que determinam a estrutura da consciência³⁸.

A relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir (Vygotsky, 2005:156).

De acordo com Luria (2001:40), a palavra não somente referencia o objeto, nem serve apenas para a comunicação ou ao pensamento, mas “consiste em um instrumento poderoso de análise deste mundo. Ao transmitir a experiência social relacionada com o objeto, a palavra nos leva além dos limites da experiência sensível”. Este é o lugar fundamental que a palavra vem a ocupar na formação da consciência humana.

Luria (2001:36) coloca, inicialmente, que a interpretação da palavra como um *rótulo* não é suficiente

³⁸ Como veremos mais adiante, este modo de conceber a consciência é similar àquele proposto por Voloshinov. De acordo com o autor: “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (2006:114).

aos estudos psicológicos, pois “[...] a estrutura semântica da palavra é muito mais complicada e a investigação da verdadeira estrutura de significação da palavra requer, como se tem assinalado repetidamente em linguística, um enfoque muito mais amplo”. Desta forma, a palavra não apenas substitui ou representa uma coisa, mas também a “analisa e a introduz em um sistema de complexos enlaces e relações”. Nas palavras do autor:

[...] a palavra não somente gera a indicação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc. Sendo assim, a palavra jardim pode evocar involuntariamente as palavras árvores, flores, banco, encontro, etc. e a palavra horta, as palavras batata, cebola, pá, etc.

Luria será constantemente retomado neste trabalho, devido ao valor de sua hipótese que relaciona os campos semânticos aos TOTs, imprescindível para discutir a etiologia do fenômeno, como vem sendo estudado.

3. As palavras e a enunciação em Bakhtin

Na concepção teórico-metodológica que orienta o nosso trabalho, Bakhtin se constitui como figura central. Para o autor, toda palavra requer um movimento dialógico, de compreensão responsiva, que não pode prescindir de um *outro*. Nos estudos tradicionais dos TOTs, não se consideram questões dessa natureza e, a

nosso ver, é nesse sentido que o estudo pode contribuir para ampliar o seu escopo de estudo.

Os processos dialógicos nos quais os TOTs são produzidos pressupõem a necessidade da “escuta de um outro” e do tempo para a alteridade. A opção pelo referencial bakhtiniano significa que elegemos o *enunciado* como célula de estudo, como *unidade real da comunicação verbal*, pois, de acordo com Bakhtin:

[...] As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com ajuda de unidades da língua – palavras, combinações de palavras, orações. Mesmo assim, nada impede que o enunciado seja constituído de uma única oração, ou de uma única palavra, por assim dizer, de uma única unidade de fala (o que acontece sobretudo na réplica do diálogo), mas não é isso que converterá uma unidade da língua numa unidade da comunicação verbal (BAKHTIN, 1997: 297).

Para o autor (1997:301), destaca-se que a composição do léxico da língua é adquirida mediante “enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam”. Em outras palavras, no trabalho *com* e sobre a língua, efetuado pelos sujeitos em enunciações concretas. Bakhtin (2006:40) trata, em vários pontos de sua obra, sobre o papel da palavra como um índice do que ocorre na sociedade:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais,

mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.

A palavra pode vigorar tanto como *parte* quanto como o *todo* enunciativo e será sempre responsiva, sempre dialógica. Voltaremos a este tema, dando ênfase ao conceito de *diálogo* e da *palavra dialógica*, no próximo capítulo deste livro, dedicado às reflexões influenciadas pelo pensamento do Círculo de Bakhtin.

4. Jakobson: A palavra e os eixos da Linguagem

Para Jakobson (2008: 98), o estudo do som e do significado sempre constituiu um problema para a ciência da linguagem. A complexidade desta relação é posta no início do seu texto “A procura da essência da linguagem”, no qual retoma Humboldt em passagem bastante pertinente para nossa discussão: “Existe entre o som e o significado uma conexão aparente, a qual, entretanto, só raramente se presta a uma elucidação exata; muitas vezes, é apenas entrevista e na maioria dos casos permanece obscura”. Jakobson dá diversos exemplos da complexidade dessa associação, ao falar da rima. No texto sobre linguagem e poética, Jakobson (2008:145), por exemplo, retoma a seguinte afirmação de Hopkins: “existem dois elementos de beleza que a rima oferece ao espírito, a semelhança ou igualdade de som e a dessemelhança ou diferença de significado”. Diz isso para se referir ao fato de que, em qualquer técnica de rima, existe uma implicação entre som e sentido, assim como

quando retoma Alexander Pope, afirmando que “o som deve fazer eco ao sentido” (2008:115).

De acordo com Jakobson (2008:16), deve-se estar atento aos limites da análise linguística no que diz respeito à separação entre os níveis de funcionamento da linguagem. Conforme o autor, “não podemos verdadeiramente isolar elementos, mas tão somente distingui-los. Se os tratarmos separadamente no processo de análise linguística, deveremos sempre lembrar-nos do caráter artificial de tal separação”.

Parece-nos que esta citação é bastante adequada para questionar as hipóteses e os modelos que explicam os TOTs como uma falha de transmissão entre os níveis semântico e fonológico. Questionamos tal direcionamento (bem como sua unilateralidade), pois nos parece que o funcionamento lexical é bem mais complexo, como vimos discutindo até aqui.

Jakobson (2008), em seu texto sobre as afasias, acredita que as dificuldades dos afásicos podem ser analisadas com relação aos dois eixos da linguagem: *sintagmático* e *paradigmático*³⁹. O eixo paradigmático (ou metafórico) seria o responsável pela *seleção* das unidades, dentre uma gama de elementos. Já o segundo eixo, chamado de sintagmático (ou metonímico), se refere ao contexto de combinação dos elementos previamente selecionados.

Esses dois eixos organizam simultaneamente os processos de seleção e combinação na produção da linguagem. São interdependentes, pois para que ocorra a

³⁹ Eixos que são referentes às operações inicialmente propostas por Saussure (1916).

combinação é necessário selecionar e, da mesma forma, toda seleção está subordinada ao contexto da combinação das unidades, que ocorre em todos os níveis linguísticos (Jakobson, 2008). Já nos casos dos indivíduos afásicos, tal relação se caracterizaria pela predominância do funcionamento de um eixo sobre o outro, gerando os distúrbios de similaridade e de contiguidade.

As possibilidades de seleção e de combinação de unidades linguísticas estão correlacionadas, ainda, *aos graus de liberdade do falante*, conforme vemos na seguinte passagem (Jakobson, 2008:399):

Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade individual do que fala é nula; o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada a situação marginal da criação de palavras.

Vimos que os TOTs interrompem o fluxo natural do diálogo, tanto em termos prosódicos⁴⁰ – uma quebra na melodia e na cadência da enunciação –, quanto em outros níveis linguísticos. A palavra, além de participar do enunciado, é também contexto para as unidades hierarquicamente inferiores – os morfemas – e, assim, o funcionamento dos processos de combinação e seleção, simultaneamente, ajudam a compreender as trocas de unidades lexicais (ou sua ausência), assim como trocas

⁴⁰ Scarpa, por ocasião do exame de qualificação da tese de doutorado, apontou para questões extremamente relevantes que relacionam o momento da falta da palavra – a ocorrência do TOT – com a estrutura prosódica dos enunciados. Essa percepção, fundamentada nas teorias prosódicas, merece ser investigada em futuros trabalhos.

que ocorrem com elementos que compõem as palavras (fonológico-morfemáticos).

Cada palavra é internamente combinada, mas faz parte, enquanto textura, de um contexto mais amplo. O processo de seleção e combinação de uma palavra conjuga graus diferentes de liberdade do falante que entram em conflito; de um lado ele não pode modificar a constituição fonológica da palavra desejada, mas por outro, teria a possibilidade de utilizar outra palavra de valor semelhante.

5. Inferências para o estudo do funcionamento lexical pela análise de um TOT

Analisaremos, a seguir, um dado de relato postado no blog em 2012, que acreditamos dar visibilidade ao que vimos questionando sobre a simplificação da relação entre o campo fonológicos e semântico, em consonância com o que foi discutido até aqui.

Dado VI: Sujeito MV, sexo feminino, de 35 anos, enquanto brincava com sua filha de dois meses de idade.

Relato registrado no Blog (19/03/2012).

Estava brincando com minha filha de dois meses, utilizando um lenço colorido. Em um determinado momento ela pegou uma extremidade do lenço e eu na outra. E eu disse a ela que íamos brincar de... Ficou em branco, na pontinha ali. O nome da brincadeira ficou quase que saindo, mas não veio. Eu só conseguia

pensar na palavra queda de braço, o que por vezes dificultava a minha procura pela outra palavra. Eu sabia que era uma palavra composta e que envolvia essa noção de força, de disputa. Fiquei uns cinco minutos brincando com ela sem conseguir dizer a palavra, mas querendo lembrar. Em determinado momento, eu senti que não conseguiria lembrar de jeito nenhum. Assim que meu marido chegou, lhe perguntei qual era o nome da brincadeira em que os oponentes ficam no extremo de uma corda e ganha aquele que for mais forte. Ele me respondeu “cabo de guerra” - me senti aliviada.

Este relato de ocorrência de um TOT enquanto MV brinca com sua filha revela como as palavras na *ponta-da-língua* podem surgir em momentos cotidianos, nem sempre relacionados a uma pergunta. O efeito de não saber uma palavra, mesmo que não seja essencial para o estabelecimento do sentido daquilo que se quer dizer, pode nos colocar em diferentes posições de enfrentamento da dificuldade. A sensação de “saber que sabe” a palavra, se afigura para MV como uma situação desafiadora, como evidenciada no enunciado: “Fiquei uns cinco minutos brincando com ela sem conseguir dizer a palavra, mas querendo lembrar”.

O sujeito MV consegue explicitar essas relações semânticas entre as expressões – aquela que buscava e a que surgiu em seu lugar. Ambos – *cabo de guerra* e *queda de braço* – são jogos competitivos e envolvem a noção de força, de disputa, referidas por MV.

Analisando aspectos da prosódia dessas expressões, percebe-se que tanto “queda de braço” quanto “cabo de guerra” possuem ritmos semelhantes, marcados pelo mesmo padrão silábico, assim como o mesmo posicionamento das sílabas tônicas, além do fato

de que ambas são unidades lexicais compostas por duas palavras, ligadas pela preposição “de” e que possuem, na primeira palavra (cabo e queda), o mesmo posicionamento das oclusivas. Também vemos no relato que o sujeito se refere ao fato de que a palavra buscada era composta e que a expressão produzida “queda de braço” parecia dificultar a busca pela expressão desejada.

Embora o sujeito MV se refira, em seu relato, que as relações entre as expressões seriam de *sentido*, entendemos que também aspectos fonológicos estejam implicados na seleção, ocasionando o TOT. Seguindo Luria, os TOTs evidenciam a dificuldade em selecionar uma palavra determinada dentre uma rede associativa evocada, na qual, devido à multidimensionalidade constitutiva das palavras, aspectos conceituais, sonoros e até mesmo afetivos, se entremeiam (Luria, 2001).

É importante ressaltar, também, que é só quando MV narra o episódio e dá pistas sobre a emergência do TOT que seu interlocutor chega à palavra-desejada, o que imediatamente alivia o incômodo e a tensão causados pela sua busca.

Concluindo e comentando...

Na metodologia utilizada nos estudos laboratoriais, as palavras são concebidas como *entidades abstratas*, eliciadas por meio de procedimentos metodológicos que buscam ao máximo o esvaziamento da subjetividade. Ao retirar as palavras dos seus contextos, apartadas do sujeito que as enuncia, elas passam a funcionar unicamente como se fossem “rótulos”, na relação com o mundo. Tal concepção de palavra, derivada

de um entendimento da língua como sistema abstrato e estático, parece não ser adequada ao estudo de fenômenos complexos como os TOTs.

Após termos discutidos, neste capítulo, questões relativas ao funcionamento lexical, apresentando a concepção de palavra nas teorias de cunho histórico-cultural, propomos uma rápida reflexão sobre como os modelos seriam limitados para explicar fenômenos como o descrito no Dado VI.

De acordo com a primeira teoria explicitada – do “acesso direto”, na chamada “Teoria da Ativação” –, após uma primeira retomada semântica, teríamos algumas características incompletas da expressão “cabo de guerra”, que forneceria “força” suficiente apenas para sinalizar sua presença como um TOT, mas não para evocar a palavra completamente.

Outra hipótese dentro da mesma teoria (Hipótese do Bloqueio) seria que a expressão “queda de braço” teria entrado no lugar de “cabo de guerra”, bloqueando seu acesso. Por fim, dentro da hipótese que os autores chamam de “Déficit de Transmissão” (Burke et al, 1991), existiria uma ativação dos componentes semânticos da palavra, porém, na transmissão entre o estágio do processamento semântico até o estágio do processamento fonológico ocorreria uma falha, o que não permitiria ativar completamente a palavra, ou seja, a sua representação fonológica.

Seguindo o modelo proposto por Jakobson, ao invés de dissociar os aspectos semânticos dos fonológicos, pode-se relacioná-los. Uma das formas de aproximá-los é dizer que a seleção de uma palavra está subordinada à combinação desta com outras palavras, no contexto de

enunciação. As regras do sistema da língua condicionam, por um lado, a constituição semântico-sintática-fonológica da palavra, mas também o contexto mais amplo atua sobre as possibilidades de combinação e de seleção. Em outras palavras, a presença do *querer-dizer* do sujeito, seu intuito discursivo (Bakhtin, 1997), por um lado, enquanto que as possibilidades e restrições da língua, por outro, explicam a sensação de que se sabe a palavra, remetendo à ideia de um “um vazio intensamente ativo” (William James, 1890).

No próximo capítulo, buscaremos ampliar esta discussão a partir de reflexões que conversam com a Filosofia da linguagem e a Semiótica; discutindo a caracterização dialógica da palavra, visando contribuir para uma progressiva caracterização dos TOTs.

4. A PALAVRA NA PONTA DA PALAVRA

*Morena, minha morena
tire a roupa da janela
vendo a roupa sem a dona
eu penso na dona sem ela*

*Trecho da música “Morena”, cantado por
Tom Zé (1976) – Autor desconhecido,
quadra popular.*

*A flor da laranjeira
quando imbalança cheira,
de longe se vê o cheiro
de longe se vê o cheiro*

*Trecho da música “A Fulô da Laranjeira”,
de Zecrinha, cantado por Wilson
Aragão (1999).*

ste capítulo tratará essencialmente de aproximar o estudo dos TOTs ao estudo do *enunciado*, refletindo sobre a natureza dialógica do signo, o que por sua vez permite melhor compreender a natureza da palavra na *ponta-da-língua*. Para tanto, serão primeiramente apresentadas reflexões feitas a partir dos produtivos diálogos com Augusto Ponzio e Susan Petrilli⁴¹, respectivamente pesquisadores de Filosofia da Linguagem e Semiótica da Universidade de Bari, com relevante produção sobre o pensamento do Círculo de Bakhtin⁴².

Em seguida, abordaremos a relação entre linguagem, ideologia e consciência, na perspectiva bakhtiniana, fundamental para questionar a forma como os TOTs têm sido estudados e definidos enquanto

⁴¹ Esses diálogos se deram em várias circunstâncias, tanto no Brasil, por ocasião de suas visitas, mas também ao longo de um semestre (2013) de estágio na Universidade de Bari. A sugestão do título deste capítulo foi dada pelo próprio Augusto Ponzio e foi utilizada como título de uma conferência apresentada em Bari.

⁴² Estamos cientes da intensa discussão sobre a autoria dos trabalho e mesmo sobre a existência de um “Círculo de Bakhtin”, tema de longos debates que não retomarei aqui. De maneira geral, assumimos postura semelhante às de Ponzio, Faraco e Geraldi, de valorizar a existência de um Círculo, ainda que respeitando as singularidades e interesses de cada membro. Recorremos aqui a um trecho de Ponzio (2011:46), também citado por Geraldi (2013), para sintetizar esta discussão: “O Círculo de Bakhtin não era uma escola no sentido acadêmico do termo, nem Bakhtin era “líder”, “diretor da escola”, nem, neste sentido “um mestre”. (...) Trata-se muito mais de um grupo, de uma intensa e afinada colaboração, em clima de amizade, em pesquisas comuns, a partir de interesses e competências diferentes”. Justificamos o fato de o Círculo ser considerado “de Bakhtin” da mesma forma que Faraco (2010:13). Sabendo que o grupo se reuniu regularmente por mais de dez anos e que a denominação lhe foi atribuída *a posteriori*, a escolha de Bakhtin é justificável, pois “de todos foi ele que produziu, sem dúvida, a obra de maior envergadura”.

“produtos”, sem considerar na análise qualquer relação de caráter ideológico. Na perspectiva que adotamos, faz-se necessário apresentar, também, questões relativas à concepção de diálogo, presentes nas obras do Círculo de Bakhtin, dando relevância aos conceitos de *alteridade* e de *dialogicidade*. Por fim, trazemos um dado que ocorreu logo no início da pesquisa e que motivou este trabalho.

1. Da sinalidade para a signicidade

Uma forma de ampliar o conhecimento sobre os TOTs é buscar superar a barreira do *sinal* e, conseqüentemente, da *identificação*, valorizando o lugar do *signo* dentro da enunciação.

A distinção entre *signo* e *sinal*, encontrada em Voloshinov (2006), é imprescindível para a caracterização do material sígnico-ideológico em Bakhtin (Ponzio, 2013a). Enquanto o signo se caracteriza pelo seu caráter indeterminado e pela sua ductilidade dentro da enunciação, o sinal é reiterável, unívoco. Também a diferenciação entre *identificação* e *compreensão* presente em Voloshinov (BAKHTIN, 2006:96)⁴³ é relevante para nossa discussão:

⁴³ Ainda que se saiba, como bem salienta Brandist (2012), que existam diferenças cruciais entre o Círculo de Bakhtin e a Troika, a convergência entre o pensamento dos dois grupos já foi apontada por diversos autores, tais como Freitas (2010) ou mesmo Ponzio (2010, 2013a). No caso deste livro, antecipo que ao mínimo três convergências são essenciais: i) o diálogo como constituinte da consciência humana, através de um processo de interiorização dos signos utilizados interpessoalmente; ii) o caráter mediado das funções psíquicas superiores; iii) a distinção estabelecida entre um mesmo elemento como sendo mais estável e outro que pertence a cada enunciação em sua singularidade.

O processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos. O signo é descodificado; só o sinal é identificado. O sinal é uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir, nem refletir, nem refratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável).

Para Bakhtin, o reconhecimento do sinal – com seu caráter estável – é apenas uma das fases da compreensão do signo, sendo este *único* a cada situação, ligado ao seu uso concreto. O signo tem caráter ideológico, requer uma *compreensão ativa*. De acordo com Ponzio⁴⁴ (2013a:191), “sinalidade” e “auto-identidade” estão presentes no signo; são características necessárias, mas não suficientes, pois são “dialeticamente superados nas características específicas do signo: a variabilidade, a ambivalência, a ideologicidade”.

Para a constituição de um signo, é necessária uma relação triádica, que comporta: i) um *interpretante*, aquele que confere um significado ao signo, ii) um *interpretado*, um objeto que recebe significado, que é interpretável, e iii) *algo de objetivo*, preexistente, o “material” a que se pode submeter uma interpretação.

A lógica dessa relação interpretante-interpretado pode ser considerada como dialógica (Ponzio, Petrilli, Calefato, 2007:94):

⁴⁴ É importante ressaltar que, para Ponzio (2013a), a dialética entre signo e sinal se estende para dialética existente entre tema e significado para Bakhtin, o que será abordado em outras reflexões sobre o assunto.

E dado que cada momento da nossa vida psíquica deve lidar com signos, com aspectos dialógicos de interpretados/interpretantes, o diálogo, a relação de alteridade, é inerente à subjetividade, acha-se presente no próprio processo da constituição da identidade subjetiva, é sua condição interna, o modo de ser como tal da subjetividade. O pensamento, enquanto movimento interpretativo, enquanto signo, é constitutivamente dialógico.

A crítica do Círculo de Bakhtin (presente tanto em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, quanto em outros escritos) à redução do signo ao sinal é ligada às reflexões em torno da relação entre o *significado* e o *tema*. O significado seria essa parte repetível e reproduzível, reiterável do signo, que se presta a ser significada em cada situação específica, que Voloshinov (2006:133) chama de *tema*. Para o autor, o tema pode ser definido como uma significação unitária, de sentido definido e único, que pertence a cada enunciação como um todo, composto de elementos verbais e não-verbais.

Essa distinção entre sinal e signo também está presente na distinção realizada por Bakhtin (1997) entre *silêncio e mutismo*. Para o autor, o rompimento do silêncio pelo som, acusticamente falando, é condição para sua percepção, enquanto que a ruptura do mutismo pela palavra se relaciona com o pensamento, com o falar, processos possíveis apenas para o homem. Ao dar continuidade a essa reflexão, o autor afirma que cada unidade do discurso passa por dois planos: o da reprodutibilidade da língua e o da irreprodutibilidade do enunciado. É somente por meio do enunciado que a língua participa “da irreprodutibilidade histórica e da totalidade aberta da logosfera” (Bakhtin, 1997:374).

Tais reflexões bakhtinianas sobre a díade silêncio/mutismo foram posteriormente desenvolvidas por Ponzio (2007, 2010, 2013), autor que relaciona o *silenciar* com o caráter acústico do som e o *calar* à *compreensão responsiva*. Enquanto um conceito é responsável apenas por *ouvir*, o outro relaciona-se a *escutar*. Ponzio dá grande relevância à escuta como “arte da palavra”, como um tipo de envolvimento em que se possibilita que a palavra seja escutada. Para ele, a Filosofia da Linguagem é a Filosofia da Escuta.

Voltando ao tema do estudo, se pensarmos no vazio⁴⁵ deixado pela ausência de uma palavra quando alguém se encontra em estado de TOT, perceberemos que, apesar de existir silêncio, isto é, do fato de que a barreira do som não é quebrada por uma emissão sonora, do ponto de vista do enunciado (da escuta) teremos muito mais do que um vazio. De certa forma, os TOTs parecem envolver a procura por um signo, cujo sinal ainda não foi completamente identificado.

Como já vimos apontando desde o início do trabalho, talvez a principal distinção dos TOTs em relação às outras manifestações em que ocorrem dificuldades de encontrar palavras seja a própria *sensação* de que a palavra está na *ponta-da-língua*. Durante o processo de busca, diferentes signos ocupam ora o posicionamento de interpretado, ora de interpretante. É possível dizer,

⁴⁵ De acordo com Barthes (2003:58), a fatalidade do signo pode ser dita através de sua presença: “O signo é mais forte do que o homem”. Ele sempre está lá, mesmo naquelas coisas que parecem que existem como “não signos”, como a ausência.

dentro de um universo semiótico mais amplo⁴⁶, que também a própria *sensação* – que pode ser um incômodo apenas, mas que geralmente torna-se uma frustração no caso da afasia – seria um interpretante, uma resposta (bio)semiótica do organismo frente à falta da palavra. Seu início é involuntário. Não podemos decidir não enfrentar a ocorrência do fenômeno. Já em um segundo momento, tal sensação passa de interpretante para interpretada: é o momento em que, progressivamente, vamos nos dando conta dela; momento em que ganhamos consciência não apenas da falta da palavra, mas da sensação de que ela está iminente, levando o sujeito ao uso da metáfora, muitas vezes apontando para a língua: “*está aqui, na ponta-da-língua*”.

A esse respeito, Ponzio (1990:47) esclarece como a sensação e a percepção da sensação se relacionam dentro de uma grande rede semiótica:

Cada percepção, sentimento, etc. se situa como nó de uma rede grande e densa. Esta rede é contínua; nela não existem buracos e não se passa saltando de uma parte a uma outra. Percepção, sentimentos, pensamentos, etc. existem somente como nós desta rede, no senso que eles desapareceriam, caso se eliminassem os traços que os unem⁴⁷.

A análise dessas relações dá visibilidade aos equívocos, ambiguidades, ao não pertencimento da

⁴⁶ Para Sebeok, de acordo com Petrilli (2011:21), os signos são interconectados e interdependentes, formando uma grande “rede” semiótica, dentro da qual a “compreensão de qualquer tipo particular de signo – tal como o verbal – só é possível à luz de sua relação com outros signos na grande rede de signos”.

⁴⁷ A tradução de algumas passagens de trabalhos de Augusto Ponzio e de Susan Petrilli foram feitas por mim, ao longo dos estudos de suas obras.

palavra. A articulação do estudo do sinal com o estudo do signo, assim como de seus desdobramentos, ajuda a compreender a emergência dos TOTs não apenas como *falta e falha*, mas como processo que revela outros tipos de presença, dos nós de uma rede grande e densa, como assinala Ponzio (1990), constituídos histórica e culturalmente, como constituinte de um cadeia de eventos sígnicos em que qualquer palavra sempre remete a *palavras outras* (Ponzio, 2010).

Para dar continuidade a esta reflexão, na qual se busca melhor compreender os processos de produção dos TOTs, é preciso ir além da *sensação* e de sua *percepção*. Precisamos passar à relação intrínseca existente entre a consciência e a linguagem, a partir do entendimento do conceito de ideologia para o Círculo de Bakhtin.

2. Os TOTs e a tríplice relação linguagem-consciência-ideologia

O problema da consciência e da linguagem (e sua relação com a ideologia) ocupa lugar central em dois grupos de estudiosos, essenciais para nossa reflexão: por um lado, o grupo de Vygotsky (com Luria e Leontiev como principais membros) e, por outro, o círculo de Bakhtin (com Voloshinov e Medvedev como membros mais expressivos, além do próprio Bakhtin, obviamente, como já apontamos anteriormente).

Ponzio (2012) entende que a revolução bakhtiniana, em relação a outros autores e teorias precedentes, consistiu em reconhecer o papel central do *outro*, da alteridade, do dialogismo; em reconhecer que os signos não existem por si só; que sempre dependem de

outros signos, relacionados em uma cadeia. Desta forma, uma concepção de *consciente* centrada unicamente no sujeito não pode ser condizente com tal orientação. Para definir a *consciência* nesses outros termos, recorreremos principalmente às reflexões de Voloshinov⁴⁸, nos livros *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Freudismo*, em diálogo com diferentes textos de Ponzio (2013a, 2010, 2009).

Para Voloshinov (Bakhtin, 2006:22), todo signo tem valor semiótico: “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc.” Mais adiante, o autor dirá que “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes”.

A consciência somente pode existir pela incorporação da realidade, por meio dos signos, por meio de uma resposta dada por um signo a outros signos, dentro de uma cadeia ideológica ininterrupta, que se estende entre as consciências individuais. O autor valoriza a *alteridade*, ao colocar o social diante do individual, explicando que a consciência individual não pode explicar o social, mas deve ser explicada por este, ou seja, pelo *terreno interindividual*.

Uma afirmação central do autor para o entendimento desta concepção de consciência é: “A

⁴⁸ Existe uma grande discussão sobre a autoria nos textos do Círculo de Bakhtin. A maior parte dos estudiosos credits a autoria de *Freudismo* e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* à Voloshinov, ainda que as publicações brasileiras tenham atribuído à Bakhtin (o que não ocorre, por exemplo, na maior parte das publicações estrangeiras). Neste livro, optamos por citar o próprio Voloshinov redirecionando, no referencial bibliográfico, para Bakhtin.

consciência individual é um fato sócio ideológico”. E esta somente pode ser formada pela passagem dos signos para o interior, carregando consigo o seu valor ideológico. E, de acordo com Voloshinov (2006:33), “tudo que é ideológico tem valor semiótico”.

Retornando à reflexão sobre as palavras na *ponta-da-língua*, podemos dizer que, por mais individual e internalizado que seja o fenômeno, é impossível prescindir de uma perspectiva ideológica para sua explicação, na qual a dialogia interna é considerada. De acordo com Ponzio (2013a:226):

Em Bakhtin alteridade é encontrada dentro do sujeito, do eu, que é, ele mesmo, diálogo, relação eu/outro. Não existe nenhum privilégio ontológico e metafísico da consciência do eu, dado que a consciência é inseparável da linguagem, e a linguagem é sempre do outro [...]

De acordo com Ponzio (2013a:165), os limites da psique individual para com a ideologia seriam colocados pelas próprias leis da psique humana, ao apresentar-se como uma “unidade especial distinta da unidade dos sistemas ideológicos”. Para o autor, é possível distinguir uma dimensão interior e uma dimensão exterior do signo:

[...] quanto mais o signo – ainda que absorvido originalmente do exterior, e tendo, portanto, uma matiz ideológica – permanece ligado a fatores biográficos e biológicos, mais subsistirá, acima de tudo, como material da vida psíquica, como signo interior, cujo significado é dado, em grande parte, pelo conteúdo da vida particular do indivíduo [...].

É justamente ao tratar do tema do signo interior, da natureza das réplicas que assemelham o discurso

interior a um diálogo, que Voloshinov (2006:63) menciona, ainda que brevemente, o fenômeno das palavras na *ponta-da-língua*. Para o autor, as unidades do discurso interior careceriam de outros métodos de análise, pelo caráter dos laços que as regem serem de outra ordem:

[...] Essas unidades do discurso interior, que poderiam ser chamadas impressões globais de enunciações, estão ligadas uma à outra, e sucedem-se uma à outra, não segundo as regras da lógica ou da gramática, mas segundo leis de convergência apreciativa (emocional), de concatenação de diálogos, etc... e numa estreita dependência das condições históricas da situação social e de todo o curso pragmático da existência.

Ao explicar o que seriam essas *impressões globais*, Voloshinov (2006:63) menciona como exemplo, em nota de rodapé, a impossibilidade de lembrar de um nome, mesmo quando ele está na *ponta-da-língua*:

A impressão total é uma impressão ainda não isolada do objeto total e que, de qualquer modo, oferece uma impressão do todo, que precede e lança os fundamentos da cognição clara do objeto. Por exemplo, algumas vezes nos vemos na impossibilidade de lembrar uma palavra ou um nome, ainda que os tenhamos “na ponta-da-língua”, o que significa que nós já temos uma “impressão global” deles, mas que eles não podem se esboçar numa representação concreta e diferenciada. As impressões globais, segundo Gompertz, desempenham um grande papel nos processos cognitivos. Elas constituem equivalentes psíquicos das formas do todo e lhe conferem sua unicidade.

Com isso, o autor se refere aos momentos em que uma impressão do todo precede o objeto definido. Ou

seja, que as características globais do objeto precedem sua representação completa. Este posicionamento, a nosso ver, coloca novas perguntas em torno das teorias que giram em torno unicamente do acesso lexical, já que a impressão global seria justamente do todo ainda não isolado.

2.1 A consciência oficial e a consciência não oficial – O Freudismo.

Para Ponzio (2012:81), o Círculo de Bakhtin reflete com grande interesse sobre Marx, Saussure e Freud, no final da década de 20. Sabe-se que Voloshinov criticou o freudismo, tanto em seu artigo de 1925, quanto no livro homônimo. Porém, o interesse de Voloshinov é o de contrapor o marxismo à psicanálise, sobretudo as generalizações que esta propõe para o homem, desconsiderando seu ambiente sociocultural. Além da crítica, Voloshinov destaca a estrutura linguística do inconsciente e sua relação com a ideologia, propondo uma distinção da consciência em *cotidiana* (não oficial) e *oficial*. Em uma sociedade sem contrastes de classes, não existiria uma ruptura e sim uma coincidência entre ideologias. Porém, em uma sociedade estratificada, o discurso cotidiano relaciona-se de diferentes formas com o oficial, adequando-se ou distanciando-se. Quando essas ideologias entram em pleno contraste, Voloshinov identifica a consciência não oficial em correlação com o inconsciente Freudiano. De acordo com Voloshinov (2001:90):

Quanto mais amplo e mais profundo é o divórcio entre a consciência oficial e a não oficial tanto mais dificuldade têm os motivos do discurso interior para passar ao discurso exterior (falado, escrito, impresso; no círculo social estreito e amplo) e aí ganhar forma, clareza e força.

Um dos pontos sobre o qual Ponzio⁴⁹ se ocupa em diversos momentos de sua obra é o diálogo entre Bakhtin e Freud; sobre o interesse do Círculo de Bakhtin pelas ideias de Freud. Para Ponzio (2013a:170), Voloshinov, ao evidenciar a estrutura linguística do inconsciente (antecipando Lacan), reitera como este compartilha de uma mesma estrutura da consciência, pois não está fora da linguagem nem da ideologia, de onde se deve procurar a constituição de suas vozes. Segundo Ponzio (2013a:170):

Cada discurso é expressão não de um interior que se exterioriza, mas de um exterior que se interioriza de forma particular, em relação ao desenvolvimento das forças produtivas e às relações sociais de produção, a partir do momento que o indivíduo humano é um produto social, tanto no que diz respeito a sua existência física, quanto pelo fato de que recebe de certo ambiente social o material sócio-ideológico do qual é feita a consciência.

A consciência oficial não tem dificuldades para se manifestar, não está sujeita à censura e pode subsidiar o discurso interior. Já para a consciência não oficial, não apenas é difícil se exteriorizar, mas mesmo existir como discurso interior. É necessária uma força interindividual

⁴⁹ Além do que é exposto neste texto, interessa a Ponzio demonstrar que o diálogo freudiano difere de um diálogo platônico, abstrato, entre ideias. No diálogo freudiano, tem vez a singularidade e a escuta da palavra do outro.

para que esses discursos não se transformem em um “corpo estranho” no psiquismo (Voloshinov, 2001).

O estudo da consciência, em seus mais diversos e variados níveis e nas diversas motivações ideológicas, poderá nos fornecer o material necessário para distinguir, no estudo dos TOTs, a ambivalência, as contradições, os divergentes graus de dialogicidade das palavras que não surgem. Para compreender as possíveis motivações que podem determinar o não surgimento de uma palavra, é importante ainda refletir sobre as diferentes condições histórico-sociais que podem dar às palavras um estatuto de *oficiais*, bem aceitas dentro de um determinado discurso, ou de *não oficiais*.

Tendo já introduzido o posicionamento do círculo bakhtiniano quanto à relação entre linguagem, ideologia e consciência, essencial para um entendimento semiótico dos TOTs, enfatizaremos o papel da *alteridade* e do *diálogo* na enunciação. A partir destes conceitos é possível dar um passo adiante na caracterização dos TOTs como evento enunciativo e dialógico.

3. Diálogo e alteridade: Procurando uma palavra na *ponta-da-palavra*⁵⁰

A partir das reflexões feitas por Ponzio (2007, 2010, 2012, 2013), com relação à interpretação do conceito de *diálogo* no círculo de Bakhtin, interessa aqui principalmente construir um fio condutor entre os conceitos de *diálogo* e *alteridade*, essenciais para a

⁵⁰ O título dessa seção faz referência a um livro de Augusto Ponzio lançado em 2010 – *Procurando uma palavra outra*.

compreensão da noção de *dialogicidade* da palavra e para entender porque o estudo dos TOTs não pode prescindir da *alteridade interna* da palavra.

A mobilização de conceitos bakhtinianos na neurolinguística discursiva tem sido recorrente em Novaes-Pinto (1999, 2004), com ênfase nos conceitos de *enunciado*, *acabamento*, *excedente de visão*, *querer-dizer*, *contrapalavras*, *compreensão responsiva* e relativos ao *ato ético*, fundamentais para o entendimento do pensamento bakhtiniano. Um dos conceitos que a autora considera como elemento-chave na obra bakhtiniana é o conceito de diálogo:

Todo enunciado é dialógico, mesmo quando o interlocutor não é real, mas virtual, ou seja, até quando o sujeito fala consigo mesmo, numa espécie de monólogo. A constituição do sujeito pela internalização de signos exteriores só se dá através de um processo que é fundamentalmente dialógico, pelas interações sociais. Este é um axioma na concepção de Bakhtin. Não se trata de um conceito teórico, mas empírico (Novaes- Pinto, 2004:123)

A noção de diálogo, para Bakhtin, não se restringe ao encontro de dois sujeitos que conversam entre si. Ponzio (2010:316) critica a substituição do termo *dialogismo* por *intertextualidade*, em Todorov, pelo fato de o mesmo restringir o uso de *dialógico* para determinados casos de intertextualidade em que há troca de turnos entre interlocutores. Ponzio advoga que, em Bakhtin, “é precisamente a demonstração, sobretudo na análise de Dostoievski, de que o diálogo não pode ser reduzido à troca de turnos entre interlocutores, ou à concepção da

personalidade humana". Ainda de acordo com o autor (2010: 316):

Mas o que Bakhtin pretendia era mostrar que dialógico é já, constitutivamente, todo enunciado, que o próprio monólogo é dialógico, como o é o discurso interior, o falar ou o pensar com uma só voz, que de fato, justo por isso, nunca é "uma só voz". Além disso, para Bakhtin, o indivíduo humano é dialógico apesar de si mesmo; o diálogo não é uma prerrogativa da personalidade humana, mas seu limite, um obstáculo a sua identidade, à sua autodeterminação, um impedimento à sua definição e acabamento.

Ponzio alerta (2010:323) também sobre os riscos de tomar o conceito de diálogo apenas como dever moral. Na crítica que faz à obra de Clark e Holquist (1984), ele defende que o diálogo não é um ideal a alcançar ou uma escolha do sujeito: "O diálogo não é resultado de uma iniciativa do eu, mas o lugar de sua constituição e manifestação. Ele não espera, para existir, que eu decida respeitar o outro". Dito em outras palavras, não é uma questão de possibilidade de abertura ao diálogo, mas é sim de impossibilidade de fechamento, da impossibilidade de indiferença ao outro.

Ponzio vê como impossível uma "metafísica da escapatória"; é precisamente isto que mostra as vãs tentativas de fugir ao encontro com o outro, nas antecipações das palavras que podem ser vistas no "Homem do subsolo" e em outras obras de Dostoievski. O autor entende que não existe um outro que me serve, para o qual eu devo me abrir para que ele me constitua. Isto seria uma armadilha do ego, disfarçada sob uma interpretação errônea da alteridade. Em nenhum

momento, Ponzio diz que não devemos nos abrir ao diálogo; apenas afirma que isto não é uma prerrogativa para considerarmos uma enunciação como dialógica.

No centro desta discussão está o reconhecimento do papel do outro, da alteridade. De uma alteridade que, para Ponzio (2010), não é simétrica nem reversível, binária, pois não existe um outro como eu; ele sempre será outro de mim. Cada um, dentro de uma arquitetônica bakhtiniana, ocupa um lugar único e irrepitível, insubstituível e impenetrável para o outro; ocupa um tempo e espaço único, sem a possibilidade de álibi.

A arquitetônica bakhtiniana é apresentada no primeiro escrito de Bakhtin (2010:142), *Para filosofia do ato responsável*, profundamente ligada à concepção de diálogo acima apresentada:

O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno desses centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo ou com o outro...

Bakhtin caracteriza os momentos dessa arquitetônica em termos de alteridade. Em cada espaço temporal em que o eu seja centro, estarão inevitavelmente dispostos o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-outro. É justamente neste sentido, de ter o outro implicado dentro do enunciado, que todo dizer sofre influência de uma resposta antecipada. Como diria

Faraco (2013), as possíveis réplicas do outro têm papel constitutivo, em termos de consciência socioaxiológica.

Essa arquitetônica também pressupõe uma memória. De acordo com Bakhtin (1997:122):

A memória que tenho do outro e de sua vida difere, em sua essência, da contemplação e da lembrança da minha vida: essa memória vê a vida e seu conteúdo de uma forma diferente, e apenas ela é produtiva (a lembrança e a observação da minha própria vida podem fornecer-me os elementos de um conteúdo, mas não podem suscitar uma atividade geradora da forma e do acabamento).

A arquitetônica bakhtiniana pressupõe diferentes momentos, posições (eu-para-mim, outro-para-mim, eu-para-o-outro). Essas diferentes posições se relacionam a diferentes qualidades de memória, possibilitam diferentes inferências sobre a memória compartilhada, e sobretudo, sobre o excedente de memória que o outro tem sobre mim (e eu sobre ele). Nossas memórias, mesmo que compartilhadas, jamais coincidem perfeitamente, dado que um mesmo momento recebe diferentes avaliações axiológicas em decorrência de nosso posicionamento.

Da mesma forma, Ponzio (2010:54) afirma que o destinatário da palavra tem posição de quem responderá ativamente e isto incide desde o início do encontro de palavras. Cada enunciação tem caráter de resposta ativa e cada compreensão é, por sua vez, uma resposta antecipada. Isto não incide somente em termos de conteúdo e organização, mas “incide sobre a própria forma, sobre a sintaxe, entonação, além de incidir sobre o contexto, incide sobre o dizer além de incidir sobre o dito”.

Ponzo ainda destaca que a alteridade bakhtiniana não se faz em termos de simetria e reciprocidade na relação eu-outro. A distância de A até B (considerados em algumas teorias como falante e ouvinte) não é a mesma de B até A, pois o lugar único de cada um não pode ser ocupado por um outro, a menos que sejam dialeticamente abstratos, não encarnados e dialógicos:

A irreversibilidade da relação eu-outro, por conta da singularidade e irrepitibilidade da palavra de cada um [...] transforma-se em reversibilidade e simetria somente do ponto de vista de “uma terceira consciência não encarnada, não participante”, e na perspectiva de uma dialética abstrata, não dialógica, que Bakhtin explicitamente coloca em discussão em “apontamentos de 1970-71” (Ponzo, 2010:35).

Vejamos, agora, o trecho de Bakhtin ao qual a a citação acima se refere, com relação à diferenciação entre dialética e diálogo:

Dialogo e dialética: No diálogo as vozes (a divisão de vozes) se soltam, soltam-se as entonações (pessoais-emocionais), das palavras e réplicas vivas extirpam-se os conceitos e juízos abstratos, mete-se tudo numa única consciência abstrata – E assim se obtém a dialética (Bakhtin, 1997:383).

Para finalizar este tópico, é importante perceber que esta discussão está intimamente relacionada com a questão da entonação (e entoação) da palavra. É justamente na entonação que a palavra revela sua mais estreita ligação com a atmosfera social em torno do falante; é quando a palavra se relaciona diretamente com a vida, no “limite entre o dito e não dito, verbal e não verbal”, como diz Voloshinov (2013:82).

3.1 *Uma concepção dialógica da palavra*

A interpretação da noção de diálogo, como vimos acima, que coloca o outro como inalienável, também se revela no interior das próprias palavras. De acordo com Bakhtin (2014:100),

Em essência, para a consciência individual, a linguagem enquanto concreção sócio-ideológica viva e enquanto opinião plurilíngue, coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna "própria" quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva. Até o momento em que foi apropriado, o discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ele é tomado pelo falante!), ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem: e é lá que é preciso que ele seja isolado e feito próprio. Nem todos os discursos se prestam, de maneira igualmente fácil a esta assimilação e a esta apropriação: muitos resistem firmemente, outros permanecem alheios, soam de maneira estranha na boca do falante que se apossou deles, não podem ser assimilados por seu contexto e escapam dele; é como se eles, fora da vontade do falante, se colocassem "entre aspas". A linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem.

Da citação acima, podemos distinguir termos importantes para este trabalho, dentre os quais a noção de *palavras próprias* e de *palavras outras (alheia)*. Toda palavra tem sua dialogicidade enquanto dimensão constitutiva. O que faz uma palavra própria é justamente a recuperação de sentidos da palavra outra, sendo que cada palavra

remete à escuta de uma cadeia de palavras outras às quais se pode aludir, sendo que, para Ponzio (2010:38), a palavra mais monológica seria justamente aquela que menos alude à palavra do outro ou seja, aquela que tem menor grau de dialogicidade. De acordo com o autor (2013:229):

Justamente porque é do outro antes de ser minha, a palavra não é nunca palavra neutra, palavra ideologicamente vazia, mas possui desde sempre uma orientação avaliativa, um sentido, uma ideologia (que não é nunca uma, mas, mais que isso, uma estratificação de sentidos ideológicos, nenhum dos quais cobre de modo completo, como verdadeiro e próprio cancelamento, os outros, que estão, ao invés, dialeticamente, dialogicamente presentes também na palavra mais fortemente monológica). A consequência disso é a evidenciação da alteridade constitutiva da identidade da palavra, que justamente nos níveis mais elevados de apropriação – quando essa é efetivamente palavra nossa – revela uma alteridade interior, apresenta-se como palavra dialógica, como palavra de mais vozes, realiza-se como confronto, nela mesma presente, com valores e projeções do outro.

Desta forma, toda palavra não pode deixar de se orientar pelo já dito, pelos seus usos anteriores. A réplica a um determinado enunciado não se faz somente no tempo presente, numa espécie de microdiálogo, mas também com as memórias que se relacionam com aquele enunciado dentro de um grande diálogo. Lembremos que, para Bakhtin (1997:320):

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas

maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A ideia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração, leva a evocar a imagem desse Adão mítico.

Desta forma, as palavras que utilizamos são obrigatoriamente retomadas, mas não perdem seus fios ideológicos; serão atualizadas em cada encontro. É justamente essa dinâmica da atualização no encontro que difere o *signal* do *signo*, o *significado* do *sentido*. De acordo com Bakhtin (1997:386), as palavras contém em si uma *potência* de sentido, revelada somente na sua *responsividade*; o sentido é definido como aquilo “que é resposta a uma pergunta”, pois “o que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido”. Sendo assim, o autor diria que toda significação contém em si este potencial de sentido e a palavra, fora do seu contexto, não é mais do que uma abstração do seu potencial:

O sentido é potencialmente infinito, mas só se atualiza no contato com outro sentido (o sentido do outro), mesmo que seja apenas no contato com uma pergunta no discurso interior do compreendente. Ele deve sempre entrar em contato com outro sentido para revelar os novos momentos de sua infinidade (assim como a palavra revela suas significações somente num contexto) (Bakhtin 1997:387).

Um dos pontos mais importantes da reflexão que desenvolvemos está na caracterização dos TOTs como eventos dialógicos. Ao caracteriza-los desta forma, dizemos que os TOT ocorrerão em eventos únicos e não

abstratos. Sendo assim, quando a palavra não vem, não se trata apenas do esquecimento do elemento abstrato, mas de todo seu preenchimento ideológico, e não se trata somente de palavra própria, mas também de *palavra outra*.

4. Contribuições da caracterização dialógica da palavra para o estudo dos TOTs

Como dito anteriormente, muitas das questões apresentadas aqui são frutos de reflexões sobre os momentos de ocorrência de TOTs, ao longo de toda a pesquisa. O dado a seguir sintetiza, a nosso ver, questões relativas à dialogicidade constitutiva de cada enunciado. Como já apontado na introdução do trabalho, este evento foi aquele que despertou o interesse para o estudo dos TOTs:

Dado VII: Este episódio, registrado em diário, foi extraído de uma conversa entre SB, afásica, e BO, seu fonoaudiólogo. Depois de abrir a porta e receber BO, SB observa-o por um momento e percebe que a sua barba estava grande.

Turno	Sujeitos	Enunciado	Informações contextuais
1	SB	Mas você está parecendo aquele ... Aquele homem, é... Aquele da barba.	
2	BO	Qual ? Aquele da música ?	BO assume que tratava-se de um músico do grupo dos

			Los Hermanos
3	SB	Não... Aquele outro...Tá aqui quase saindo, é... Hum... Aquele, sabe? Não sa...be, né ? Vou te dizer um que eu sei e aí você vai saber o que eu não sei	Produz algumas pausas longas, aponta para língua.
4	BO	Diga	
5	SB	(...)Fidel Castro	
6	BO	Ah ! Nossa, estou parecendo o Che Guevara ? Que absurdo !	Os dois riem juntos
7	SB	Esse ! Tá sim, tá sim !	

Um das principais dificuldades que SB narra é a de encontrar palavras durante uma conversação, o que resulta em um sentimento de grande frustração. Ela recorrentemente produz enunciados como “Agora eu tenho esse problema” ou “me dá vontade de desistir de falar”. Ela também diz frequentemente que a palavra está “na pontinha”.

BO e SB têm laços familiares e se conhecem há muito tempo, antes de SB se tornar afásica. Por isso mesmo, existe grande conhecimento compartilhado entre ambos, o que acaba possibilitando que SB alcance, na maioria das vezes, seu “querer dizer”. Podemos perceber, no episódio, que SB tem certeza absoluta que BO conhece tanto Che Guevara quanto Fidel Castro.

Ela também reconhece que existe forte relação entre os indivíduos – fisicamente e ideologicamente. A primeira característica física – ter uma barba – explica porque ela tentou comparar BO com Che Guevara, mesmo que naquele momento o nome “Che Guevara” tenha ficado apenas na *ponta-da-língua*. Mas para que BO chegasse ao nome de Che Guevara, não somente foi necessário aludir à barba, mas também a aspectos de outra natureza, por exemplo à similaridade no campo ideológico (ou, talvez, uma combinação de fatores) que faz com que ela fale “Fidel Castro” com a expectativa de que BO fosse capaz de fazer tal relação. De alguma forma, SB percebeu que a associação da aparência como um todo, em especial da barba, a Fidel Castro, dificilmente levaria BO a outro nome que não fosse Che Guevara.

SB também sabe que BO, sendo fonoaudiólogo, sempre tem mais paciência do que os outros interlocutores para ajudá-la a encontrar as palavras que deseja. É interessante pensar que, mesmo sem saber nomear a palavra que desejava, SB foi capaz de antecipar e utilizar uma rede de associações que ligava a primeira palavra com a segunda e de pressupor que aquela associação era compartilhada com BO.

Uma estratégia semelhante ocorreu em outra ocasião, quando, em aula, o Professor Augusto Ponzio tentava dizer algo relacionado a um grande escritor italiano, mas o seu nome não lhe vinha à mente, embora ele indicasse que estava quase saindo. Ele olhou para seus alunos e falou “Lutero”, o que fez com que rapidamente um outro aluno dissesse “Calvino”, ao que ele prontamente respondeu: “Ecco! Italo Calvino”.

Como não saber um nome e, ao mesmo tempo, saber/lembrar um homônimo a ele associado⁵¹? Como reunir informações suficientes sobre a palavra ausente, ao ponto de dizer, como disse SB: “Vou te dizer um que eu sei e aí você vai saber o que eu não sei”?

Isto não seria possível se não houvesse uma rede que liga essas palavras, que coloca uma palavra na ponta da outra palavra; se cada palavra não tivesse uma história, que de algum modo se liga à história de cada participante do diálogo. Por meio de uma arquitetônica que prevê o papel do outro, bem como à antecipação que fazem entre si os participantes do diálogo, essas relações podem ser compreendidas, visto que cada enunciado dialoga com sua réplica e se dirige ao outro, para um novo processo de acabamento.

Para melhor entender como esses eventos ocorrem, uma das perguntas feitas a SB foi como se sentia quando ficava com a palavra na ponta-da-língua. Vejamos outro dado em que ela explica sobre sua sensação:

Dado VIII: Este episódio é extraído de uma sessão entre SB, afásica, e BO, seu fonoaudiólogo.

Turno	Sujeitos	Enunciado	Informações contextuais
1	BO	Como você se sente quando a palavra não aparece ?	Início da sessão.

⁵¹ Uma hipótese (ao modo de Freud) a se considerar é que o TOT pode ter sido causado justamente pela presença desse homônimo.

2	SB	Quando a palavra... é...	
3	BO	Você sente isso?	
4	SB	<p>Eu sinto, claro que eu sinto. E eu fico muito procurando. Agora, se eu quiser falar... Queria falar direta pra pessoa... Começo a... Por exemplo, se eu quero falar logo é pior, vai embora. Mas... aí eu fico tão nervosa e ela não vem. Não vem, não vem, não vem. Ontem eu queria falar ib... ib... [pausa] Ibicuí. As palavras ficam todas trocadas na minha mente. Uma hora eu sabia que tinha o "B"; o B era o mais importante, engraçado né? Ai eu falei, será que é Búzios, que é Brizi... Eu não conseguia achar. Eu falei "puxa vida". Mangaratiba também eu falava Man... ti... tiba. Queria falar com a menina porque ela mora em Resende, a namorada do M. e o pai dela vai pra ... al... alta... alto da serra. Perto, do lado, porque eu sei que tem um caminho</p>	<p>Faz o gesto, em diversos momentos, de agarrar o ar.</p> <p>Dá risada ao falar do "B"</p> <p>M. é seu filho.</p>
5	BO	Pro alto da serra ?	

6	SB	Alto da serra, ar... Arrozal, depois alto da serra, mas por aqui pega o “passa três” e chega pra São Paulo ali... Por aquele lado ali assim.	
7	BO	Entendi.	
9	SB	Entendeu ? Eu sei direitinho os lugares todos na minha cabeça. [...] Mas é isso, se eu quero falar, a... começa a mostrar, mostrar... O que é o mais importante. Assim, né ? Mas acontece que eu não consigo... Aí na hora que eu fico um pouco mais calma... Que eu já digo “não vou conseguir, olha, é mais ou menos isso, isso aquilo, parará e tal” e a pessoa começa a pensar... quando a pessoa pensa e eu... Já fico mais calma... Aí chega.	SB faz um gesto com o dedo indicador girando Faz as mão girando, no gesto de pegar algo no ar.
10	BO	E a pessoa ajuda ?	
11	SB	Ajuda. Mas as pessoas, às vezes... Porque eu começo pelos nomes errados. Entendeu? Eu quero falar uma coisa... Porque pra minha memória aqui, ela começa de alguma outra	

		coisa. As vezes as coisas mais impo... Mais fortes ! Por exemplo, Ibicuí... Talvez o I fosse o mais importante, mas começou a pegar pelo "B" e rodar isso aí...	
--	--	---	--

SB diz que as palavras aparecem trocadas na sua mente, mas que geralmente tem uma pista, algo mais forte. No caso de *Ibicuí*, seria inicialmente o "B", o que a levou à palavra *Búzios* [turno 4]. SB se refere, primeiramente, a um lugar que não estaria geograficamente localizado no alto da serra: Búzios. Mas também, segundo ela, talvez o "I" fosse mais importante, como revela no turno 11. Acreditamos que a própria percepção de SB se deve ao fato da vogal estar presente em todas as sílabas, iniciando a palavra e ainda se apresentando acentuada no final. Talvez, por ser justamente o mais óbvio e previsível, era mais passível de não ser lembrado.

Esse tipo de dificuldade de encontrar a palavra desejada nos remete à teoria de Jakobson, no capítulo anterior, sobre os processos de seleção e de combinação das unidades linguísticas. Sabemos que nem sempre, quando estamos em estados de TOT, realmente acertamos a primeira letra, ou o primeiro som. Isto levaria, acentuadamente, a uma maior dificuldade para selecionar a palavra-alvo, visto que a sua seleção não satisfaria um critério inicial de combinação.

SB revela estratégias diferentes daquelas do seu primeiro dado (Dado VII). No Dado VIII, ela diz que não vai

mesmo conseguir dizer a palavra; que é mais ou menos isso ou aquilo [turno 9]. É provavelmente uma estratégia para se acalmar, para ganhar tempo, até que a palavra chegue. É uma forma de revelar ao outro a sua própria dificuldade. Nesses momentos, SB sabe que a palavra pode não vir. Como ela mesmo diz, pode ficar para outro momento, em que ela terá que “acordar de madrugada, procurar nos dicionários, nos mapas, e por aí vai”.

Concluindo e comentando...

Este capítulo teve como objetivo aprofundar a caracterização dos TOTs, a partir da dimensão dialógica da palavra; da dialogicidade do signo. Trata-se de uma forma de dizer que as palavras estão, como sugere Ponzio, na ponta de outras palavras, intimamente relacionadas, em uma rede.

Quando consideramos o evento enunciativo, muitas possibilidades se abrem para a resolução dos TOTs. Por vezes, na ausência da palavra, o sujeito decide que “é melhor deixar para lá” e seguir adiante com outra palavra, que dê conta de indicar aos interlocutores o seu intuito discursivo. Outras vezes, suspende-se o tratamento do tópico discursivo até que a palavra venha – muitas vezes com o auxílio dos interlocutores, como se fosse um jogo de adivinhação⁵².

⁵² E, vendo por este lado do jogo, ainda temos os TOTs como *blefe*. Quando, no meio de uma prova oral, por exemplo, alguém que não saiba uma resposta pode dizer que sabe, mas que naquele exato momento, não se lembra; que deu um branco. Para um bom enganador, parece impossível distinguir um TOT verdadeiro de uma invenção.

Com o objetivo de nos aprofundarmos na compreensão do signo enquanto evento dialógico, não podemos deixar de nos reportar ao campo da memória no estudo dos TOTs.

A arquitetônica bakhtiniana pressupõe uma memória em torno das posições do eu e do outro e, mais ainda, da memória compartilhada por ambos. Vimos, anteriormente, que muitos pesquisadores (e até mesmo os sujeitos em processo de TOT) o consideram como um tipo de esquecimento. Vamos refletir, no próximo capítulo, sobre a ocorrência do TOT como um signo incompleto, que não foi nem completamente esquecido, nem completamente lembrado.

5. ALÉM DA PONTA DO ICEBERG: OS TOTS E AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

*Vou deitar à sombra de uma palmeira que
já não há.*

*Trecho da canção “Sabiá”
Composição de Chico Buarque
de Hollanda e Tom Jobim (1968).*

*No fim da bagaceira
minha vista escureceu
Se alguém souber meu nome
Diga quem sou eu*

*Trecho da canção “A bagaceira”.
Composição de Siba (2012)*

Já dissemos, na introdução deste livro, que a ocorrência dos TOTs poderia ser comparada à “ponta de um iceberg”. Com isso, queremos dizer que entendemos o fenômeno como a interface sensível de processos subjacentes muito mais amplos e

complexos, que se dão na relação entre diversas funções psicológicas superiores, tais como atenção, percepção, linguagem e memória – as duas últimas privilegiadas neste capítulo.

Inicialmente, se faz necessário entender, na perspectiva histórico-cultural fortemente baseada nos conceitos postulados por Luria e Vygotsky, como as funções psicológicas superiores estão integradas, constituindo o funcionamento do cérebro como um *sistema funcional* complexo. Logo após, apresentaremos o fenômeno chamado de “Feeling Of Knowing” (doravante FOK), que é definido em relação à sensação de saber que se sabe.

Em seguida, nos aprofundaremos nas questões relativas à memória, distinguindo-a enquanto *arte* e enquanto *potência*, com base no pensamento de Augusto Ponzio (2007), Aleida Assmann (2011) e Paul Ricœur (2012), discutindo também conceitos como *memória do sujeito* e *memória da palavra*. Por fim, traremos contribuições especificamente ligadas à relação entre a *lembrança* e o *esquecimento* e analisaremos um dado, visando elucidar o caráter incompleto dos TOTs.

Antes de prosseguir, entretanto, ressaltamos que não definiremos *a priori* termos como *lembrança*, *recordação*, *rememoração*, *evocação* e *memória*, por um lado, geralmente tidos como sinônimos ou, por outro, *dificuldade de recordar*, *falha de memória* e *esquecimento*, compreendidos como seus antônimos em linguagem cotidiana. Tentaremos esclarecer esses usos à medida que forem mobilizados no contexto da discussão e segundo diferentes autores.

1. As funções psicológicas superiores sob uma perspectiva histórico cultural

Luria admirava o trabalho de Vygotsky e o considerava um grande aliado, que compartilhava dos mesmos interesses, que identificava a crise pela qual a psicologia se encontrava na época e que era o principal teórico na abordagem identificada como histórico-cultural:

Não é exagero dizer que Vygotsky era um gênio. Em mais de cinco décadas de trabalho em meio científico, nunca mais encontrei qualquer pessoa cujas qualidades se aproximassem das de Vygotsky: sua clareza mental, sua habilidade na identificação da estrutura essencial de problemas complexos, a extensão de seu conhecimento em diversos campos, e a capacidade que tinha de antever o desenvolvimento futuro de sua ciência (LURIA, 1992:43).

Influenciado pelas teorias de Vygotsky, Luria (1973) aprofundou a noção de que as funções psicológicas superiores são sociais em sua origem, complexas e hierarquicamente organizadas nas suas estruturas. Para Friedgut (2006), Luria expõe um método dialético de estudo das funções psicológicas, em que a natureza influencia o desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que também se modifica pela ação do homem. Essa interação dialética cria novas condições de existência.

Contrapondo-se tanto à visão mecanicista da localização cerebral – interessada em mapear as áreas cerebrais e suas funções –, quanto à visão holística do cérebro — que o concebia como uma massa indiferenciada –, Luria, em consonância com os

postulados de Vygotsky, desenvolve o conceito de *Sistema Funcional Complexo*⁵³.

O cérebro, segundo Luria, pode ser dividido em três unidades estruturais e funcionais mais delimitadas, cada uma subdividida em diferentes zonas. Trata-se de estruturas que correspondem a sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis, sem uma localização anatômica fixa (Luria, 2006)⁵⁴.

A unidade I é reguladora dos chamados “estados de consciência” e suas estruturas estão situadas no tronco cerebral. Esta unidade desempenha importante papel na regulação do estado cortical e no nível de vigiância.

Já as unidades II e III são corticais e desempenham diferentes funções. A unidade II – que engloba os lobos temporal, parietal e occipital – seria responsável por receber, analisar e armazenar informações com especificidade modal. Suas partes componentes estão adaptadas para a recepção de informações visuais, auditivas, vestibulares ou sensoriais gerais. A unidade II (assim como a III) é formada por zonas primárias, secundárias e terciárias. A zona primária seria responsável pela recepção das informações sensoriais, enquanto que a zona secundária sintetizaria essas informações para o trabalho da zona terciária – a mais complexa de todas, justamente por ser responsável pela integração das informações de diferentes analisadores.

⁵³ Segundo Noguchi (1997), o conceito de Sistema Funcional Complexo foi introduzido por Anokhin, em 1935, e desenvolvido posteriormente por Luria.

⁵⁴ Segundo Noguchi (1997:40), por exemplo, uma alteração semântica não repercute nos processos mentais superiores de forma exclusivamente linguística ou exclusivamente visual ou mnésica. “[...] Só é possível entender essas alterações na relação entre estes processos”.

Assim, dados visuais, táteis-cinestésicos e auditivos são analisados individualmente até a chegada à zona terciária. É justamente nessa área que as informações serão associadas e integradas. De acordo com Luria (1981:55), as estruturas associativas da Unidade II desempenham papel essencial na “memorização de experiência organizada ou, em outras palavras, não apenas na recepção e codificação de informações, mas no seu armazenamento”. São estruturas especificamente humanas, desenvolvidas ao longo da filogênese.

Já a unidade III – constituída pelo lobo frontal – seria responsável pelo controle e avaliação da ação. As especificidades descritas anteriormente, com relação às zonas primárias, secundárias e terciárias, também fazem parte da unidade III, mas neste caso fazendo o caminho inverso ao anteriormente descrito. A zona terciária é igualmente intermodal, enquanto que a zona secundária seria a programadora estrutural e sequencial da ação, que ocorre sob o comando da zona primária. As áreas pré-frontais do cérebro, essenciais para a regulação do estado da atividade, de acordo com Luria (1981), consistem nas últimas partes dos hemisférios cerebrais a serem formadas (tanto na filogênese, quanto na ontogênese), ocupando neles cerca de um quarto da massa total. São muito pouco desenvolvidas nos demais animais, sendo um pouco maiores nos primatas.

É de fundamental importância essa visão integrativa intermodal, assumida por este modelo, principalmente em relação às funções complexas superiores. Citamos um trecho em que Luria (1981:60) sintetiza bem a importância da Unidade III:

O homem não somente reage passivamente a informações que chegam a ele, como também cria intenções, formas plenas e programas para as suas ações, inspeciona a sua realização e regula seu comportamento de modo a que ele se conforme a esses planos e programas; finalmente, o homem verifica a sua atividade consciente, comparando efeitos de suas ações com as intenções originais e corrigindo erros que ele tenha cometido.

Como já dissemos na introdução deste capítulo, nosso objetivo é o de relacionar aspectos linguístico-cognitivos para compreender o processo subjacente ao TOT. Antes de aprofundarmos a reflexão sobre a relação entre linguagem e memória, tema que perpassa o trabalho desde o seu início, julgamos necessário tratar, ainda que brevemente, de questões acerca da percepção e da atenção, uma vez que estão funcionalmente imbricadas.

A percepção, como entendida por Luria, tem caráter ativo. Não somente sentimos, mas percebemos que sentimos, em um complexo processo de codificação do material percebido que se realiza somente com a estreita ligação com a linguagem. Para Luria, a percepção “nunca acontece sem a participação direta da linguagem” (1981:200). Para entendermos melhor este processo, vejamos como o autor a descreve:

O processo de percepção é, assim, evidentemente, de natureza complexa. Ele começa pela análise da estrutura recebida, ao ser recebida pelo cérebro, em um grande número de componentes ou pistas que são, subsequentemente codificados ou sintetizados e inseridos nos sistemas móveis correspondentes. Este processo de seleção e síntese de aspectos correspondentes é de natureza ativa e ocorre sob a influência direta das tarefas com que o indivíduo se defronta. Realiza-se com o auxílio de códigos já prontos (especialmente códigos de linguagem) que

servem para colocar o aspecto percebido no seu devido sistema e para conferir a ele um aspecto de caráter geral ou categórico.

Desta forma, a percepção incorpora sempre um estado de comparação com uma hipótese original. No caso dos TOTs, por exemplo, em cada momento singular, se reiteram características que se baseiam em experiências prévias, tanto do ponto de vista da cultura, quanto do ponto de vista da sua internalização para o próprio sujeito. Para Luria, decorre dessa experiência prévia que, em alguns casos, a percepção se torne familiar, fazendo com que o processo seja retomado por meio de “atalhos”. Isso poderia explicar por que a sensação de um TOT pode ocorrer mesmo para uma palavra que não existe, o que na literatura é conhecido como “TOT ilusório⁵⁵”.

Da mesma forma que a percepção, para Luria (1981), também a atenção é um processo ativo. Devido a seu desenvolvimento durante a filogênese, se evidencia nas formas superiores, humanas, como *atenção voluntária*. Esta função psicológica superior também depende de um funcionamento integrado, desde o estágio de vigília, forma elementar de atenção regulada por mecanismos em que participa o tronco cerebral superior, até o reconhecimento seletivo de determinado estímulo, que inclui a inibição de outros semelhantes.

Para finalizar esta seção, vejamos um dado de TOT que dá visibilidade à integração das funções

⁵⁵ Este tipo de TOT pode ser visto com mais profundidade no trabalho de Schwartz (1998), no qual o autor elicia um TOT com perguntas que não possuem resposta. Um exemplo do procedimento seria perguntar “Qual o nome da capital de Brasília?”. Ainda que não exista uma capital de Brasília, esta pergunta pode eliciar estados de TOT.

psicológicas superiores. A narrativa retroativa é também um momento de reflexão sobre o fenômeno e, por isso, um momento em que prevalece a atividade metalinguística, com aumento da atenção voluntária:

Dado XI: O sujeito EA, sexo feminino, estava no meio de uma tarefa quando sente um cheiro e fica com a palavra na *ponta-da-língua*.

Relato registrado no Blog (17/09/2012)

EA	<i>Ontem, estava correndo um pouco, com “mil coisas para fazer” e havia pessoas me esperando. Neste momento, entrei na cozinha de casa, para pegar um copo d’água e senti um cheiro de... Perguntei para minha amiga que já estava lá: “Este cheiro é de...”. (não me lembrei da palavra, ficando com a sensação de palavra na ponta-da-língua) “era doce?” Eu mesma respondi: “Não. É...” Nisso fiz um gesto levantando a mão direita para a direita, em “arco”, que me remeteu a um tufo, e a palavra saiu: “Era cidreira”.</i>
-----------	---

Como entender que uma sensação de natureza olfativa tenha desencadeado um TOT e, por sua vez, a realização de um gesto tenha contribuído para o surgimento da palavra? Do ponto de vista neurofisiológico, vimos que a memória resulta do trabalho integrado das áreas associativas do Bloco II (que sintetiza informações auditivas, táteis, visuais, gustativas e também aspectos ligadas ao movimento e mesmo à *melodia cinética* da ação. Por outro lado, a própria relação

de um signo com outros (verbais ou não-verbais), como vimos no capítulo anterior, participa ativamente do processo de busca da palavra e de sua solução. Isso sem falar nos enlances afetivos, como vimos em Luria.

O sujeito estava em meio a uma atividade cotidiana quando a sensação da falta da palavra e o desejo de encontrá-la interrompem a própria atividade e lhe tomam a consciência. De modo geral, não existe como escapar de um TOT. Podemos, no máximo, ignorá-lo. No dado acima, o sujeito é impelido à solução, mesmo que tenha que deixar de lado as “mil coisas” para fazer e as “pessoas esperando”. Continua a tentar encontrar a palavra perguntando à amiga, que também não soube dizê-la. De certa forma, já intuía que se tratava de uma erva, visto que o nome que surge durante a busca é *erva doce*, que ela imediatamente nega. No relato do blog, o sujeito EA ainda informa que “erva cidreira” é o seu chá favorito, o que explica a sua motivação em encontrar a palavra, que somente vem quando o TOT desencadeia um gesto – que representa um arco e remete ao tufo de erva cidreira – gesto icônico por natureza, conforme veremos mais adiante. O sujeito diz que “a palavra saiu”. Não temos como saber qual a natureza dessa lembrança, mas parece que a palavra, nesse contexto, tem certa autonomia.

As lembranças despertadas pelo cheiro também são amplamente descritas em trabalhos de caráter não-científico e nas obras literárias, como veremos adiante. É interessante assinalar que já existem testes preparados

com odores específicos, o que já se configurou como um tipo de estímulo eficaz para eliciar os TOTs⁵⁶.

2. O *Feeling of Knowing* (FOK) em sua relação com os TOTs

O primeiro artigo que aborda sistematicamente o fenômeno conhecido como FOK foi o de Hart (1965), intitulado *Memory and the feeling of knowing experience*, que discorre sobre a *sensação de saber* a resposta para uma determinada pergunta. Para o autor, quando temos dificuldade para resolver uma questão, não ficamos completamente impassíveis; é natural que tenhamos sensações relacionadas ao saber (ou não saber) como resolvê-la. Em seu artigo, o autor cita as reflexões de William James (1890) e as investigações de Woodworth e Schlosberg (1954), afirmando que são limitadas em diversos aspectos, dado que (1965:208):

(a) Only the intense tip-of-the-tongue experiences were studied, not the more general and ubiquitous feeling-of-knowing experiences; (b) the investigations were unsystematic and non quantitative, consisting mainly of collections of instances; and most importantly (c) the investigations did not answer, nor even ask, what is perhaps the most important question about tip-of-the-tongue or feeling-of-knowing experiences – are they accurate? Instead, the early investigators took the phenomenon as given and tried to study how subjects retrieved or searched for information they did not have but felt they knew.

⁵⁶ Recomendamos, para aqueles que estiverem especialmente interessados no tema, a leitura do capítulo *Odor Knowledge, Odor Naming, and the “Tip-of-the-Nose” Experience*, de Fredrik U. Jönsson and Richard J. Stevenson, no livro organizado por Brown e Schwartz (2014).

Hart (1965) estava interessado em medir o que chamou de *acurácia* dos FOKs, buscando compreender como estes poderiam servir como indicadores de armazenamento de memória e afirmou que é necessário “[...] to find a research paradigm within which the experiences can be produced and their accuracy evaluated” (1965:208). Julgou que uma forma de avaliar essa *precisão* seria pela comparação dos acertos e erros nos estados denominados de *Feeling of Knowing* e *Feeling of Not Knowing* – *sensação de saber que sabe* e *sensação de não saber*. Para isso, Hart desenvolveu um experimento no qual apresentava uma pergunta, tal como: “Qual é o maior planeta do sistema solar?” Se o sujeito não soubesse responder, lhe era perguntado se ele saberia o suficiente para acertar a mesma questão dentre uma série de alternativas. No exemplo dado, as alternativas seriam “a) Plutão; b) Vênus; c) Terra e d) Júpiter”. O autor chegou à seguinte conclusão (1965:214), após realizar o experimento e encontrar resultados que corroboravam a hipótese de que os FOKs podem indicar, com certa acurácia, o que está (ou não) na memória:

Earlier, in the introduction, the claim was made that the most important and interesting question to ask about FOK experiences is: "Are they accurate?" Now that the results have given a "yes" answer to this question, it is pertinent to look at the question again and ask: "Why is it important that FOK experiences be accurate? And, if they are, so what?" Is the FOK phenomenon anything more than a curious and common subjective experience? Does the experience have any usefulness in daily life?

Pelos resultados obtidos no experimento, o autor conclui que a *sensação de saber que sabe* é, em geral, *precisa* e reflete sobre qual a relevância disso para a vida cotidiana. Sugere que essa sensação deva ser um importante indicativo sobre a presença ou a ausência de uma determinada informação na memória – entendida aqui como um sistema de armazenamento de informações – mas ressaltando que aquilo que é recuperado não pode ser considerado como um *espelho* daquilo que está armazenado. O autor ainda acrescenta:

It can serve as an indicator of what is stored in memory when the retrieval of a memory item is temporarily unsuccessful or interrupted. If the indicator signals that an item is not in storage, then the system will not continue to expend useless effort and time at retrieval; instead, input can be sought that will put the item into storage. [...] The important finding of the investigations reported is that FOK experiences are relatively accurate indicators of memory storage (Hart, 1965:214-215).

Com relação à utilidade da *precisão* (acurácia) da *sensação*, o autor esclarece que o “sistema” vai ou não dispende um esforço na busca da informação, dependendo se a sensação é de que se sabe ou de que não se sabe a resposta.

De acordo com Metcalfe e Dunlosky (2008:349), “this finding of above-chance predictive accuracy has been replicated hundreds of times, so there is no doubt as to its reliability”. Desta forma, as pesquisas destes últimos anos têm se direcionado para entender que tipos de pistas favorecem os FOKs e diversas hipóteses têm sido propostas no intuito de revelar como *sabemos que sabemos* uma determinada coisa. Em outras palavras, como

sentimos que seria possível lembrar de algo, ainda que no momento estejamos impossibilitados de fazê-lo.

Lembramos que, apenas um ano após o estudo de Hart (1965), Brown e McNeill publicaram o artigo que já apresentamos e discutimos neste livro, que inicia uma corrente de estudos sobre o fenômeno das palavras na *ponta-da-língua*. Schwartz acredita que o fato de Brown e McNeill (1966) não discutirem o trabalho de Hart contribuiu para que as duas linhas de pesquisas se desenvolvessem separadamente, sendo os TOTs mais estudados pelos psicolinguistas e os FOKs por pesquisadores interessados nos fenômenos da *metamemória*. A nosso ver, além do que foi adequadamente afirmado por Schwartz (2002), é preciso ter em mente que o fenômeno dos TOTs, tal como foi estudado, respalda as teorias modulares sobre acesso lexical, enquanto que o estudo do julgamento de predições sobre os FOKs tem objetivo distinto, mais relacionado ao campo de estudos da memória.

Embora o artigo de Brown e McNeill não faça referência ao FOK, o artigo de Hart (1965:208) se referia explicitamente ao fenômeno das palavras na *ponta-da-língua*:

Even when unable to answer difficult questions, people are not completely blank. Usually they have definite feelings about whether they know or do not know the absent answers. Feelings of knowing can sometimes be very strong; a person will feel that an elusive memory is close, very close — right on the tip of his tongue. Tip-of-the-tongue experiences and feelings of knowing of lesser intensities are very common, occurring every day with many types of memory materials: names, dates, telephone numbers, addresses, faces, places, etc.

É interessante destacar pontos da citação anterior de Hart, quando o autor menciona que os fenômenos ocorrem cotidianamente, não somente com palavras, mas com outros “materiais da memória” – como faces, nomes, lugares e números, dentre outros. O que discutimos, para além dessas questões, ao longo deste livro, diz respeito ao papel da linguagem nesses fenômenos e a especificidade dos TOTs em relação ao FOKs. Outra questão apontada na citação acima e que julgamos relevante no contexto desta pesquisa é que o autor os relaciona (FOK e TOT) afirmando que o TOT ocorre quando há um FOK muito intenso, causando a sensação da iminência da palavra.

No livro de Brown (2012:14), depois de apresentar as duas categorias de TOTs postuladas por Schwartz *et al* (2000), – TOTs iminentes e não-iminentes o autor pondera: “as a footnote of this topic, if imminence is an integral aspect of TOTs (Schwartz *et al*, 2000), then a nonimminent TOT may actually be a high FOK item, instead”.

Acreditando que este tema deva receber mais atenção, argumentaremos contra a simplificação da “iminência”, conceitualmente relacionada aos TOTs desde seus primeiros estudos. Sendo assim, a primeira consideração é que a categoria de TOTs *não iminentes* parece contradizer a própria conceituação do fenômeno, mesmo nos primeiros estudos. De acordo com Brown (2012:13):

The term “imminence” often appears in definitions and descriptions of TOTs, or a similar term like “verge” (Brown & McNeill, 1966; Rastle & Burke, 1996; Brown, 1991; Schwartz, 2001b; Schwartz & Smith, 1997). Some investigators see it as an

essential feature of TOTs (Valentine, Brennan & Brédart, 1996), and especially useful in differentiating TOTs from FOKs (Smith, 1994), The concept of imminence also relates to James' (1893) characterization that TOTs make us "tingle with the sense of our closeness".

Como vimos no capítulo 1, a metáfora do TOT sugere que a palavra está bem ali, na *ponta-da-língua*; portanto, iminente. Já o conceito de *Feeling of Knowing* não pressupõe tal iminência, mas apenas remete à *sensação* de saber a palavra. Concordamos com Schwartz (2002) que os TOTs não sejam uma experiência igual em todos os momentos e para todos os indivíduos; que possam existir diferentes graus emocionais, de força, de iminência. Entretanto, não concordamos com uma separação tão radical como tem sido proposta na literatura.

O segundo ponto da nossa argumentação está relacionado às informações dadas aos sujeitos nos estudos que propõem tal dicotomia. Vejamos, por exemplo, como Schwartz *et al* (2000:24) informam os sujeitos, previamente ao experimento, sobre a iminência e a não iminência dos TOTs:

A tip-of-the-tongue state (abbreviated TOT) means that you feel as if it is possible that you could recall the target answer, and that you feel as if its recall is imminent. Sometimes, you may feel as if you are about to recall the target, and will do so if given enough time-imminence. Other times, you may feel the TOT state, think that you know the answer, but may not feel the target is immediately imminent. If you are in a TOT state that is imminent indicate this kind of TOT by pressing the I key. If you are in a TOT state, but do not feel as if recall is imminent press the T key. If you cannot recall the answer and are not in a TOT state, press the N key.

Antes de mais nada, é necessário notar que a própria definição de TOT dada pelo autor ao sujeito inclui a característica de *ser iminente*. Em seguida, se fala que o alvo pode não estar imediatamente iminente. A nosso ver, a instrução parece ser contraditória. Ainda assim, é pedido que o sujeito classifique o TOT em *iminente* e não *iminente*. Essa informação parece não ser suficientemente precisa, falhando justamente quando traduz “não imediatamente iminente” pela expressão “não iminente”, pois existe grande distância entre o que significam.

Segundo Brown (2012), sendo a iminência uma característica central para que os sujeitos se reconheçam em estado de TOT, poucos ou nenhum relataria se tratar de um TOT *não iminente*. Entretanto, Schwartz *et al*, no estudo referido, não encontram diferenças nos resultados entre a incidência de TOTs iminentes e não-iminentes, o que poderia sugerir que a iminência não é característica essencial do fenômeno. Em um nível conceitual, questionamos se é possível assegurar que aquilo que os sujeitos estavam relatando como TOTs não seriam FOKs, baseados na definição e na orientação dadas. Da mesma forma que Brown (2012:14), acreditamos que devemos ser cuidadosos com tais instruções⁵⁷:

Instructions such as these (Schwartz et al, 2000) may artificially create a set of items that do not normally exist. More specifically, subjects may recalibrate their assessments by assuming that nonimminent TOTs exist even if they have not experienced one.

⁵⁷ Não podemos deixar de citar que, dentro deste mesmo estudo, os TOTs são categorizados em emocionais e não emocionais.

Um último ponto que argumentaremos aqui reforça o que já foi dito neste trabalho. Deve-se ter cuidado para não extrapolar os resultados dos estudos laboratoriais (onde a palavra-alvo é aquela sugerida ou esperada pelo pesquisador e eliciada nos testes), na tentativa de explicar o fenômeno em sua ocorrência cotidiana (nos enunciados onde de fato ocorrem). Como a metodologia aplicada no estudo de Schwartz *et al* não dá conta de descrever aspectos qualitativos do fenômeno, com relação aos infinitos graus de proximidade com a palavra, acaba por criar artificialmente uma categoria que vai de encontro com a própria definição dos TOTs.

Tudo isto nos remete continuamente à relação entre o TOT e o FOK. O primeiro pesquisador a vislumbrar a relação entre os fenômeno foi Hart (1965), que coloca com bastante clareza que os TOTs são FOKs mais intensos, como já vimos anteriormente. Ainda que a questão parecesse definida para o autor, o panorama que se vê hoje nas pesquisas é bastante diferente. A relação entre esses fenômenos tem dividido as opiniões dos pesquisadores, pois se, para alguns, ambos têm a mesma base de funcionamento cognitivo, para outros parecem ser processados de maneira independente, inclusive com relação aos seus correlatos neurológicos.

Há uma gama de estudos realizados com neuroimagem que visam justamente elucidar a relação entre esses fenômenos, dentre os quais o de Maril *et al* (2005), no qual os pesquisadores aplicaram técnicas de imagem por meio de ressonância magnética funcional

(fMRI)⁵⁸, comparando sujeitos em estados de TOTs e FOKs. O procedimento experimental é descrito a seguir:

For experimental trials, subjects responded to each trial by pressing one of four response keys to indicate their retrieval outcome – successful retrieval (know), unsuccessful retrieval not accompanied by a TOT or FOK (don't know), unsuccessful retrieval accompanied by a TOT (TOT) or unsuccessful retrieval accompanied by a FOK (FOK). Prior to the experiment, detailed instructions were provided to clarify what constitutes a TOT state, a FOK state and the difference between them.

Assim como nos demais experimentos já relatados, também vemos uma definição prévia de categorias para classificar a experiência do sujeito. Não existe, por exemplo, uma opção em que o sujeito esteja em TOT e FOK ao mesmo tempo. Porém, os resultados do estudo de Maril *et al* (2005) corroboram as hipóteses que fazemos neste trabalho, de que os TOTs não sejam simplesmente FOKs mais intensos, mas tampouco podem ser dissociados dos TOTs. De acordo com os autores deste estudo:

Moreover, directly comparing TOT and FOK, the results of this study suggest that activations in frontal areas reflect processes that are specifically associated with TOT, rather than more

⁵⁸ Segundo Novaes-Pinto (2009: 4), na Ressonância Magnética Funcional, que é uma das mais utilizadas nas pesquisas, “é possível ver as áreas cerebrais mais convocadas para a realização de uma determinada tarefa. Isso ocorre porque tais áreas demandam um aumento dos níveis de oxigênio no cérebro, provido pelo fluxo sanguíneo. A imagem obtida, entretanto, não é uma “fotografia” do cérebro, no momento exato em que a tarefa é realizada. [...] Entretanto, é necessário refletir sobre seus limites explicativos, já que as imagens resultam de uma interpretação estatística feita pelo computador.

general metacognitive processes. In the behavioral literature, TOT and FOK are usually regarded as two levels of an essentially unitary process, with TOT being thought of as a stronger instance of FOK. As no dissociation was observed in the present study, the results are inconclusive with regard to the type of difference between TOT and FOK, that is, there is a quantitative or a qualitative difference between them. **However, with TOT but not FOK eliciting activations in frontal areas, it may be the case that TOT is a cognitive state that is not merely a strong instance of FOK, but rather that there may exist a qualitative difference between the two states**⁵⁹.

Sobre o estudo citado, Brown (2012:19) afirmou que “interestingly, there was no brain region uniquely associated with FOK judgments that was not also active to some extent with TOTs”. A parte grifada na citação indica que pode haver uma diferença qualitativa entre eles, o que corrobora a hipótese de que o primeiro fenômeno (FOK) pode ser constitutivo do segundo (TOT), como já afirmamos. Isto é plausível do ponto de vista conceitual, visto que acreditamos não ser possível ter uma palavra na *ponta-da-língua* sem a sensação de sabê-la, o que seria um paradoxo com relação à definição do próprio fenômeno.

O objetivo desta seção foi contribuir para responder à pergunta colocada por Brown (2012:17), que questiona se os TOTs são simplesmente FOKs intensos ou se seriam duas experiências *qualitativamente* diferentes. Acreditamos que a abordagem qualitativa dos fenômenos, relacionando-os ao funcionamento integrado das funções cognitivas – percepção, memória, atenção e

⁵⁹ Grifo nosso.

linguagem – nos permite avançar no seu conhecimento, em decorrência do deslocamento do posto de observação.

3. O estudo da relação entre memória e linguagem na perspectiva histórico cultural

Como colocado anteriormente, a linguagem não pode ser resumida às regras estruturais da língua, ao seu sistema, da mesma forma que a memória não pode ser reduzida aos seus processos neuroquímicos e à sua contraparte biológica. Tanto a linguagem como a memória são sistemas complexos, de natureza semiótica, que emergem ao longo do desenvolvimento humano (Oliveira e Novaes-Pinto, 2014).⁶⁰

Vygotsky e Luria (1996) buscam explicar como a memória se desenvolve ao longo da história do homem. Para os autores, a memória do homem primitivo seria extremamente acurada, podendo ser considerada por nós como extraordinária. Segundo os autores (1996:113):

[...] a memória biológica (orgânica), ou a chamada unidade mnemônica, cuja base está impregnada na plasticidade de nosso sistema nervoso (em sua capacidade de armazenar traços de estímulos exteriores e de reproduzi-los) atinge seu desenvolvimento máximo no homem primitivo.

Porém, essa extraordinária capacidade humana é meramente o exercício cotidiano da memória, na ausência (ou carência) de mecanismos lógicos e abstratos, visto

⁶⁰ Esta discussão foi desenvolvida também em outros trabalhos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, como Beilke (2009); Novaes-Pinto e Beilke (2010) e Oliveira e Novaes-Pinto (2014).

que, filogeneticamente, havia um estágio cognitivo primário, indiferenciado, eidético, essencialmente ligado à necessidade de reproduzir um objeto tal qual previamente apresentado. A memória, nesse estágio, funcionaria como força elementar. Podemos dizer que ela dominaria o homem, dado seu descontrole. O seu desenvolvimento histórico, de acordo com os autores (1996:114), começa a partir do momento em que o homem passa a dominá-la, pelo uso de instrumentos:

A partir da capacidade de encontrar caminhos, isto é, da capacidade de utilizar pistas como signos que lhe revelam e lembram figuras complexas inteiras – a partir do uso de um signo – o homem primitivo, em determinado estágio de seu desenvolvimento, chega pela primeira vez à criação de um signo artificial.

Gradualmente, devido ao uso de instrumentos auxiliares, a memória (enquanto função cognitiva) se modifica, qualitativamente e se distancia da percepção direta, ganhando capacidade de abstração. Um exemplo disso é o nó que utilizamos para lembrar de algo, explicitado na passagem abaixo, de Vygotsky (2007:50):

Quando uma pessoa ata um nó no lenço para ajudá-la a lembrar de algo, ela está, essencialmente, construindo o processo de memorização, fazendo com que um objeto externo lembre-a de algo; ela transforma o processo de lembrança numa atividade externa. Esse fato, por si só, é suficiente para demonstrar a característica fundamental das formas superiores de comportamento. Na forma elementar, alguma coisa é lembrada; na forma superior os seres humanos lembram alguma coisa. No primeiro caso, graças a ocorrência simultânea de dois estímulos que afetam o organismo, um elo temporário é formado; no segundo caso, os seres humanos, por si mesmos,

criam um elo temporário através de uma combinação artificial de estímulos.

Sobre o papel que as atividades externas têm com relação à organização das funções psicológicas superiores, Vygotsky postulou o princípio de *organização extracortical*, posteriormente desenvolvido por Luria. Este conceito é fundamental para entender o impacto cultural dos instrumentos historicamente esculpidos (signos, objetos) no desenvolvimento das funções complexas superiores. Aparentemente simples, esses instrumentos modificam qualitativamente a estrutura psicológica da memória, estendendo-a para além das dimensões biológicas do sistema nervoso humano, permitindo a incorporação de signos. Isto se dá pelo fato de o homem ter aprendido a criar ligações – de caráter mediado – entre o signo e seu significado, e representa uma transição da chamada memória natural para uma memória cultural. Um exemplo dessa capacidade humana de desenvolver instrumentos para “dominar sua memória” é o *quipú*.

De acordo com Luria e Vygotsky (1996:117), os quipús – que significam cordões com nós, na língua peruana – “são recursos auxiliares de memória convencionais muito difundidos por povos primitivos que exigiam conhecimento preciso por parte daquele que amarrava esses nós”. Esses nós tinham diferentes funções como marcadores mnemônicos que permitiam a codificação e a decodificação de mensagens. Inserimos, a seguir, a foto⁶¹ de um quipú que ilustra a complexidade desse sistema referidos pelos autores.

⁶¹ Foto de um *quipú*, feita por Rosana Novaes, em 2014, no Museu do Colchagua, Santa Cruz, Chile. .



De maneira análoga, na ontogênese, os autores dirão que a transição de formas naturais para formas culturais, ou seja, o abandono da função natural da memória, que constitui o seu desenvolvimento na criança para a do adulto, faz valer um sistema de associações. A principal diferença é que “o homem primitivo inventou ele mesmo seus sistemas de memorização, enquanto a criança apropria-se, o mais das vezes, de sistemas já prontos que ajudam a lembrar (Luria e Vygotsky, 1996:186)”.

A partir do momento em que a fala passa a dominar o comportamento da criança, a função da memória muda acentuadamente e qualitativamente. Aqui vale citar a máxima de Vygotsky (2007:49) que diz que “para as crianças, pensar significa lembrar, no

entanto, para o adolescente, lembrar significa pensar”. Se em sua forma natural, a memória de alguma coisa é lembrada graças à co-ocorrência de estímulos outrora registrados em um elo temporário, em seu caráter mediado (ou indireto, também na terminologia de Vygotsky, 2007), os homens aprenderam a criar esse elo necessário. Daí Vygotsky e Luria (1996:213) reafirmarem que a essência da memória é lembrar ativamente por meio de signos:

Tem sido bastante constatado com bastante precisão que, na idade escolar, a memória pictográfica evolui para a memória verbal. Se, na idade pré-escolar, a memória dos objetos não era mais fraca, mas até mais forte do que a memória de palavras, agora o quadro se altera radicalmente e a criança em idade escolar geralmente começa a adquirir uma memória de natureza verbal. As palavras e as formas lógicas começam a desempenhar o papel de ferramentas decisivas para a rememoração. Por essa época, vai desaparecendo o tipo de miraculosa memória pictográfica, conhecida pelo termo eidetismo.

A criança só conseguiria, na fase anterior ao processo anteriormente descrito, associar uma figura a uma palavra, se estabelecesse com esta palavra um elo associativo, o que depende da natureza do signo e dos seus elos prévios. O autor dá um exemplo do pesquisador que mostra a figura de um machado e pede que a criança lembre da palavra “sol”. A criança apontou uma pequena mancha amarelada no desenho e conseguiu facilmente resolver a questão, pois a associou com o sol. O movimento, neste caso, vai da representação direta para a simbolização mediada. As crianças, neste estágio intermediário, estão entre o processo elementar e o

completamente instrumental. Para o autor, na medida em que a criança cresce, o que muda não é tanto a estrutura de uma função (memória) isolada, mas também as *relações interfuncionais* envolvidas no processo de lembrança; neste caso, principalmente com a linguagem e o pensamento.

No caso dos adultos, a memória já tem esses processos internalizados. De acordo com Vygotsky e Luria (1996), já possuímos um vasto material, constituído de marcas de experiências prévias, que reunimos e utilizamos ativamente a cada rememoração. Para lembrarmos de algo, associamos o que é novo à nossa experiência anterior; criamos ativamente uma estrutura que recebe os novos elementos.

Para nossos interesses, é necessário aprofundar a questão eminentemente sógnica. De acordo com Vygotsky (2007:34), as atividades semióticas modificam o esquema simples e direto do comportamento elementar, que corresponde a uma via de “mão única”, de causa e efeito. Por outro lado, o autor afirma que a operação com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta, que seria um estímulo de segunda ordem, colocado no interior da operação, modificando-a. Se antes havia um único direcionamento entre estímulo (S) e resposta (R), agora temos um ato complexo, mediado, que faz com que o sujeito esteja ativamente engajado.

Vygotsky observa que o signo também age de modo reverso, sobre o indivíduo. Acompanhando o desenvolvimento qualitativo da memória na criança, o autor sugere que, em um estágio pré escolar, não é comum que o signo auxiliar leve a criança para uma ação reversa, mas que a leve para outro signo, evocando uma

nova cadeia associativa. Porém, essa operação progride para um estágio mais avançado onde a reversibilidade é confiável. Essa reversibilidade é que possibilita que o sujeito crie uma associação (como um nó), que no futuro o faz retomar a associação prévia.

Ao situar o TOT como um evento ligado à emergência de um campo semântico, Luria está, ao mesmo tempo, referindo-se tanto à natureza mnemotécnica da associação, quanto à interferência de uma palavra na seleção de uma outra palavra, involuntariamente. Vejamos na citação abaixo, de Luria (2001:89), questões essenciais para a reflexão que se segue:

Sendo assim, a recordação de palavras e a denominação dos objetos são um processo de escolha da palavra procurada dentre uma rede de associações que surgem involuntariamente; por isso, as dificuldades na recordação de palavras, bem conhecidas em psicologia, tratam-se menos de insuficiências da memória do que de resultados do excesso de palavras e conceitos que emergem involuntariamente e que dificultam substancialmente o ato da escolha.

Com isto, podemos relacionar o pensamento de Luria às observações dos psicólogos norte-americanos R. Brown e D. McNeill publicadas no artigo intitulado “Tip of the tongue Phenomenon”. O sujeito procura recordar um nome e acredita que este já vai aparecer; que se encontra na “ponta-da-língua”, mas na realidade surgem palavras diferentes, ligadas àquela procurada, seja por traços sonoros, morfológicos, situacionais ou conceituais.

Como explicar que Luria se refira à *dificuldade de recordação* e não à *insuficiência de memória*? Justamente por não entender a memória apenas em seu aspecto

mnemônico, acreditamos que a referência à “recordação” se dá justamente pela impossibilidade de *desatar os nós* constituídos pela associação da memória com a linguagem. Este é o *insight* que Luria dá para o entendimento do fenômeno dos TOTS.

Não podemos deixar de dizer que estes processos serão, posteriormente na história da humanidade, interiorizados de tal forma que permitirão, por meio de uma arte apurada, fazer com que indivíduos construam seus *palácios mentais* e ali aloquem suas memórias de maneira impressionante, como é narrado no livro “A arte da memória”, de Yates (2007), técnica referida, atualmente, como “mnemotécnica”, um termo que, a nosso ver, não dá a dimensão dessa arte na antiguidade.

3.1 Os TOTS e sua relação com o esquecimento

Como já vimos, uma das principais formas de se referir aos TOTS, no senso comum, é em sua relação com o esquecimento, como uma contraparte da capacidade de lembrar. Ouvimos dizer, por exemplo, “minha memória está fraca” ou “me falta a memória”, quando um nome não vem. Porém, nos parece que a questão do esquecimento esteja longe de poder ser tão simplificada. Nietzsche (*apud* Foster, 2011:70) chega a afirmar que “a existência do esquecimento nunca foi provada; apenas sabemos que alguma coisa não vem à mente quando queremos”. O autor discutiu de maneira bastante original esse tema, ao considerá-lo como uma faculdade *positiva*, distanciando-o da noção de *falha* da memória. Esquecer não é uma “força inercial”, como creem aqueles que Nietzsche chama de “superficiais”, mas sim uma força

ativa, positiva. O autor confere uma utilidade ao esquecimento (2002:47):

[...] eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento.

Mas adiante, o autor diz que a memória – aqui entendida como possibilidade de lembrar – se desenvolve a partir do esquecimento, uma habilidade posterior a *esquecer*. Nietzsche também relaciona a memória ao futuro, à capacidade do homem de fazer promessas; a ter *memória de vontade*, para impedir a força do esquecimento. Para o autor (2002:47):

Para poder dispor de tal modo do futuro, o quanto não precisou o homem aprender a distinguir o acontecimento casual do necessário, a pensar de maneira causal, a ver e antecipar a coisa distante como sendo presente, a estabelecer com segurança o fim e os meios para o fim, a calcular, contar, confiar – para isso, quanto não precisou antes tornar-se ele próprio confiável, constante, necessário, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si como porvir!

Uma provável função das palavras na *ponta-da-língua* pode na possibilidade de recuperação, se quisermos aqui indicar uma funcionalidade do fenômeno. Diversos autores, dentre eles Hart (1965) e mesmo Brown e McNeill (1966), refletiram sobre os fenômenos de FOK e TOT, respectivamente, argumentando que alguma informação poderia ser recuperada no futuro, ainda que estivesse ausente ou

inacessível no momento de sua ocorrência. A palavra que não vem durante os TOTs se configura como palavra necessária, não apenas para servir a uma exigência comunicativa, mas também porque sua procura torna um jogo que desafia o sujeito a encontrá-la. A palavra dá sinais de seu desaparecimento momentâneo e avisa: Estou aqui... estou chegando! Ou manda outras palavras no seu lugar, avisando de sua presença parcial. Por vezes, reconhecemos suas pistas, ainda que seja impossível evocá-la totalmente e, por conseguinte, deixar de esquecê-la. O paradoxo entre *evocar* e *reconhecer* foi referido de tal forma por Santo Agostinho⁶² (1980:226):

E quando a própria memória perde uma lembrança, como acontece quando nos esquecemos de algo e procuramos recordá-la, o que se passa? Onde, afinal, a procuramos senão na própria memória? E se esta, por acaso, nos oferece uma coisa por outra, a repelimos até que apareça o que buscamos. E assim que aparece dizemos: “É isto”. E assim não diríamos se não a reconhecêssemos, e não a reconheceríamos se dela não houvesse registro.

Santo Agostinho ainda diz que “a memória, nesse caso, teria ciência de não poder, como de ordinário, fornecer a lembrança em seu conjunto e, mutilada, reclamaria a parte faltante” (1980:226). Dentro dessa lógica, os TOTs não seriam uma falha da memória, mais um aviso seu, uma tentativa de impedir a força do esquecimento.

Sabe-se, de acordo com Yates (2007), que uma metáfora amplamente utilizada na Antiguidade diz

⁶² Este paradoxo foi anteriormente citado por Reason e Lucas (1984), no contexto de estudo dos TOTs.

respeito à memória como um *bloco de cera* em que se imprime algo que se deseja lembrar ou mesmo para que se possa apagar depois. A cera é um material que, como afirma Smolka (2010), não é nem fluído como a água, que não permite reter, nem tão rígido como o ferro, que não se deixa marcar. De acordo com Ricœur (2012), mesmo em Platão, já podemos ver que tal metáfora evidencia a dupla natureza do problema do esquecimento. Não se sabe, então, se o esquecimento seria um *apagamento* das marcas no bloco de cera ou uma *falha de reconhecimento*, no presente daquilo que foi anteriormente marcado; falha que pode ser acentuada se houver outras marcas parecidas nesse bloco.

Em termos neuropsicológicos, Luria (1991:73) descreve o esquecimento com base na *debilidade dos vestígios* ou pela *inibição por agentes interferentes*:

De acordo com a primeira teoria, os vestígios deixados no sistema nervoso por essas ou aquelas influências se extinguem paulatinamente, obliterando-se as respectivas influências (ou emoções). Por isso o esquecimento é um processo que ocorre naturalmente, um processo passivo. A segunda teoria aborda a solução do problema das causas do esquecimento. Ela parte da tese de que os vestígios deixados por essas ou aquelas excitações permanecem por tempo bem mais longo [...] o esquecimento de impressões ou vivências é explicado por essa teoria como resultado da influência de efeitos secundários “interferentes”, que inibem o aparecimento desses vestígios. É fácil perceber que essa segunda teoria considera o esquecimento um processo ativo e acha que este não está localizado no registro, mas na reprodução dos vestígios da experiência passada.

Já para Izquierdo (2010), autor que se detém nos estudos sobre o esquecimento também no campo da neuropsicologia, existiriam quatro formas de esquecimentos. Duas não extinguiriam completamente a informação, sendo chamadas de *repressão* e *extinção*, que correspondem a ter uma determinada memória, mas não conseguir acessá-la, seja pela sua repressão, seja pelo cancelamento daquilo que é inútil. As outras duas formas, o *bloqueio da aquisição* e a *deterioração e perda* da informação, seriam consideradas pelo autor como o esquecimento propriamente dito. Os mecanismos formadores da memória são, para Izquierdo, saturáveis, não havendo como fazê-los funcionar da mesma forma para todas as memórias, obrigando o sujeito a esquecer, pela falta do uso, para dar lugar a outras memórias.

Com relação aos TOTs, acreditamos que não se deva caracterizá-los como uma extinção radical dos rastros mnésicos; talvez seja melhor falar em *enfraquecimento* deles, tal como Brown e McNeill (1966). Neste livro, como já dissemos, devido a uma perspectiva histórico-cultural, não atribuímos a causa dos TOTs a uma memória puramente natural.

O que é especialmente interessante, para o nosso tema, é que o homem aprendeu, ao longo de sua história evolutiva, a “dar um nó” para se lembrar de algo, sabe *como* associar coisas das quais deseja se lembrar depois. Entretanto, não sabe, com a mesma eficiência, como dissociar um determinado nó⁶³ daquilo que esse nó

⁶³ Um exemplo extremo dessa dificuldade é relatado por Luria, em *A mente e a memória – Um pequeno livro sobre uma vasta memória*, publicado originalmente em 1968, e que tem como personagem um sujeito chamado S. V. Sherashevsky, um homem com uma memória excepcional que se torna mnemonista com o passar

lembra; ainda que isso possa acontecer, mesmo ainda quando ele não gostaria que acontecesse. Por vezes, esquecemos aquilo que gostaríamos de lembrar ou lembramos de coisas que gostaríamos de ter esquecido.

Podemos dizer que, se o homem conseguiu desenvolver uma *arte da memória*, de regras e passos bem definidos, ainda está distante de uma *arte do esquecimento*; a menos que a consideremos, como Izquierdo (2010), como uma arte quase automática, que depende pouco de nossa vontade.

4. Contribuições da Filosofia da Linguagem e da Semiótica para a reflexão acerca dos processos de *memorizar e de recordar*

No contexto dos estudos psicológicos, desde a década de 60, é comum dividir a memória em categorias, de acordo com modelos componenciais ligados a metáforas computacionais. Em 1968, Atkinson e Shiffrin a dividiam em *sensorial, de curto prazo* e de *longo prazo*. Sucessivamente, de acordo com Foster (2009), Baddeley acrescenta a este modelo a *memória de trabalho*, muito importante para os estudos atuais de neuropsicologia, por tratar-se de uma memória ativa, em constante uso. Posteriormente, com Tulving, vemos outra categorização

dos anos. Entretanto, Luria insiste em dizer que este livro não é sobre a memória, mas sobre um tipo especial de memória (sinestésica, eidética, complexa) e sobre como ela influenciava a personalidade de um homem. O esquecimento tem papel fundamental, pois fica claro que a sua falta traz muitas dificuldades para o Sr. Sherashevsky, culminando mesmo em profundas modificações em sua personalidade. O mais complicado, para o mnemonista, era justamente *esquecer*.

bastante utilizada, que divide a memória em *episódica* (da qual a memória autobiográfica faz parte) e a *semântica* (Foster, 2009).

Para nossa reflexão, essas categorias não dão conta de abordar a complexidade da memória e dicotomizam aspectos mutualmente constitutivos. Como se referir à memória autobiográfica (ou episódica), por exemplo, sem compreendê-la como semântica – ou vice-versa? Os TOTs são bons exemplos dessa dificuldade de categorização, visto que podem ocorrer com signos mais ligados à história do sujeito, dados de caráter autobiográfico ou episódicos, ou mesmo com palavras cotidianas, recém associadas, que seria alocadas, dentro deste escopo, na memória de curto prazo, ou mesmo na memória de trabalho.

Ao invés de aderirmos a essas categorias recorrentes na literatura neuropsicológica, nos reportaremos a duas instâncias constitutivas da memória; instâncias não estáticas nem mutuamente exclusivas. Para avançar nessa reflexão, partimos do trabalho de Assmann (2011), para a qual o estudo da memória pode ser compreendido de duas formas: como “arte” (*ars*) e enquanto “potência” (*vis*). A primeira se refere mais especificamente à “arte da memória” ou mnemotécnica, de longa tradição; uma capacidade que pode ser treinada e melhorada e que está relacionada ao *armazenamento* de informações. Nesse tipo de memória, o objetivo é *não esquecer* e a informação gravada deve ser exatamente a mesma a ser recuperada, a despeito da interferência do tempo. Já na segunda forma – da memória como *potência* – o tempo é uma dimensão crítica. A autora se refere à forma reconstrutiva da recordação, que vai do presente

para o passado, sofrendo deslocamentos, deformações, distorções e renovação do que foi lembrado, até o momento da recuperação. Vejamos nas palavras da autora (2011:33) como ela distingue essas instâncias:

No caso da recordação, a dimensão do tempo – paralisada e superada na fase do armazenamento – torna-se crítica. Enquanto o tempo interfere no processo da memória, há um deslocamento fundamental entre o que foi arquivado e sua recuperação. Se na mnemotécnica era crucial a correspondência entre input e output, na recordação é a diferença entre ambos que vem à tona. Gostaria, por isso, de opor ao procedimento de armazenamento o processo de recordação, pois, diferentemente do ato de decorar, o ato de lembrar não é deliberado: ou se recorda ou não se recorda. Na verdade seria mais correto dizer que alguém recorda alguma coisa, mas só vai tomar consciência dela posteriormente. [...] O ato do armazenamento acontece contra o tempo e o esquecimento, cujo efeitos são superados com a ajuda de certas técnicas. O ato da recordação, por sua vez, acontece dentro do tempo, que participa ativamente do processo. No que diz respeito a psicomotricidade da recordação, esquecimento e recordação estão indissociavelmente intrincados.

Se filosoficamente, para a autora, o primeiro ato está ligado a Cícero, grande patrono da mnemotécnica, Nietzsche seria o patrono da recordação como constitutiva do sujeito.

De maneira semelhante a Assmann, Ponzio define duas instâncias⁶⁴ da memória – uma ligada ao ato de

⁶⁴ Conforme Ricœur (2012), apesar da terminologia diferente (evocação/busca), um binômio semelhante já é posto, filosoficamente, desde quando Aristóteles nomeia dois capítulos de sua obra com *Mneme* e *Anamnesis*, distinguindo assim a evocação simples da busca ativa. Para o autor (2012:37), a distinção entre *Mneme* e *Anamnesis* apoia-se em duas características: “de um lado a simples lembrança sobrevém à maneira de uma afecção, enquanto a recordação consiste

memorizar e outra ligada ao de *recordar*. De acordo com o autor (2007, 2013b), uma pertence ao *sujeito*; ocorre de acordo com a sua vontade; é por ele controlada. Ponzio relaciona essa instância à “identidade”, ao “eu” dotado da capacidade de memorizar e que pode voluntariamente rememorar aquilo que deseja. A segunda instância, segundo Ponzio (2007, 2013b), se refere à *recordação*, que se dá na alteridade. Está relacionada àquilo que não é controlável pelo sujeito; que não depende dele para aparecer; que ocorre a despeito de sua vontade. Nesta instância, o sujeito é impelido, involuntariamente, a lembrar. A recordação, neste caso, não se dá contra o tempo. Se dá no próprio tempo⁶⁵.

Retomando um ponto que apresentamos no capítulo anterior, acreditamos ser importante relacionar estes dois tipos de memória aos diferentes modos da relação entre *interpretante* e *interpretado*, descritos por Petrilli (2010, 2013), com base nos estudos de Pierce, relativos à clássica separação entre signos que são *ícones*, *índices* e *símbolos*. Não se pode desconsiderar, apesar desta divisão, que cada signo nunca esteja destituído do caráter de simbolicidade, indicialidade e iconicidade. Apenas pode apresentar, dentro de um estado de equilíbrio, determinada dimensão mais proeminente do que outra.

em uma busca ativa”. Convém dizer que aqui a palavra recordação é utilizada de maneira contrária à anterior, no sentido de *esforço de recordação* versus *evocação simples*.

⁶⁵ Para explicar esta instância da memória, Ponzio recorre à passagem do romance de Marcel Proust. Após provar uma *madeleine* embebida no chá, volta à infância em Combray (Anexo B). Para Ponzio, assim como para muitos outros autores, as reflexões de Proust, no decorrer dos volumes de “Em busca do tempo perdido”, têm papel determinante no conhecimento humano sobre a memória.

A *simbolicidade* é a expressão do caráter convencional do signo, ou seja, da relação estabelecida com base em um código, uma lei. Símbolos são signos que dependem eminentemente do interpretante, já que existe uma lei prévia que estabelece sua relação com o objeto. Já a *indicialidade* expressa a relação de contiguidade, de causa e efeito. Nestes dois casos, existe uma relação de forte dependência entre o signo e o objeto. De acordo com Petrilli (2013:268), “contrariamente ao símbolo, no caso do índice não é o interpretante que decide o objeto; a relação entre signo e objeto pré-existe à interpretação como relação objetiva e, mais que isso, condiciona a interpretação”.

Esses dois modos de relação entre o signo e o objeto – de *convenção* (símbolo) ou de *contiguidade* (índice) – são mais relevantes, para Ponzio, dentro do processo de memorização. Já a relação de *iconicidade* caracteriza o processo de *recordação*, de acordo com o autor (2007:71). Para Petrilli (2013:268), o signo *icônico* é aquele que menos depende de um código ou convenção, e no qual se realiza o grau máximo de independência do signo em relação ao seu objeto. A relação icônica é aquela que contém traços de “afinidade, atração, inovação, criatividade, dialogicidade e alteridade”, devido à relativa autonomia de significação do objeto em relação ao interpretante.

A recordação é intimamente ligada ao corpo⁶⁶, o que impede uma relação puramente racional com a

⁶⁶ Ponzio e eu, durante a realização do estágio, chegamos a refletir sobre a semelhança corpórea entre sentir um membro ausente e sentir a palavra ausente. Ambos têm tantos traços em comum que se pode pensar na palavra como uma continuidade do corpo. Da mesma forma que se diz de um *membro fantasma*, falamos de uma *palavra fantasma*.

memória e estabelece uma relação de cunho emocional. É justamente neste sentido que Ponzio afirma que memorização é concentração, enquanto que a recordação, ligada à sensação e ao corpo, é a distração. O caráter corpóreo da recordação, enfatizado por Ponzio, impede a memória de operar sobre uma relação estritamente intelectual.

Ambos os processos – memorização e recordação – têm, a nosso ver, papel essencial nos processos de TOT. Uma hipótese seria considerar que as duas formas seriam estágios de um processo em princípio involuntário, com a sensação da palavra na *ponta-da-língua* e, depois, voluntário, com a busca deliberada da palavra. Uma outra hipótese, que acreditamos ser mais fiel ao fenômeno, parece ser mais complexa e desordenada: ao invés de estágios, parece haver alternância e co-ocorrência entre esses estados, enquanto durar a sensação da palavra na *ponta-da-língua*.

Entendemos que a fase inicial dos TOTs tem dimensão involuntária, estando o corpo implicado no processo. A sensação corpórea causada pela falta da palavra interrompe o fluxo da consciência. Porém, a percepção dessa sensação é já, ela mesmo, mediada, como Luria e Vygotsky já haviam assinalado em diversos momentos de sua obra. Sobre os diferentes graus de refração com que interpretamos essa sensação, nos referimos aqui a Ponzio e Petrilli quando os comparam com o que se vê por meio de um periscópio:

Da mesma forma que em um periscópio aquilo que vemos o vemos em um espelho, no qual se reflete um outro espelho, no qual se reflete um outro espelho, ao tomar consciência de algo,

uma sensação, um sentimento, etc., não podemos dizer que sentimos diretamente a sensação ou que provamos diretamente o sentimento, mas sim que acreditamos, presumimos, interpretamos que estamos experimentando aquela sensação ou nutrindo aquele tal sentimento. Indo adiante, com a analogia do periscópio, poderíamos dizer que em todas as situações na qual vemos algo, aquilo que acreditamos ver quase sempre não nos é dado diretamente, mas por meio de um continuo de hipóteses e inferências, de passagens dedutivas, automáticas e com algumas das premissas subentendidas (Petrilli, 2013:276).

Relacionando essa reflexão ao estudo dos TOTs, pensamos que tal sensação, de caráter desafiador, dispara uma atitude “meta” – tanto metalinguística, quanto ligada a uma metamemória – num jogo que ocorre entre a deriva e a possibilidade de controlar a busca da palavra, por meio de operações interpretativas que podem ocorrer por processos indutivos, dedutivos ou abduativos, respectivamente ligadas ao símbolo, ao índice e ao ícone.

Nos TOTs, reconhecemos um movimento de procura deliberada da palavra, de estabelecimento de relações entre causa e efeito, de contiguidade, entre as pistas e a palavra que se quer encontrar. É o momento que seguimos os *indícios* da palavra. Porém, essa busca não é apenas racional e livre de interferências. Não podemos esquecer que a lei da abdução, para Petrilli (2013:272), “ocorre a *posteriori* em relação à observação e à interpretação na qual se funda” e que a dimensão icônica do signo “impõe-se por conta própria” (2013:268). Durante a própria busca da palavra, outras pistas surgem e se impõem; a própria sensação pode ficar mais forte ou mais fraca, já que os processos abduativos *ocorrem* sucessivamente, de forma que tanto a recordação quanto

a memorização interferem uma na outra, até o surgimento da palavra. Sendo assim, o indivíduo é impelido a não desistir da procura, estando também sujeito ao seu surgimento espontâneo. Tudo isto remete ao que foi dito por Ricceer (2012:48), sobre o próprio caráter *penoso* (e não puramente intelectual) de ir atrás de uma lembrança, o que evidencia que existe “afecção” durante a “busca”.

Vejam, a seguir, um dado que deixa entrever um misto do processo de *procura da palavra* com ocorrências espontâneas de outras, que se interpõem nos enunciados dos interlocutores, ao mesmo tempo em que dá visibilidade ao funcionamento integrado das funções superiores que parecem estar implicadas tanto no desaparecimento momentâneo da palavra quanto durante sua busca que, a nosso ver, esclarecem muitos aspectos acerca dos TOTs:

DADO XII: O autor deste livro (BO) estava conversando com uma amiga (AD) no *Facebook* quando lhe faltou uma palavra, deixando uma forte sensação de que ele poderia encontrá-la.

Relato anotado em diário (25/03/2012)

O momento exato em que ocorreu o TOT foi durante uma conversa em que uma amiga me pede uma indicação de lugar para que ela possa sair para almoçar com o novo namorado. Reproduzo aqui o trecho do diálogo exatamente como ele ocorreu, recortado do Facebook:

AD - Me indique um lugar pra eu ir...

BO - Almoça ali no feijão decente do Garcia.

*AD - Ele está de carro. Eu disse que posso encontrar com ele em algum lugar tb. **Onde eh o feijão decente?** aquele q ja fomos com M.?*

BO - Sim. Ali no pé da ladeira. Depende da pessoa né... Se ele quiser um lugar mais arrumado, tem que ser outro. Mas lá é legal pq é antropológico e meio vazio.

*No momento em que a interlocutora me pergunta o nome do lugar que vende a feijoada no Garcia (em negrito), comecei a tentar lembrar o nome do lugar, com a certeza de já ter ido lá muitas vezes e com a sensação de que a palavra estava muito próxima de ser dita. Resolvi continuar a conversa, já que não dependíamos do nome para tanto, visto que a interlocutora já havia entendido onde era, mas estava me perguntando (mentalmente) o nome do local e vieram outros três nomes – **Dinha, Cira e Regina**, que não estavam ali por acaso. São nomes de três baianas famosas de Salvador, que vendem acarajé. Procurei no Google “**Garcia, Feijão, Salvador**”, mas não encontrei e já estava pensando em perguntar para umas amigas do face, com quem eu já tinha ido ao local.*

*De repente, o nome **Cira** ficou mais forte na minha mente. Mas, ainda assim, não conseguia encontrar a palavra até que **Tia** me veio à mente. Senti o som da palavra... Logo que juntei “**Tia Cira**”, mentalmente, lembrei do nome do procurado - **Feijão de Tia Célia**. Me senti vitorioso!*

É interessante ressaltar que, muitas vezes, antes de decidir onde comer algo tipicamente baiano, os nomes citados me parecem equivalentes.

Dissemos, há pouco, que, embora não se possa fugir da ocorrência de um TOT – mesmo porque surge de forma involuntária, é possível até ignorá-lo, tendo em vista o contexto comunicativo. Soluções pragmático-discursivas, como a de não interromper o tópico

discursivo, são comuns quando a palavra que falta pode ser traduzida por uma expressão ou por outra palavra. Quando a interlocutora pergunta sobre o restaurante cujo nome foi esquecido: “Aquele que já fomos com M.?”, o autor do livro confirma, não admitindo, entretanto, para o outro, o incômodo causado pela sua falta.

Por se tratar de uma conversa realizada no Facebook, que se dá em ambiente virtual, com um *timing* diferente das interações face-a-face, foi possível levar a cabo pelo menos dois processos, quase que simultaneamente. O de progredir no diálogo e, também, o de buscar a palavra, utilizando até mesmo uma ferramenta como o *google*. Essa busca, entretanto, só pôde ser feita porque outras palavras se interpuseram durante o processo do TOT: *Dinha*, *Cira* e *Regina*, baianas famosas de Salvador, por fazerem os “melhores acarajés da cidade”. Em um momento seguinte, *Cira* se torna o nome mais “dominante e permanece ativo, enquanto os nomes *Dinha* e *Regina* são inibidos. Apenas quando outra palavra veio se juntar à *Cira*, formando a expressão “Tia Cira” é que o nome do restaurante enfim foi lembrado: “Tia Célia”. No relato em diário, MO se refere ao momento em que “sentiu o som” da palavra que faltava e só então conseguiu dizê-la.

Antecipando a discussão da próxima seção, diremos que além da história da palavra na língua, deve-se considerar ainda a história da relação do sujeito com a palavra. Existe, por exemplo, uma relação entre os nomes das baianas quando o assunto é o acarajé. Os três (*Cira*, *Dinha* e *Regina*) vieram em bloco, como se fossem itens de um mesmo hiperônimo – *o acarajé mais famoso de Salvador*. Existe a proximidade fonológica entre o nome

que se busca – *Tia Célia* – com aquele que permaneceu de forma proeminente, *Cira*, além da proximidade semântica, já referida, mas também o conhecimento desse conjunto de nomes das baianas por BO, que morou em Salvador. Trata-se, pois, de relações singulares do sujeito com a palavra.

4.1 *A memória da palavra e a memória do falante*⁶⁷

O ponto de vista defendido por Ponzio e por Petrilli, ao relacionarem os tipos de memória com as diferentes relações entre o sujeito e a palavra, é fortemente influenciado pelo pensamento de Bakhtin, principalmente no que diz respeito ao papel da alteridade. Para Ponzio (2013c), não somente o sujeito seria dotado de uma memória, mas também a própria palavra, sendo que “a memória do sujeito e a memória da palavra não coincidem, sobretudo quando o sujeito decide fazer com que elas coincidam”. Petrilli (2013b)⁶⁸, a esse respeito, afirma que se existe uma relação entre o sujeito e a linguagem, também existe entre eles um distanciamento, próprio da materialidade semiótica do signo verbal. Tal distanciamento faz parte do próprio

⁶⁷ O título desta seção do livro se refere a uma mesa redonda realizada em 2013, no IEL, a propósito do II Encontro Contribuições de Bakhtin à Linguística e à Educação, em que participaram Augusto Ponzio, Susan Petrilli e o autor do livro. Os trechos aos quais recorreremos, citados como Ponzio (2013c) e Petrilli (2013b), são transcrições de registros em vídeo da referida mesa.

⁶⁸ Ponzio e Petrilli usam, em suas falas na mesa-redonda (referida na nota anterior), diferentes metáforas acerca das relações humanas, para explicar o tema do *encontro de palavras* e da *ilusão de propriedade da palavra* pelo sujeito. Enquanto Ponzio fala do “marido que é o último a saber”, a autora diz que “é um pouco como a maternidade. Você pode gerar filhos, mas depois aqueles filhos não são sua propriedade”.

processo de significação, pela relação de um signo com outros precedentes e sucessivos, tanto verbais quanto não-verbais.

Para Ponzio (2013c), esquecimentos como os TOTs podem ser interpretados como uma espécie de *traição* da palavra, de não coincidência entre a palavra e seu sujeito. Segundo o autor, “a relação entre o sujeito e a palavra é comparável à relação entre sujeitos, em que um deseja ter o outro em seu controle”, que se configuraria como uma “ilusória pretensão da identidade”. Já que nenhuma palavra pode ser propriedade de um sujeito, este tem a ilusão de que possui um nome, que o nome é seu (incluindo o seu próprio nome). Porém, “a palavra tem uma série de associações que o sujeito não controla; das quais o sujeito nem ao menos suspeita” (Ponzio, 2013c). Esses últimos tipo de associações, obviamente, seriam não-oficiais para o sujeito, encontrando dificuldades em emergir como discurso oficial (Voloshinov, 2006).

Para explicar essas associações, Ponzio (2010) recorre a Freud, mais especificamente no livro “Para uma interpretação das afasias”, no qual considera que a psicanálise nasce como uma linguística, precisamente como uma análise da palavra. De acordo com Ponzio, Freud revela o jogo de associações das palavras, ligadas à sua representação complexa, processo chamado de superassociação.

Segundo Coudry (2012:04), o aparelho de linguagem apresentado por Freud é formado de “associações entre elementos acústicos, cinestésicos e visuais que constituem o último estágio de reorganização dos estímulos periféricos, o que faz com que as informações sensoriais e motoras sejam constantemente

reordenadas, rearranjadas”. Freud considera que a representação da palavra é associada ao objeto, sendo que a palavra corresponde a um intrincado processo associativo na qual se “amarra” a representação do objeto. A representação da palavra, ainda que possa ser ampliada, é de caráter fechado, enquanto a representação do objeto é uma série aberta, que pode receber novas impressões em uma mesma cadeia associativa.

Dentro da perspectiva que lidamos neste livro, é fundamental perceber que essas associações estão relacionadas à história da palavra na língua, assim como também à história do sujeito, sobretudo pela sua relação na alteridade. Cada palavra, conforme podemos ver com Vygotsky (2007), tem seu significado modificado, para cada sujeito, no decorrer de seu desenvolvimento. Essas relações dependem de como o enunciado se dá nas relações entre o *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-o-outro*, que se arquitetam de maneira única, singular e irrepetível.

Sendo assim, a palavra tem uma história dentro da língua, memórias, em certa medida, comuns aos sujeitos – que vimos nos referindo como *história da palavra na língua*. Por outro lado, há também uma história própria de cada sujeito com a palavra. De acordo com Bakhtin (1984:202):

For a word is not a material thing but rather the eternally mobile, eternally fickle medium of dialogic interactions. It never gravitates toward a single consciousness or a single voice. The life of the word is contained in its transfer from one mouth to another, from one context to another context, from one social collective to another, from one generation to another generation. In this process, the word does not forget its own

path⁶⁹ and cannot completely free itself from the power of these concrete contexts into which it has entered. [...] When a member of a speaking collective comes upon a word, it is not as a neutral word of language, not as a word free from the aspirations and evaluations of others, uninhabited by others' voices. No, he receives the word from another's voice and filled with that other voice.

Fica evidente, nas palavras de Bakhtin, a relação entre a palavra e a vida. A palavra não esquece seu próprio caminho na língua e não pode se libertar dos contextos concretos pelos quais passou. Lembremos ainda que, para Ponzio (2008:95), “otherness is part of individual and social memory and that the self cannot exist without memory”.

A esse respeito, gostaríamos de trazer dois dados, ambos relatados no Blog, que dão visibilidade a esta dupla natureza do signo: o fato de que se relaciona à língua e à sua história, diacronicamente, isto é, aos sentidos cristalizados na língua pelo trabalho de seus falantes (Geraldi, 1991) e à relação intersubjetiva entre a língua e o sujeito, num dado momento histórico-cultural, sincronicamente, e perpassada por todas as experiências do sujeito com a heterogeneidade da linguagem: as variantes sócio-culturais, os graus de formalidade dos registros, dentre outros.

Dado XIII: AP, sexo feminino, durante uma aula, tenta dizer uma palavra e reconhece que falou outra palavra, e não a palavra desejada, que ficou na *ponta-da-língua*.

⁶⁹ Grifo meu.

Relato registrado no Blog (25/03/2013)

Estava dando aulas. Falei que duas questões estavam "interpassadas", Parei a aula e disse: Peraí, não é interpassada. Falei errado. É... não conseguia achar a palavra. Os alunos disseram que entenderam... mas eu estava tentando achar a palavra certa... continuei tentando... é... interpassada... interpelada... não, entrelaçada... não! Interligada, interrelacionada. Demorei uns 20 segundos. Só vinha o "inter" na minha cabeça. Depois consegui "encontrar a palavra certa".

Dado XIV: VV, do sexo feminino, durante uma conversa sobre o casamento de um amigo, quando tenta dizer onde foi em lua de mel, mas a palavra não vem.

Relato registrado no Blog (23/11/2012)

Estava conversando com meu marido sobre as praias uma mais lindas que já vi (por foto), onde o meu amigo H. se casou. Quando fui dizer o nome da praia a coisa ficou no ar, fiquei impressionada com o fato que a palavra estava ali, quase presente. Eu sabia, de antemão, que a palavra também era um nome de uma música baiana do "A cor do som". Não conseguia deixar de lembrar da foto e de como achei o local lindo. Fiquei procurando a palavra por uns 10 minutos. Sabia que a palavra terminava com "bar" - Somente descobri a palavra pensando na música, lembrando de - "O Azul de Jezebel, no céu de Zanzibar, feliz constelação...".

No primeiro dado, vemos claramente que o sujeito percebe que produz uma palavra que não gostaria de ter usado, ainda que tenha sido compreendida pelos alunos. Sua estratégia de procura da palavra é predominantemente guiada pela história da palavra na língua, sobretudo porque o mais proeminente, que lhe vem à tona é o prefixo da palavra – inter. Ela mesma diz: “*Só vinha o “inter” na minha cabeça*” e, assim, outras palavras que começam com “inter” foram surgindo: *interpassada, inter-relacionada, interpelada, interligada*, sendo esta última a que buscava, mas que por um instante chega a rejeitar. Quando vem a palavra “entrelaçada”, AP também a rejeita, enfaticamente: “Não!”. É interessante notar que mesmo a palavra “entrelaçada” guarda relações semânticas com as demais. Como já dissemos, a palavra também revela aspectos da sua relação única e singular, no contexto em que ocorreu: uma variante culta, durante uma aula etc.

Já no segundo dado, durante uma conversa, o sujeito se esquece do nome de uma praia onde o amigo se casou. A história da palavra esquecida está intimamente relacionada a um acontecimento: o casamento. Contudo, VV se lembra que o nome da praia é o mesmo de uma música do grupo “A cor do Som” e diz que, durante uns dez minutos, tentou se lembrar desse nome, visualizando mentalmente o local que tinha visto na foto. Isso também nos remete ao conceito de superassociação (Freud), tratado anteriormente.

Ainda que soubesse que a palavra terminava com “bar”, esta pista não lhe ajudou o suficiente. De fato, é raro que as pessoas tenham um TOT e se lembrem da sílaba final da palavra. Entretanto, neste caso, tratava-se

da sílaba tônica, o que talvez possa explicar a sua proeminência. Acreditamos que, se “bar” fosse um sufixo, seria maior a chance de várias palavras surgirem, como foi o caso do prefixo “inter” no dado anterior. Outros estudos seriam necessários para avaliar esta hipótese. VV só se lembra da palavra “Zanzibar” quando recupera a canção: “O azul de Jezebel, no céu de Zanzibar, feliz constelação”. Deve-se ressaltar, ainda, que a letra da música não está correta; seria “no céu de Calcutá” e que Zanzibar é o nome desta canção. Tanto *Calcutá*, que foi trocada por *Zanzibar*, quanto *Jezebel*, apresentam a mesma métrica e mesmo número de sílabas, com a tônica posicionada no mesmo lugar dentro da palavra.

Poderíamos dizer que a palavra é lembrada conjuntamente com o seu contexto de ocorrência, sendo que o processo de seleção realizado pelo sujeito recupera o processo da própria criação poética e isso nos remete à história das palavras na língua, articulada em seus diversos níveis e de acordo com suas diversas funções, como assinalou Jakobson.

5. A palavra na *ponta-da-língua* e alguns de seus mistérios

Apesar de tudo o que já se sabe sobre os TOTs, há ainda muitos “mistérios” na sua compreensão. Evidentemente, outras reflexões devem ser incluídas em seus estudos, dentre as quais destacamos as dificuldades específicas que envolvem os nomes próprios, seja nos processos de envelhecimento normal, nas patologias, e mesmo, em atividades cotidianas de uso efetivo da linguagem.

Segundo Brown (2012), os nomes próprios são aqueles de maior incidência com relação às ocorrências de TOTs – o que é confirmado também por estudos experimentais. O autor questiona se esses nomes “disparam” os TOTs com mais facilidade ou se é porque causam uma impressão emocional mais marcante, fazendo com que os esforços para se lembrar sejam maiores. Uma explicação dada por Luria (2001:88) seria de que eles se encontram em campos semânticos muito *gerais e difusos*, ou seja, em categorias não tão definidas, em uma rede de associações muito particular, muito singular e específica.

Freud dedicou um capítulo do livro *Psicopatologia da Vida Cotidiana* ao esquecimento de nomes próprios. Para o autor, quando um nome não é lembrado e outro vem no seu lugar, é porque houve um *deslocamento*, não ligado a uma escolha psíquica arbitrária, mas que seguiria vias previsíveis⁷⁰.

⁷⁰ Talvez o caso freudiano mais famoso, neste sentido, seja o do esquecimento de *Signorelli*, tendo como substitutos outros dois pintores *Botticelli* e *Boltrafio*. Para o autor, não se deve procurar os motivos do esquecimento no nome ou no contexto imediato, e sim no contexto antecedente, que faria com que o nome fosse *recalcado*. Neste caso, por exemplo, o autor diz que não queria esquecer de *Signorelli* como indivíduo, mas de algo ligado ao seu nome. Assim, ocorreria o esquecimento contra a vontade, quando se quer intencionalmente esquecer outra coisa. Um outro caso relatado por Freud, por exemplo, é de um homem que, por duas vezes seguidas, esquece o nome de um outro senhor a quem conhecia superficialmente. Vencendo o embaraço, ele pergunta o nome do senhor desconhecido e surpreende-se ao ouvir a resposta – É o mesmo que o seu! O próprio Freud revela um certo incômodo ao encontrar homônimos seus. Ao comentar o caso acima, diz (1966:21): “Não se pode evitar uma ligeira sensação de desagradado quando se esbarra no próprio nome numa pessoa desconhecida. Há pouco tempo senti isso claramente quando se apresentou em meu consultório um Sr. S. Freud.”

Como já dissemos, não nos deteremos nesta questão específica das dificuldades dos nomes próprios, mas de alguma forma ela é convocada na análise dos próximos dois dados. Trata-se de dois episódios dialógicos com o sujeito afásico JM, que motivaram parte das questões presentes neste capítulo por, pelo menos, dois motivos. O primeiro diz respeito à recorrência do fenômeno de TOT, o que gera no sujeito uma grande angústia, processo reconhecido por ambos os interlocutores. O segundo motivo se refere à própria percepção do sujeito afásico daquilo que é, também para ele, um mistério: dizer o nome de sua esposa quando não deseja, sendo que, quando gostaria de dizê-lo, ele em geral não vem.

JM, já citado no capítulo 3, possui uma afasia bastante severa e seus enunciados causam a impressão de que ele está, o tempo todo, com a palavra na *ponta-da-língua*. Vejamos o primeiro dado:

Dado XV⁷¹ – A pesquisadora desenvolvia um procedimento experimental, em que o sujeito JN deveria nomear os animais com base em figuras. No recorte a seguir, primeiramente ela mostra a figura de uma *girafa* [turno 1], em seguida a de um *burro* [turno 9], depois a de um *cavalo* [turno 13] e, por fim, de um *elefante* [17].

⁷¹ Este dado está presente na tese de Seixas (2013), realizada com sujeitos do grupo III do CCA. Como não possuímos a gravação do evento, apresentamos a transcrição feita pela própria autora. Ela se refere ao pesquisador como “Ent” (Entrevistador). Em geral, utilizamos Ixx (I para Interlocutor não-afásico, seguido das duas iniciais do pesquisador em letras minúsculas. O sujeito afásico é referido por suas iniciais, em letras maiúsculas. Como temos, neste livro, outro dado do mesmo sujeito, mantivemos JM. Na tese de Seixas, o sujeito é referido por JN.

Turno	Sujeitos	Enunciado
1	BS	Esse aqui.
2	JM	Num...“xi...” “a” ...num...
3	BS	Tá na <i>ponta-da-língua</i> , né?
4	JM	Tá, tá, mai num...“xa” ...“ja” ...“ja” ...hum, num...“jamá” ...
5	BS	Num fique nervoso! Não tem problema. Eu só to vendo. . .
6	JM	Eu sei, eu sei, mas eu num falo, eu num...
7	BS	É que se o senhor souber ou não souber, ainda assim vai ser útil pra entender o que tá acontecendo com o senhor.
8	JM	É “ja” “shhh”...
9	BS	Tudo bem, é um bom começo. E essa daqui?
10	JM	Num sei...num...não, não. Não sei.
11	BS	Não sabe o que é?

12	JM	Não.
13	BS	Tá. (mostra a figura de um cavalo)
14	JM	Ca-valo.
15	BS	Ah sim!
16	JM	Tá bom? (risos)
17	BS	Muito bem. É o cavalo, ótimo. (mostra a figura de um elefante)
18	JM	Eu sei, mas não sai...
19	BS	Não tem problema nenhum, não tô testando o senhor hein?
20	JM	Sim eu sei. Mas eu quero, quero...
21	BS	O senhor quer falar mas é difícil né?
22	JM	É, isso, "vac"... "va"... não...
23	BS	Só por esses sons que o senhor tá fazendo eu to vendo que tá aí. . . tá em algum lugar!
24	JM	Isso! É. É..., mas num s... quero f...A Ivani... Uia! Saiu a palavra!
25	BS	(Risos)

26	JM	Minha esposa, sabe? Ela. . . Ela... A hora que eu vou falar pra ela, nem isso eu não falo.
27	BS	O nome dela?
28	JM	É. E agora hoje, já chegou, falou...olha...
29	BS	Pois é, tá vendo? Tem que puxar da memória. . .

Em diversos turnos, a pesquisadora percebe que JM está com a palavra na *ponta-da-língua* e percebe, também, sua angústia por não conseguir dizê-la. No turno 3, por exemplo, ela se refere explicitamente a isso: *Tá na ponta-da-língua, né?*, ao que ele confirma: *Tá, tá, mai num...“xa”...“ja”...“ja”...hum, num...“jamá... [turno 4]* e ela busca acalmá-lo: *Num fique nervoso! Não tem problema. Eu só to vendo...* Ao apresentar a figura da girafa, JM produz sons fricativos palatoalveolares. É importante perceber que a vogal presente na sílaba tônica na palavra “*girafa*” aparece novamente em “*xa*”, “*já*” e “*jamá*”, em um processo conhecido como condensação (Jakobson, 2008). Percebendo a sua dificuldade, a pesquisadora decide seguir adiante, mostrando outras figuras. É bastante relevante notar que o sujeito afirma, com segurança, não reconhecer o desenho do “burro”, assim como com rapidez nomeia a figura seguinte, do cavalo.

Dando continuidade, a pesquisadora apresenta a figura de um *elefante*. JM dá pistas de que reconhece a figura e saberia a palavra, mas ela não sai: *Eu sei, mas não*

sai... Mesmo quando a pesquisadora tenta diminuir a angústia do sujeito, dizendo: *Não tem problema nenhum, não tô testando o senhor hein?* [turno 19], ele mostra a relevância de dizer o que deseja: *Sim eu sei. Mas eu quero, quero...* [turno 20]. Ao tentar nomear “elefante”, JM diz: “vac...”, “va...”, que pode ter sido motivada pela última palavra dita, “cavalo”, mas também pode remeter a outro nome de animal, do mesmo campo semântico, *vaca*.

A ocorrência mais inusitada neste diálogo é quando a pesquisadora diz a JM que sabe que a palavra está por ali: *Só por esses sons que o senhor tá fazendo eu to vendo que tá aí. . . tá em algum lugar!* [turno 23] e JM concorda: *“Isso, é, é, mas num s... quero f... A Ivani... Uia! Saiu a palavra!”* [turno 28].

JM se surpreende com o aparecimento da palavra *Ivani*, tão inesperada no contexto de nomeação de “elefante”, que provoca risos. Um riso de desconcerto, que permite que a situação avance e que dá espaço para que o sujeito diga que Ivani é sua esposa e explique o seu espanto, pois na “hora que eu vou falar pra ela, nem isso eu não falo”. E por fim, continua surpreso com o aparecimento da palavra “É. E agora hoje, já chegou, falou... olha...”.

Não temos como explicar que tipo de *deslocamento* (Freud, 1901) possa ter havido entre “elefante” e “Ivani”. É até difícil de saber se, de fato, se trata de uma palavras substituta ou se é uma palavra que surgiu ligada ao “Isso, é, é, mas num s... quero f...” que antecede a palavra, contexto que pode trazer uma memória das repetidas vezes em que o sujeito deseja falar o nome de sua esposa mas não consegue, uma queixa sua recorrente nas sessões do CCA nas quais participa.

Vejamos um outro dado do mesmo sujeito, que reitera o que foi dito sobre o dado anterior:

Dado⁷² XVI: Este dado ocorreu em sessão individual, entre JM, a fonoaudióloga (Irf) e uma das estagiárias de fonoaudiologia (Ef1). JM deveria ler uma palavra escrita em um cartão e, por meio de gestos, fazer com que Irf a adivinhasse.

Turno	Sujeitos	Enunciado	Informações contextuais
1	JM	Ce:... é... San... S:...	
2	Irf	Com gesto...	
3	JM	É como... com... é aí...	Fazendo um “v” de “vitória” com a mão
4	Irf	Grande?	
5	JM	É... É... Zin... zin...	fazendo sinal negativo com a cabeça
6	Irf	Me fala, eu tenho que tentar adivinhar...	
7	JM	Zanclair. Zanclair! Quem falou Zanclair?!	Nervoso
8	E1	É alguma coisa de futebol, isso? O que que é?	

⁷² Dado retirado da tese de Souza Cruz (2013).

9	JM	É. Zanclair. Não! Zanclair!	
10	Irf.	Zanclair? Zanclair... Ele é um torcedor? É um torcedor?	
11	JM	Ele é...	Fazendo gesto de positivo com a cabeça
12	E2	Ele torce pra esse aqui também?	Mostra o símbolo do Corinthians
13	JM	Bastante!	
14	Irf.	Ah... é um time?	
15	JM	É... Ivani... não...	Ivani é a esposa de JM
16	Irf.	A Ivani torce pra esse time?	
17	JM	Não!	Faz sinal negativo com a cabeça e com a mão ao mesmo tempo
18	Irf.	Você torce?	

19	JM	Uhum!	Balançando a cabeça positivamente
20	Fon.	Então é o Corinthians?	
21	JM	Zanclair!	Balançando a cabeça positivamente
22	Fon	Corinthians?	
23	JM	Zan... num... não!	faz, novamente, sinal negativo com a cabeça e com a mão
24	Fon	Sr. JM, tá escrito “Corinthians” ali no papel?	
25	JM	Tá. Tá. [...] É... mas é Zan... eu num...	Impaciente. Faz sinal mostrando a boca, como dizendo que “não sai”.
26	Fon.	Sr. JM, o senhor me deu o gesto e falou o nome de um torcedor desse time! Tá certo!	
27	JM	Pois é:: mais agora eu quero:: eu quero... falá o	

		nome dele.. o nome dessa...	
28	Fon.	Desse time?	
29	JM	É! Mai aí:: eu vo... vo:: falá... só falo Zanclair! Eu ia falá...	
30	E2	Sim, porque ele é um torcedor desse time.	
31	JM	Zancla... aí, ta veno?	
32	E2	Falar <i>Corinthians</i> ?	
33	JM	Ivani, Ivani... mas aqui! aqui:: Ivani:: Ira... Zanclair... não! Por que qui:: eu queria falar esse nome e agora::	
34	Irf.	Corinthians?	
36	JM	Isto. Co-rin-thias, Corinthians... é só porque cê falô! Eu... Eu vi você... é.. eu fui falá, aí falô... agora:: Outra vez, vai... Zan... Co::i:-ta. Num adianta memo... Tan... i::...num vai... i... tan... num deu!	Mais uma vez mostra-se impaciente por não conseguir enunciar. Faz sinal negativo com a cabeça, ao falar Zan

Neste dado, que foi primeiramente analisado por Souza Cruz (2013), com relação à produção de

parafasias⁷³, o sujeito deveria, por meio de gestos, fazer com que os outros interlocutores chegassem à palavra desejada.

É bastante interessante perceber como os diversos enlaces da palavra se revelam, primeiramente em torno da proximidade sonora entre Corinthians e o nome do seu filho, Zanclair, como podemos perceber quando ele fala *sans e zin*. Este último pode ser considerado como um processo de condensação de “rin” (Corinthians) com **zan** (Zanclair). Uma possível e provável relação entre a palavra alvo e o nome de seu filho é aquela que é sugerida pelos interlocutores, de que Zanclair é torcedor do Corinthians.

A literatura afasiológica desenvolveu uma terminologia para cada sinal ou sintoma percebido na linguagem de um sujeito. No caso de JM, por exemplo, o nome do filho – *Zanclair* – estaria relacionado a uma *perseveração*, já que se repete cada vez que o sujeito tenta dizer a palavra desejada, ou como uma *contaminação*, tendo em vista que “bloqueia” o acesso a uma outra palavra. Tanto um termo quanto outro (e mesmo o termo *bloqueio*, como vimos no capítulo 1), definem negativamente o que ocorre durante a busca da palavra. Entretanto, na perspectiva que adotamos, ao contrário de uma visão patologizante dos sinais, entendemos que cada ocorrência deixa rastros do processo subjacente, o que nos

⁷³ A relação entre as parafasias e os TOTs também é citada por Rapp (2003), que recupera essa relação nos estudos neuropsicológicos desde dos trabalhos de Arnold Pick. Apesar da proximidade desses fenômenos em termo de *processo*, seus *produtos* são distintos, visto que na parafasia ocorre uma substituição de uma palavra por outra, enquanto que nos TOTs, isto em geral não ocorre.

ajuda a compreender melhor os TOTs e aquilo que vem em seu lugar. Nas palavras de Luria, nas patologias – sobretudo nas afasias – quando a seletividade encontra-se alterada, é possível entrever a rede multidimensional das palavras e seus enlaces, assim como a dinâmica de forças que os envolvem.

Retomando o dado, nota-se que as palavras que surgem estão muito próximas semanticamente, quando ele se refere ao filho e à esposa – e ainda ao time pelo qual ele e o filho torcem (Corinthians). Além disso, há claros enlaces sonoros, o que é ressaltado por Luria (2001:80) na seguinte passagem:

No sujeito adulto normal, os enlaces sonoros da palavra estão quase sempre inibidos, a consciência se mantém afastada deles. Raramente, alguém “diante “da palavra “Koshka” dirá “Kroshka”, “kirshka”, etc. O afastamento dos enlaces sonoros dá-se em benefício dos enlaces semânticos, mais essenciais. Os enlaces semânticos, tanto os situacionais como os conceituais, são indiscutivelmente dominantes nos sujeitos normais.

Existem situações (estados de consciência) em que esta capacidade de seleção se altera. Ao comentar sobre esses estados “inibitórios” do córtex (durante o sono, no estado de esgotamento, em algumas patologias), o autor coloca que os enlaces sonoros, situacionais e conceituais podem estar igualados.

O turno 07 é bastante intrigante, quando o próprio sujeito diz “*Zanclair. Zanclair! Quem falou Zanclair?!*”. Ao enunciar o nome do filho e perguntar ao mesmo tempo quem o enunciou, JM parece não se dar conta da própria voz que enuncia, como se fosse a voz de um outro que ele não pode conter. Durante parte do relato, essa estranheza

permanece quando o sujeito parece discutir consigo próprio pela sua própria repetição do nome do filho, como nos enunciados “Zan... num... não!” e “É! *Mai aí:: eu vo... vo:: fala... só falo Zanclair! Eu ia falá...*”. Posteriormente, diz o nome de sua esposa Ivani, mas não sem lamentar, da mesma forma que vimos no dado anterior, o fato de que quando ele gostaria de dizer seu nome, a palavra não vem.

Podemos dizer, frente ao dado, que a *ilusão* de propriedade da palavra se apresenta, nos parece, como uma *desilusão*. A dificuldade de lidar com o aparecimento ou a falta, ambos indesejados, faz com que o sujeito se irrite consigo mesmo, na dificuldade de lidar com as suas palavras.

Concluindo e comentando...

Neste capítulo, apresentamos reflexões em torno da relação dos TOTs com as funções psicológica superiores, a partir das reflexões de autores de outros campos do saber. Discutimos sobre a natureza do signo na perspectiva histórico-cultural, enfatizando seu desenvolvimento filogenético e ontogenético, na evolução das funções psicológicas superiores. Consideramos, sobretudo, sua relação com a memória, seja quando é lembrado, seja quando esquecido.

Fica claro que não podemos considerar os TOTs simplesmente como um tipo de esquecimento, o que poderia acontecer se fosse tomado como *falha na memória*. Dentro dessa dinâmica, não podemos deixar de citar o caráter incompleto dos TOTs, que vigoram como lembrança e esquecimento, ao mesmo tempo,

dependendo, como quase sempre acontece nos fenômenos, do ponto de vista de onde se observa. Esse caráter incompleto também remete às diferentes memórias, do sujeito e da palavra, que se influenciam durante o processo de busca, bem como a sua relação com o corpo, o que justifica ter dedicado uma boa parte deste capítulo aos FOKs que, assim como nos TOTs, evidenciam as demais interfaces do signo.

Acreditamos que a reflexão desenvolvida no capítulo anterior, que tratava eminentemente dos efeitos da concepção dialógica de palavra, no estudo dos TOTs, e neste capítulo, que discutiu, dentre outras coisas, sobre as instâncias da memória, dá ferramentas para avançarmos na caracterização dos TOTs como eventos enunciativos, o que justifica a metáfora de que os TOTs seriam a parte visível de um iceberg. Não podemos afirmar que temos, agora, a compreensão do todo, mas imaginamos ter avançado em relação aos modelos que descrevemos no início deste livro, baseados em teorias de acesso direto ou de mecanismos inferenciais.

No próximo capítulo, concluiremos esta reflexão, articulando os principais pontos à dimensão ética implicada no trabalho terapêutico em Fonoaudiologia, indicando as possíveis estratégias que podem ser desenvolvidas no cotidiano clínico, visando minimizar os sofrimentos dos sujeitos afásicos quando se deparam com a impossibilidade de seu *querer-dizer*.

6. COMENTANDO E CONCLUINDO...

*Maria Amélia,
eu passei toda noite pensando
Lindas palavras que eu preparei
pra te dizer*

*Mas me esqueci
Mas me esqueci*

*Trecho de “Eu cheguei lá”, de Dorival Caymmi
(1972).*

*E pela lei natural dos encontros
Eu deixo e recebo um tanto*

*Trecho da canção “Mistério do planeta”.
Composição de Galvão e Moraes Moreira
(1972).*

Neste capítulo – que também se configura como uma *conclusão*, ainda que temporária, de *passagem* – apresentamos, primeiramente, uma reflexão sobre as implicações deste estudo para

a clínica fonoaudiológica⁷⁴. Sabendo dos diversos caminhos que a enunciação pode tomar quando ocorre um TOT, discutiremos recursos que podem ser utilizados para fins terapêuticos. Logo em seguida, os relacionaremos às reflexões apresentadas ao longo do trabalho, mais especificamente aos relatos de experiências dos sujeitos durante o estado de TOT. Nosso interesse não é o de transferir ou aplicar uma *técnica*, mas de dar visibilidade a um trabalho clínico possível, em consonância com os pressupostos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva.

Logo após, relacionaremos a *atuação terapêutica ao ato responsável* (cf. Bakhtin), discutindo sobre as implicações éticas que surgem ao lidar com sujeitos afásicos. Argumentamos sobre a importância de “dar um passo” adiante, de abraçar uma responsabilidade sem *álibi* para com o outro, o que vai além da relação terapeuta/paciente. Concluiremos o trabalho afirmando que a procura por uma palavra é o caminho que leva ao *encontro de palavras*, o que requer a *escuta da palavra outra*, a busca pela voz do outro.

1. Os TOTs e as possibilidades terapêuticas

Buscaremos refletir, ainda que brevemente, sobre possibilidades terapêuticas para enfrentar as ocorrências de TOTs, que dependem, sobretudo, de concepções histórico-culturalmente fundamentadas sobre o cérebro e

⁷⁴ Falo mais especificamente sobre a Fonoaudiologia, por ser o campo de minha formação, para o qual julgo poder contribuir mais diretamente, embora as questões aqui tratadas possam interessar a profissionais de outras áreas.

sobre o funcionamento da linguagem e da memória, como vimos explicitando até aqui. De antemão, deixamos claro que os expedientes aqui descritos podem servir para lidar não apenas com os TOTs, mas com dificuldades de encontrar palavras, de modo geral.

A ocorrência de um TOT, no cotidiano, pode ser comparada a um jogo de adivinhação; como um convite ao outro para participar de uma brincadeira de saber quem encontra a palavra. Ao termos a sensação de um TOT, tanto podemos aceitar o jogo e sair em busca da palavra, quanto tentar driblar essa dificuldade, visando dar continuidade ao tratamento do tópico discursivo, por meio de outras palavras, ou reorganizando completamente o enunciado.

Como já dissemos, não podemos evitar a ocorrência de um TOT, mas podemos tentar ignorá-lo. Essa opção depende de várias circunstâncias ligadas não só ao episódio comunicativo, mas às características individuais dos sujeitos. Enquanto alguns abandonam a busca por uma palavra, assim que encontram outras que alcançam seu “querer-dizer”, outros só vão sossegar quando encontrarem aquela *palavra exata*.

No contexto da afasia, como já dissemos no início deste trabalho, a procura pela palavra pode revelar angústia e sofrimento, como vimos, por exemplo, nas falas de MG, SB, JM e MG⁷⁵.

Coudry (2001) reafirma o papel essencial do conhecimento mútuo para que o terapeuta saiba o momento em que deve continuar com a busca de uma palavra e o momento em que essa busca não faz sentido.

⁷⁵ Nos dados V, VIII e XV, respectivamente.

A autora narra um episódio em que um sujeito afásico lhe diz “Olhe isto aqui (apontando). É do meu sítio. Vem de lá [...] como se chama?” e ela lhe responde “é leite, mas o senhor nem precisa dizer o nome. Todos nós já sabemos do que se trata. Do jeito que falou está bom”. De acordo com Coudry (2001:91):

Nesse tipo de experiência, é mais fácil explicitar-lhe que não é porque não se lembra de um nome que vai deixar de falar; que outros fatores atuam com igual ou maior força na determinação da interpretação desejada de sua fala mesmo que fragmentária; que os recursos expressivos alternativos e mesmo os não verbais (como os gestos) fazem parte do processo de construção conjunta da significação por parte dele e de seus interlocutores; que, nesse processo, ele pode servir-se de elementos da situação, de turnos anteriores do diálogo, do conhecimento partilhado; que deve valer-se da mediação do outro, do ajuste recíproco e mesmo da negociação das pressuposições e do sentido.

Atuar clinicamente com responsabilidade, em cada interação que envolva sujeitos em sofrimento, depende tanto da experiência, quanto da sensibilidade do terapeuta para saber, por exemplo, quando dar tempo e esperar pela palavra que não vem ou quando agir de forma diferente, sugerindo alternativas, dando um *prompting*, encorajando o sujeito a ir em frente, a despeito da falta de uma (ou de várias) palavra(s). A estratégia de fornecer um *prompting*, já amplamente relatada nos trabalhos realizados em neurolinguística, consiste em dar uma pista, “uma ou mais sílabas iniciais (ou mesmo um

movimento articulatorio inicial) da palavra cuja produção pelo afásico lhe é difícil⁷⁶” (Coudry, 2001:110).

Vimos, nos nossos dados, que vários sujeitos relacionam a ocorrência de um TOT a uma situação de estresse – a um cansaço físico ou emocional. Este fato também é amplamente discutido na literatura. Schwartz (2002:41), por exemplo, sugere que os TOTs sejam mais comuns em locais estressantes (trabalho, universidade, dentre outros). Luria (2001), a esse respeito, afirma que, nos estados de esgotamento, de sono e até mesmo em alguns estados patológicos, os enlaces que regem cada palavra podem ter suas relações de força alterada, dificultando o trabalho seletivo. Isso iguala a chance de aparecerem, no lugar da palavra buscada, alternativas com enlaces sonoros, situacionais e emocionais. Se isso ocorre de maneira bastante frequente com qualquer indivíduo, deve-se imaginar a dimensão que tem para sujeitos afásicos.

As ocorrências de TOTs em contextos clínicos demandam, por parte do interlocutor (*o parceiro da comunicação verbal*, cf. Bakhtin, 1997), que sejam dados *acabamentos* aos enunciados – mesmo que sejam marcados predominantemente pela ausência da palavra. Desistir da procura da palavra faz parte do processo terapêutico e não deve ser julgado como fracasso.

Muitas vezes – por meio de abordagens fonoaudiológicas tradicionais, que insistem na

⁷⁶ É particularmente interessante que, ao se equivocar com um *prompting* dado em um episódio dialógico com o sujeito P, a autora diga que este equívoco se deu porque os *promptings* “não foram precedidos de um processo epilinguístico satisfatório para fazer surgir a palavra quando ela estivesse já na *ponta-da-língua* de P” (2001:118).

sobrevalorização das atividades metalinguísticas descontextualizadas – torna-se mais importante encontrar uma palavra do que estabelecer sentidos. As unidades de língua são tratadas como *células mortas da linguagem*, uma expressão utilizada por Ponzio (2010). Ao eleger o *enunciado* como unidade de análise, privilegiamos as *células vivas* da linguagem, visando atingir o *querer-dizer* dos sujeitos (Bakhtin, 1997).

Coudry (2001), além de criticar o excesso de atividades metalinguísticas direcionadas à avaliação dos afásicos, valoriza as atividades de natureza epilinguísticas desenvolvidas pelos próprios sujeitos enquanto refletem sobre a linguagem. Isto se dá quando, ao invés de “suspender” a linguagem e tomá-la como objeto, em atividades de cunho “meta”, o sujeito *opera sobre* a linguagem, explorando seus recursos e buscando alternativas para superar suas dificuldades, por meio de reformulações e reiterações etc⁷⁷. Para que isso se dê efetivamente nas situações terapêuticas, se faz necessário conhecer o afásico, estabelecer com ele conhecimentos mútuos.

⁷⁷ Geraldí (1997) distingue as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. A primeira se caracterizaria por ser uma atividades que se dá no próprio uso da linguagem, sem suspensão das determinações do sentido que se pretende construir na intercompreensão dos sujeitos. A segunda, epilinguística, se caracterizaria justamente por tomar por objeto as próprias expressões utilizadas, refletindo sobre os recursos expressivos, mesmo de forma não consciente. A reflexão metalinguística, por sua vez, tomaria a linguagem como objeto para sua análise, de forma consciente. De acordo com o autor, o poder que a linguagem tem de remeter a si mesma, sua reflexividade, está presente na forma como cada sujeito se expressa e *compreende responsivamente* ao outro.

1.1 Procurando a palavra com os afásicos

Uma vez estabelecida a necessidade (ou o desejo) de ir *em busca da palavra*, a maioria das estratégias que vamos sugerir podem servir como expedientes terapêuticos, tanto nos momentos em que os TOTs surgem espontaneamente, quanto nos momentos em que são eliciados. Para apresentar essas estratégias, retomamos questões levantadas pelos dados relatados no blog, assim como pelos que se originaram de procedimentos observacionais e experimentais, como foi descrito no Capítulo 2.

Lembramos que essas estratégias não devem ser compreendidas como *técnicas* e que muitas delas se inspiraram em procedimentos de avaliação e acompanhamento terapêutico desenvolvidos por Coudry (2001), incorporados ao trabalho desenvolvido no CCA desde seu início.

Para iniciar esta reflexão mais específica, sobre como lidar com a situação de TOT, citamos uma passagem do texto de Brown (2012:130), na qual o autor divide as estratégias de retomada da palavra em quatro categorias:

The first is an effortful and consciously directed mental search during the active initial phase of the TOT experience (within a minute or so). The second type of resolution effort involves research, where external resources are consulted: dictionary, internet, friend. The third and somewhat controversial route to TOT resolution involves pop-ups, where the target word comes to mind seemingly on its own. A fourth process is incidental cueing, involving an inadvertent encounter with a word, object, or person, that cues the missing word.

Essas categorias nos parecem familiares. Refletir sobre como chegamos à palavra desejada pode nos auxiliar no trabalho clínico e nos processos de negociação de sentidos. Embora Brown faça tal distinção, nos parece que falta justamente perceber a articulação entre elas e o fato de que fazem parte do mesmo processo, podendo ou não todas elas efetivamente ocorrer. O *pop up* da palavra, por exemplo, pode surgir tanto após o sujeito ter feito o “tal esforço consciente de busca” ou após ter se detido em uma atividade “meta”, mas também é possível que ocorra na ausência desse esforço.

As possibilidades de trabalho não serão iguais para todos. Podemos, ao longo do processo, procurar tanto por outras palavras, quanto por outros contextos – desde os mais elementares – no nível da letra⁷⁸, do som ou da sílaba – até os contextos maiores – no nível do enunciado. Podemos utilizar também pistas sensoriais, organolépticas – odores, texturas, sabores, sons, cor –, que possam estar associadas à palavra. Além disso, pode-se recorrer ao contexto original de aparecimento da palavra, à história específica daquela palavra na vida daquele sujeito. Recorrer ao campo semântico da palavra buscada também é estratégia geralmente bem-sucedida – por meio do fornecimento de sinônimos, hiperônimos, antônimos etc.

⁷⁸ Não se pode desprezar a forte relação entre o fonema e o grafema, principalmente para pessoas alfabetizadas. O recurso de tentar se lembrar da palavra pela primeira letra com uma busca em dicionários é um forte indicio dessa relação. Certamente este seria um importante tema para futuras pesquisas.

Caberá ao terapeuta estar atento, em cada ocorrência, ao tipo de enlace/relação (semântico, sonoro, afetivo, multidimensional, conforme Luria, 2001) presente no momento da enunciação, de forma a desenvolver, com cada afásico, as estratégias mais eficazes de busca da palavra.

Refletimos, ao longo da pesquisa, sobre o percurso utilizado por SB, quando disse “Fidel Castro” para que chegássemos a “Che Guevara” (Dado VII). Em outro momento, durante uma narrativa, utilizando-se de estratégia similar para se referir a “Cleópatra”, SB disse as palavras: “Nilo”, “veneno” e “cobras”. Nos nossos dados, é frequente este tipo de relação entre as palavras que faltam e as que vêm no seu lugar. MG, por exemplo, no processo de tentar nomear “Nelson Gonçalves”, disse as palavras “Noel Rosa”, “cantor” e “era do rádio”. Em outro momento, na mesma atividade de nomeação de figuras, o sujeito se referiu a “Ford”, “Carlitos”, “circo”, “alemão” e “nazista” até chegar a “Charles Chaplin”⁷⁹. Isto é possível somente quando o procedimento experimental não é realizado de forma fechada, mas fundada em princípios dialógicos.

Também é possível oferecer contextos mais amplos⁸⁰, para direcionar o sujeito em sua busca. É

⁷⁹ Sabendo dessa facilidade de MG, demos diferentes tipos de pistas para que ele chegasse ao nome da pessoa que deveria ser nomeada, como, por exemplo, “o primeiro nome deste ator é o mesmo nome de uma fruta” o que o levou a dizer *Lima Duarte*.

⁸⁰ Em outro dado de interação com o sujeito afásico MS, que participa do CCA (Novaes-Pinto, 2009), a pesquisadora diz: “as *tananá* do Egito”, fornecendo um *frame sintagmático* para a recuperação da palavra-alvo (pirâmide). Frente à dificuldade do sujeito, a pesquisadora modifica sua estratégia e passa a oferecer um contexto ainda mais amplo: “Eu sou louca para ir ao Egito pra ver as ...”.

bastante útil que o terapeuta seja capaz de criar uma cena, um cenário de utilização da palavra, que, por sua vez, recria outra cena enunciativa do cotidiano do sujeito. Nos nossos dados, frente à dificuldade de encontrar a palavra, é recorrente que o sujeito se lembre de uma história pessoal e que acabe chegando à palavra depois de conversar um pouco sobre o assunto ou simplesmente ouvindo falar do tema. MG, por exemplo, querendo dizer “dinossauro”, falou o nome vários tipos de dinossauros: “brontossauro”, “pterodáctilo”, “tiranossauro”. Ainda assim, só conseguiu dizer a palavra quando relembrou do dia em que foi assistir ao filme “Parque dos Dinossauros”.

Na concepção enunciativa de linguagem que orienta o trabalho, também devemos favorecer o desenvolvimento de processos alternativos não-verbais de significação – incluindo aí gestos, expressões fisionômicas, desenhos etc. Já vimos, no capítulo anterior, o caso de EA, que lembra da palavra buscada somente depois de fazer um gesto que remete ao tufo de erva-doce. Não podemos nos esquecer de que, no caso de sujeito afásicos, principalmente os que têm afasias não-fluentes, há, em geral, um quadro associado de apraxia, o que dificulta a realização dos gestos. Cabe ao fonoaudiólogo desenvolver com eles o uso desses recursos. A esse respeito, Santana, Novaes-Pinto e Oliveira (2015: 158) afirmam que:

Essas estratégias, ao que se segue o prompting “*pi*”, acabam conduzindo o sujeito a nomear adequadamente a figura, dando pistas acerca do processo e das suas dificuldades.

O fonoaudiólogo deve sempre, além de encorajar o uso de gestos, auxiliar os sujeitos a selecionarem aqueles que sejam significativos no contexto discursivo e enfatizar que devem considerar se o interlocutor compreendeu ou não o que eles querem dizer, a partir do gesto feito. Se não foi compreendido, é necessário que o fonoaudiólogo aponte para a necessidade de reorganizar o gesto, de fazer diferente, de selecionar outras características de um objeto ou outro modo de representar. Pode dar exemplos – fazendo gestos também ou descrevendo verbalmente como um objeto/ação/ideia pode ser representado.

Além de todos os recursos já explicitados, é interessante trabalhar com instrumentos externos para auxiliar na busca da palavra, tais como mapas e dicionários⁸¹. No caso de *sites* de busca, um dos passos seria o de escolher, junto com o afásico, as melhores palavras para a busca, explorando as possibilidades deste recurso. Saber a quem recorrer para recuperar aquela palavra necessária que não veio durante o episódio interativo – um familiar, um amigo – também pode ajudar a diminuir a sua angústia. No caso dos atendimentos em grupo, como no CCA, é sempre importante que os afásicos, independentemente das dificuldades que tenham, tentem juntos encontrar as palavras que desejam.

Vejamos, a seguir, um dado que dá a dimensão das questões apresentadas até aqui, e mesmo dessa dinâmica em que um TOT pode deflagrar um processo interativo e terapêutico ainda mais interessante do que a própria ausência da palavra buscada:

⁸¹ Entre os casos que acompanhamos, destaca-se o fato de que MG aprendeu a usar, no celular, a função que completa as palavras de acordo com as primeiras letras ou com o contexto da frase, o que tem sido muito útil, já que ele está inserido no contexto da comunicação digital – envia mensagens por e-mail, whatsapp e SMS, além de ter uma página no facebook.

Dado XVII - O autor do livro, BO, e outro fonoaudiólogo (FG) estavam preparando a sala do CCA para receber os afásicos, quando AC, sujeito afásico que frequentemente apresenta dificuldades de encontrar palavras, lhe fez uma pergunta sobre um passarinho, cujo nome não lembrava.

Relato anotado em diário (15/10/2013)

Estávamos na sala do CCA. Tínhamos chegado por volta de 8:00 horas, um pouco mais cedo que o grupo. Chegamos, eu e FG, e começamos a montar todo o equipamento para a utilização do grupo. Enquanto isso, o Sr. AC ficou assoviando. Eu fiz uma brincadeira que o assovio parecia um papa-capim. Daí começamos a conversar sobre passarinhos, até que determinado momento ele me perguntou qual era o nome do passarinho que cantava o próprio nome. Ele me disse que sabia e que a palavra estava quase ali, na ponta-da-língua. Daí eu fiz uma suposição e perguntei se começava com B., mas ele disse que não. Logo depois eu assoviei o som do Bem-te- vi, mas ele disse “não é esse aí não”. Eu disse que sabia ainda outro passarinho que cantava o nome e assoviei o canto do fogo-pagou. Mas ele disse que não era esse aí também (...) mas o que ele sabia era um que ele via muito, quando era mais novo, mas que nunca mais tinha visto; parecia até que tinha desaparecido. Daí AC ficou reclamando da palavra, que ela não vinha, que ele esquecia os nomes quando queria... Depois de uns 20 minutos em que eu continuei organizando a sala, eu pedi que ele assoviasse ou que dissesse uma letra, mas ele disse que não sabia. Logo após, ele disse “até parece que estou vendo ele ali no chão, fazendo [imita o som]... Curioso, ufa! Tem muito tempo que eu quero lembrar este nome !”

Este dado é, a nosso ver, essencial para elucidar o que foi dito até aqui, sobre as estratégias de procura de uma palavra, que não podem ser descontextualizadas.

É interessante que AC nos desafia a resolver uma charada – saber “qual o passarinho que canta o próprio nome”. Ele afirma que o nome está quase ali, na *ponta-da-língua*. BO sabia de dois passarinhos que cantam o próprio nome, *Bem-te-vi* e *Fogo-pagou*, o que lhe deu a certeza que seria um desses dois; porém, estava equivocado, pois AC se referia a um terceiro pássaro – completamente desconhecido para BO. AC começou a reclamar da própria da palavra que não vinha – o que é recorrente na sua fala. Depois de um tempo, propositalmente dado a ele, retomamos o tema, até que AC olha para chão e diz que está praticamente *vendo ele ali* e assovia “curiango”, como faz o pássaro. Isso nos remete à discussão feita previamente, no capítulo 5, sobre a relação entre as funções superiores, visto que houve necessariamente uma associação entre “lembrar” do nome do pássaro e a sensação de “ouvir o som” que ele faz, o que só foi possível porque AC recriou uma cena sobre a qual ele diz; “até parece que estou *vendo ele ali no chão, fazendo [imita o som]... Curriango, ufa! Tem muito tempo que eu quero lembrar este nome!*”. Nessa mesma sessão, mostramos a AC a imagem e o som do curiango⁸².

Alguns autores acreditam que “dar um tempo” para a procura da palavra, como fizemos no episódio relatado, pode ser uma estratégia eficiente. Nesse sentido,

⁸² Acessamos, na sessão do CCA, no dia 15 de outubro de 2013, o link <https://www.youtube.com/watch?v=rxbfTs560Qc> para ver e ouvir o som do curiango.

acreditamos ser muito interessante a orientação dada por Woodworth (1921:356) – ainda que ele se refira mais especificamente ao contexto do esquecimento de nomes próprios –, que ilustra tal estratégia e provê uma explicação:

(1) Give the stimulus a good chance. Look squarely at the person whose name you wish to recall, avoiding doubt as to your ability to recall it; for doubt is itself a distraction. Put yourself back into the time when you formerly used this person's name. In extemporaneous speaking, go ahead confidently, avoid worry and self-consciousness, and, full of your subject, trust to your ideas to recall the words as needed. Once carried away with his subject, a speaker may surprise himself by his own fluency.

(2) Drop the matter for a while, and come back to it afresh. Sometimes, when you cannot at once recall a name, it does no good to keep doggedly hunting, while half an hour later you get it without the least trouble. The explanation of this curious phenomenon is found in interference and the dying out of interference. At your first attempt to recall the name, you simply got on the wrong track, and thus gave this wrong track the "recency" advantage over the right track; but this temporary advantage fades out rapidly with rest and leaves the advantage with the track most used in the past

O episódio com AC é também interessante por outros motivos, dentre os quais o de revelar o efeito do trabalho terapêutico realizado, pois, na semana seguinte, AC tomou a iniciativa de pedir para ver novamente a imagem do curiango no computador, para que pudesse ouvi-lo com mais atenção. Era visível sua emoção no momento em que ouviu o pássaro. Disse: “Esse aí mesmo... Nunca mais vi um; parece até que desapareceu”. Lhe mostramos que ainda existiam, conversamos sobre

onde habitam e demos outras informações a respeito. É interessante também relatar que, em outra atividade desenvolvida no CCA que envolvia criar a sonoplastia para uma radionovela, AC pediu para incluir o som do curiango e afirmou que não ia mais se esquecer dele⁸³.

Às vezes, por mais natural que seja a ocorrência de um TOT, não temos como saber, ainda mais nos casos de afasia, quão importante seria para o sujeito encontrar a palavra. A esse exemplo, Luria (2001) diz que a palavra “corda”, para quem está no fundo do poço, torna-se uma palavra *necessária*, um instrumento de salvação. No caso relatado, não apenas a palavra que faltava, mas todo o processo decorrente de sua busca, permitiram a BO melhor conhecê-lo.

2. A prática terapêutica e o ato responsável

Os TOTs, sobretudo nos casos de afasia, levam a pensar sobre a importância vital da palavra. Vivemos em uma sociedade logocêntrica, em que a perda da palavra traz impacto muito relevante na vida. Ao se tornarem afásicos, os sujeitos ficam reduzidos às suas afasias. Ouvimos deles estórias de exclusão, que revelam certa ignorância, por parte da sociedade, tanto acerca das afasias quanto da própria natureza heterogênea da linguagem. Para uma sociedade produtivista como a

⁸³ Ao constatar essa importância, ao tirar AC como amigo secreto, no encerramento das sessões do CCA daquele ano, BO lhe deu um CD com cantos de pássaros, começando pelo próprio curiango. Vale ressaltar que, a partir do episódio do TOT com a palavra curiango, BO e AC passaram a se divertir com adivinhações envolvendo os cantos dos pássaros.

nossa, esses sujeitos deixam de existir a partir do momento em que perdem suas funções sociais, o que afasta deles amigos e parentes (Novaes-Pinto, 2009).

Essa lógica leva, segundo Ponzio (2010:20), a cair na “armadilha mortal da identidade”. Ao opormos afásicos e não-afásicos, terapeuta e paciente, ao enquadrarmos os sujeitos em categorias previamente definidas com um propósito normatizador, cancelamos as diferenças, desrespeitamos a singularidade de cada ato/indivíduo. Segundo Ponzio (2010), é o outro quem deve reconhecer alguém como único, um princípio da alteridade.

O outro é, de acordo com Bakhtin, aquele que pode, com o seu *excedente de visão*, conferir acabamento e posicionar-se axiologicamente na enunciação. Lembremos que, para o autor, esse movimento exotópico se dá em dois momentos. Primeiro, nós vamos até o outro, mas depois temos que voltar ao nosso lugar. Não podemos jamais coincidir com ele, pois somente do posicionamento único e singular podemos agir com relação ao outro:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro tal qual ele vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (Bakhtin 1997:23).

Como diz Bakhtin (1997), nossa reação ao ver alguém sofrendo não deve ser um grito de dor, mas sim

uma palavra de apoio ou um movimento de ajuda. Devemos dar esse segundo passo, pois “compreender um objeto significa compreender o meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento, o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração” (Bakhtin, 2010:66).

A Filosofia da Linguagem de Bakhtin, de acordo com Ponzio, se configura como uma filosofia da escuta. Cada palavra diz e escuta, se modifica a partir da sua relação com o outro, daquele que a compreende de maneira responsiva. Desta forma, a escuta não é exterior à palavra; é um elemento que lhe constitui a cada encontro. A esse respeito, é reveladora a fala de MG, quando lhe perguntamos se as pessoas respeitam o tempo que precisa para falar, sabendo que ele é afásico, ao que ele responde: “As pessoas não esperam. O pessoal não quer saber; você começa a falar uma coisa na rua, ninguém nem quer saber. Essa é a verdade. Ah... Você tá doente? Não; você tá bem! Tá bonitinho! Então... Mas eu tô ... Já foi, foi andando. Já foi embora. É assim... Tão nem aí”.

Devemos dar tempo ao outro. Segundo Ponzio (2010), um tempo que não pode ser objetivado, que não é aquele tempo disponibilizado, comercializável, medido. O tempo do outro é um tempo *infuncional*, um tempo *per niente* (Ponzio, 2008, 2010). Isso não significa que não devemos ter objetivos ao desenvolver a terapia com sujeitos afásicos. Pelo contrário, significa considerar que os objetivos são primeiramente do *outro*, que existem somente em função dele, e que temos que responder de forma ética e responsável a esses objetivos.

Comentando e concluindo...

No presente capítulo, descrevemos estratégias ligadas à ocorrência dos TOTs que podem ajudar nas atividades terapêuticas com sujeitos afásicos, ressaltando a dinâmica singular de cada evento. Recorremos ao conceito bakhtiniano de *excedente de visão* e refletimos sobre o papel da escuta, que permite conferir acabamento ao outro. Trata-se de uma postura ética, decorrente da Filosofia da Linguagem postulada por Bakhtin e seu Círculo, que permite um olhar mais amplo sobre os fenômenos.

Retomaremos brevemente o percurso que nos trouxe até aqui. Vimos, no primeiro capítulo, que o estudo de 1966, de Brown e McNeill, foi o grande demarcador de uma corrente de estudos dos TOTs, justamente por determinar o estudo experimental do fenômeno. Argumentamos que os estudos que se seguiram concentraram esforços em um mesmo tipo de condução metodológica, tornando monológico o discurso sobre os TOTs, de tal modo que, muitas vezes, até se esquece de que não é o fenômeno, em seu contexto natural, que está sendo observado. Frente ao apagamento das insuficiências desses métodos, argumentamos que novos olhares e mesmo novas insuficiências se fazem necessárias. Lembramos que as primeiras discussões sobre os TOTs, realizadas por Freud, Woodworth e Willian James, forneciam outro olhar para grande parte das questões que ainda hoje interessam às pesquisas sobre o tema.

Tendo essas questões do Capítulo 1 como cenário dos estudos, no segundo Capítulo explicamos os

diferentes procedimentos por nós desenvolvidos sob uma concepção metodológica qualitativa, abordando a ocorrência dos TOTs o mais próximo possível do contexto em que ocorrem.

No capítulo seguinte, refletimos sobre questões relativas ao funcionamento lexical, ressaltando que o entendimento da língua como sistema abstrato e estático não parece se adequar ao estudo de fenômenos complexos, como é o caso dos TOTs. Apontamos, ainda, para a contribuição de Jakobson, sobretudo acerca dos eixos da linguagem e da relação entre os níveis linguísticos e os graus de liberdade do falante, o que nos ajuda a compreender o funcionamento da linguagem durante o TOT – a natureza da palavra que falta, suas relações constituintes internas e com outras palavras.

No capítulo 4, avançamos na caracterização enunciativa dos TOTs, nos referindo à filosofia bakhtiniana, aos enunciados e suas réplicas, numa arquitetônica do encontro singular e irrepetível. Nessa perspectiva, o TOT é um evento enunciativo que suscita uma série de ações e sensações, mesmo que não seja possível encontrar a palavra. Como dissemos, mesmo que uma palavra não quebre o silêncio acústico, que não seja identificada, ela não perde seus rastros, que pedem continuamente para ser responsivamente compreendidos. Consequentemente, os TOTs são constitutivos dos processos de linguagem. Do ponto de vista dialógico, são palavras que sempre remetem a *palavras outras*, que possuem diferentes graus de dialogicidade interna.

No quinto capítulo, refletimos sobre os TOTs como acontecimento que depende do funcionamento

integrado das diversas funções psicológicas superiores, discutindo brevemente o papel da percepção e da atenção nesse processo, dando ênfase maior à relação entre linguagem e memória, analisando-a, tanto ontogeneticamente, quanto filogeneticamente. Dentro de uma perspectiva histórico-cultural, apresentamos como a evolução dessas funções se dá através das modificações (neuro)funcionais, a partir do momento em que o homem desenvolve os signos para mediar sua relação com o mundo.

Discutimos sobre o ato de dar um nó para nos lembrarmos de algo, mas também sobre a dificuldade em dissociar um determinado nó daquilo que esse nó lembra. Fica claro que não podemos considerar os TOTs simplesmente como um tipo de esquecimento, o que poderia acontecer se fosse tomado apenas como uma *falha na memória*. Ao contrário, ressaltamos o caráter incompleto dos TOTs, que vigoram, ao mesmo tempo, como lembrança e esquecimento. Também refletimos sobre a relação entre os TOTs e os FOKs e sobre os diferentes percursos interpretativos (indutivos, dedutivos e abduativos) envolvidos na busca da palavra. Nessa dinâmica, distinguimos duas instâncias presentes no fenômeno, uma ligada ao ato de *memorizar* e outra ao de *recordar*, que co-ocorrem enquanto trazem à tona memórias do sujeito e memórias da palavra.

Por fim, depois dessa breve retomada dos capítulos do livro, julgamos ter contribuído para uma caracterização mais ampla dos TOTs, o objetivo primordial do nosso trabalho, como anunciado na introdução deste livro.

Gostaríamos de finalizar este trabalho dizendo que se, por um lado, os TOTs podem causar sofrimento e angústia, por outro, também despertam um certo encanto, como um *passee de mágica*, que traz a ilusão de que a palavra está, ao mesmo tempo, próxima e distante, presente e ausente. Willian James (1890:151) descreveu essa dimensão misteriosa dos TOTs referindo-se à metáfora do “fantasma da palavra”, um ritmo dançante em nossa mente, “making us at moments tingle with the sense of our closeness, and then letting us sink back without the longed-for term”.

A esse respeito, na introdução deste trabalho, citamos Ponzio, quando diz que o surgimento de um TOT é um “momento de rara iluminação, de beleza indescritível, decorrente de sua humanidade incontestável”. Essa beleza se revela, por exemplo, em uma entrevista dada a Duvakin, em 1973, por Bakhtin. Trazemos aqui este breve diálogo, primeiramente porque reitera questões destacadas neste livro, dentre as quais: a atribuição a uma falha da memória; o reconhecimento, nos seus enunciados, de indícios de que ele se encontra com a palavra na *ponta-da-língua*; a angústia de não encontrar um nome que lhe é familiar; a utilização de metáforas para se referir ao esquecimento⁸⁴; o fato de que é na alteridade que a palavra surge, pela voz do outro.

Outro motivo é de que se trata de raro momento na literatura não-ficcional, um dos poucos registros orais que temos de Bakhtin, já que o autor não escrevia suas memórias, nem dava entrevistas. Vejamos o trecho da

⁸⁴ Como no enunciado de Bahtin produzido no diálogo com Duvakin, que será apresentado a seguir, quando ele diz que “a palavra voa para fora da cabeça”.

sexta conversa com Viktor Duvakin (Bakhtin e Duvakin, 2012:241) em que Bakhtin fica com a palavra na *ponta-da-língua*.

[...]

Duvakin – Mas não poderia... não por mim, mas pela gravação, digamos, formular, em geral, suas ideias de base daquela estética da música que o senhor ouvia?

Bakhtin Veja, não, agora isso seria muito difícil para mim, porque eu já as esqueci, e depois... efetivamente isso foi há muito tempo atrás! Eu agora, naturalmente, já abandonei essas ideias. Mas, no todo, posso somente dizer que essa estética da música, que depois transmiti também a Lev Vasilevich Pumpianski, era baseada em Hegel e, particularmente... **naquele filósofo...** A minha memória tornou-se indecorosa... Absolutamente indecorosa... Bem, um filósofo... também um grande filósofo... Viveu mais do que Hegel... A filosofia da revelação... bem...

Duvakin – Não sei, mas continue.

Bakhtin – Ah, não pode ser; eu não aguento isso. Mas em suma! Isso é vergonhoso! Esquecerei até de Kant, talvez... Eu tenho aqui a obra desse filósofo, mas é preciso procurá-la.

Duvakin – Bem, depois lembrará.

Bakhtin – Nele havia muito sobre música, uma inteira filosofia da música. Precisamente. E, em geral, filosofia da mitologia e filosofia da arte. E encontra-se ali aquele conceito que, agora desenvolve Claude Levi-Strauss e que, como se diz, por algum motivo é considerado aqui muito original, relacionado ao fato que lá música e mito são essencialmente afins, e que ambos são quase...

Duvakin – A música e o mito?

Bakhtin – Sim, e isso, exatamente essa ideia existia já então. E bem, também Lev Vasilevich a desenvolveu nos seus numerosos cursos sobre filosofia da música. Eu também desenvolvi, então, na estética da música. Bem, mas como...?! Mas olhe!?

Duvakin – Bem, voltará a memória, se lembrará.

Bakhtin – Voltará, e como, não pode não voltar! É quase como o meu próprio nome. Como eu pude esquecê-lo? Gostava muito desse filósofo e o conhecia muito bem, de trás para frente. Então estudava em geral filosofia, estudava muito a fundo e conhecia tudo isso muito bem.

Duvakin – Temo dar mancada, por isso não sugiro nenhum nome.

Bakhtin – Mas não... É famoso, é conhecido até por um estudante... Sim, bem, caso perdido... *Bem, voou para fora da cabeça!* Bem, o que podemos fazer?

Duvakin – Depois de Hegel ?

Bakhtin – Bem, sim.

Duvakin – Então Schelling, não?

Bakhtin – Certo! Schelling!

Duvakin – Justo? Há tempo queria dizer esse nome. Estava na *ponta-da-língua*.

REFERÊNCIAS

Abaurre, M.B.M. Posfácio: A aquisição da escrita do português – considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: Rojo, R. (Org.) *Alfabetização e Letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 205-232, 1998.

Assmann, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011

Bakhtin, M. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Bakhtin, M. *O freudismo*, São Paulo: Perspectiva, 2001.

Bakhtin, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Bakhtin, M. *Problems of Dostoevsky's poetics*, Minneapolis: University of Minnesota Press : 1984.

Bakhtin, M. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*, Ed. São Carlos: Pedro & João, 2012.

Bakhtin, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014.

Barthes, R. *O neutro: Anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France*, São Paulo: Martin Fontes, 2003.

Basilio, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

Beilke, H.M.B *Linguagem e Memória na Doença de Alzheimer: contribuições da neurolinguística para a avaliação da linguagem*. Dissertação. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

Beilke, H.M.B.; Novaes-Pinto, R.C. The narrative in Alzheimer's dementia: reorganization of language and of the "memories" through dialogical practices. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, 39 (2): p. 557-567, 2010.

Brandist, C. *Repensando o círculo de Bakhtin: Novas perspectivas na história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2012.

- Brown, R. McNeill, D. The “tip of the tongue” phenomenon. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, 1966.
- Brown, A. S. A review of the tip-of-the-tongue experience. *Psychological Bulletin*, 1991.
- Brown, A. S. *The tip of the tongue state*. Psychology Press: New York, 2012.
- Burke, D. Mackay, D. G. Worthley, J. S. Wade, E. . On the tip of the tongue: What causes word finding failures in young and older adults? *Journal of Memory and Language*, 30, 237-246, 1991.
- Cazarotti-Pacheco, M. *O discurso narrativo nas afasias*. Tese de doutorado. Inédita. Instituto de Estudos da Linguagem. IEL, Campinas. SP, 2012.
- Cytowic, R. E. *The neurological side of Neuropsychology*. The MIT Press: Cambridge, 1996.
- Coudry, M. I. *Diário de Narciso: afasia e discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Coudry, M. I. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Vol. 42, 2002.
- Coudry, M.I.; Sampaio, N.F.S. E Ishara, C. *Dado e novo na linguagem de idosos*. In: Fonseca-Silva, M. C. (Org.); Pacheco, Vera (Org.) . *Da fonética ao discurso: questões de pesquisa*. 1. ed. São Carlos: Claraluz, 2009.
- Coudry, M.I. *Uma releitura de Freud*. Trecho do Memorial para Titularidade: “Dificuldade de Viver”, 2012.
- Damico, J. S. et al. Qualitative methods in aphasia research: basic issues. *Aphasiology*, London, v. 13, n. 9-11, p. 651- 665, ago. 1999.
- Damico, J., Simmons-Mackie, N., Oelschlaeger, M., Elman, R. & Armstrong, E. Qualitative methods in aphasia research: basic issues. *Aphasiology*, Vol. 13 (No. 9- 11), pp. 651-665, 1999.
- Faraco, C. A. *Linguagem e Dialógo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*, São Paulo: Parábola, 2009.
- Freitas, M. T. A. Discutindo sentidos da palavra intervenção na pesquisa de abordagem histórico-cultural. In: *Fazer pesquisa na*

- abordagem histórico-cultural: Metodologias em construção*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2010.
- Franchi, C. Linguagem – Atividade constitutiva, in *Almanaque*, 5, São Paulo: Brasiliense, 9-27, 1977.
- Foster, K.F. *Memória*, Porto Alegre; LPM, 2011.
- Freud, S. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1966.
- Freud, S. *A interpretação das afasias*, São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- Foucault, M. *A ordem do Discurso*. Edições Loyola: São Paulo, 1970.
- Geraldi, J. W. O mundo não nos é dado, mas construído. In: Voloshinov, V.N. *A construção da enunciação e outros ensaios*, Ed. Pedro e João: São Carlos, 2013.
- Geraldi, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Geraldi, J. W. *Ancoragens: Estudos Bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & Joao, 2010.
- Góes M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. In: *Cadernos Cedes*, ano XX. 2000.
- Hart, J. T. *Memory and the feeling-of-knowing experience*. Journal of Educational Psychology, 56, 208–216, 1965.
- Izquierdo, I. *A arte de esquecer: cérebro e memória*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.
- Jakobson, R. *Linguística e Comunicação*, São Paulo: Cultrix, 2008.
- James, W. *Principles of psychology*. New York: Holt, 1890.
- James, L., & Burke, D. M. Phonological priming effects on word retrieval and tip-of-the-tongue experiences in young and older adults. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory & Cognition*, 26, 1378–1391, 2000.
- Jones, G. V. Back to Woodworth: Role of interlopers in the tip-of-the-tongue phenomenon. *Memory & Cognition*, 17, 69-76, 1989.

- Katz, J.J. Fodor, J.A. The structure of a semantic theory, *Language*, 1963.
- Kotik-Friedgut, B. Development of the Lurian Approach: A cultural Neurolinguistic Perspective. *Neuropsychology Review*, Vol. 16, No. 1 (March 2006), pp. 43-52, 2006.
- Luria, A. R. *Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Luria*. São Paulo: Ed. Artmed. 2001.
- Luria, A. R. *The working brain*. London: Penguin Books, 1973.
- Luria, A. R. Curso de psicologia geral; atenção e memória, v.III, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1991.
- Luria, A. R. *A construção da mente*. São Paulo: Ícone, 1992.
- Luria, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: Ed. da USP, 1981.
- Maril, A., Simons, J. S., Weaver, J. J., & Schacter, D. L. Graded recall success: An event-related fMRI comparison of tip of the tongue and feeling of knowing. *NeuroImage*, 24, 1130–1138, 2005.
- Metcalf, J. Dunlosky, J. Metamemory. In: H.L. Roediger, III (Ed.), *Learning and Memory: A Comprehensive Reference* Oxford: Elsevier, 2008.
- Metcalf, J., Schwartz, B. L., & Joaquim, S. G. The cue-familiarity heuristic in metacognition. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 19, 851–864, 1993.
- Miozzo, M. Caramazza, A. Retrieval of lexical–syntactic features in tip-of-the-tongue states. *Journal of experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 23, 1410-1423, 1997.
- Nietzsche, F. *Genealogia da Moral—uma polêmica*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- Noguchi, M. S. *A linguagem na Doença de Alzheimer: considerações sobre um modelo de funcionamento linguístico-cognitivo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- Novaes-Pinto, R. C. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. Tese (Doutorado em

- Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.
- Novaes-Pinto, R. C. A adoção de conceitos bakhtinianos para a análise de linguagem de sujeitos afásicos. *Estudos da Língua(gem)*, v. 01, p. 111-148, 2004.
- Novaes-Pinto, R. C. *Dificuldades de encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências: inferências para o estudo da organização e do acesso lexical*. Projeto de Pesquisa Individual (CNPq). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2009.
- Novaes-Pinto, R. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, jan./mar. 2012.
- Novaes-Pinto, R. C. A social-cultural approach to aphasia: Contributions from the work developed at a center for aphasic subjects. In U. Tan (Ed.), *Latest findings in intellectual and developmental disabilities research*. Rijeka: InTech., p. 219-244, 2012.
- Novaes-Pinto, R.C. As contribuições de conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin para a descrição e análise de enunciados de sujeitos com afasias. In: *II Encontro de Estudos Bakhtinianos. Vida, Cultura, Alteridade: Caderno 2*. São Carlos: Pedro e João Editores, 410p, 2013.
- Nunes, M.H. "Lexicologia e Lexicografia". In: Guimarães, E. Zoppy, M. (2006) A palavra e a frase. São Paulo: Ed. Pontes, 2006.
- Oliveira, M.V.B. Aspectos teórico-metodológicos do fenômeno referido como palavras na ponta-da-língua In: *Estudos linguísticos*, São Paulo, 42 (2), p. 576-951. 2013.
- Oliveira, M. V. B., Novaes-Pinto, R. C. On the Relation between Memory and Language from a Cultural-Historical Perspective in Neurolinguistics. *Southern Semiotic Review*. Access on: <http://www.southernsemioticreview.net>, 2014.
- Oliveira, M.V.B. *Palavras na Ponta-da-Língua: Uma abordagem Neurolinguística*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de

- Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.
- Petrilli, S. *Signifying and understanding. Reading the works of Victoria Welby and the Signific movement*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.
- Petrilli, S. *Sign crossroads in global perspective: semiotics and responsibility*. New Jersey: Transaction Publisher, 2010.
- Petrilli, S. *Em outro lugar e de outro modo. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin*. São Carlos, Ed. Pedro e João, 2013.
- Petrilli, S. A memória da palavra e a memória do falante. Notas de mesa redonda, *II Encontro Contribuições de Bakhtin à Linguística e à Educação*, IEL, Unicamp, 2013b.
- Petrilli, S. Ponzio, A. *Semioetica*, Roma: Meltemi, 2003.
- Petrilli, S. Ponzio, A. *Thomas Sebeok e os signos da vida*. São Carlos: Pedro e João, 2011.
- Ponzio, A. *Il filosofo e la tartaruga. Scritti (1983-1988)*, Ravenna: Longo Editore, 1990
- Ponzio A. *Linguistica generale, scrittura letteraria e traduzione*, Perugia: Guerra Edizioni, 2007
- Ponzio A. Comunicazione-produzione e diritto all'infunzionalità [Communication-production and the right to non-functionality]. In: *Athamor: Globalizzazione e Infunzionalità. Semiotica, Filosofia, Arte, Letteratura*. Anno XIX, nuova serie, n. 12, Meltemi: Roma, 2008.
- Ponzio, A. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos: Pedro e João, 2010.
- Ponzio, A. Problemas de sintaxe para uma linguística da escuta. *Introdução a palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro e João, 2011.
- Ponzio, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2012.
- Ponzio, A. *No círculo com Mikhail Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João, 2013a.

- Ponzio, A. Il tempo della memoria e dell'oblio e il tempo del ricordare, *apresentação oral*, Università Degli Studi di Bari, BA, Itália, 2013b.
- Ponzio, A. A memória da palavra e a memória do falante. Notas de mesa redonda, *II Encontro Contribuições de Bakhtin à Linguística e à Educação*, IEL, Unicamp, 2013c.
- Ponzio, A. Petrilli, S. Calefato, P. *Fundamentos da Filosofia da linguagem*, Petrópolis: Vozes, 2007.
- Proust, M. *No Caminho de Swann*, São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- Rapp, C. *A palavra Paralela? Uma revisão do conceito de Parafasia*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2003.
- Rastle, K. G., & Burke, D. M. Priming the tip of the tongue: Effects of prior processing on word retrieval in young and older adults. *Journal of Memory and Language*, 35, 586–605, 1996.
- Reason, J. T, Lucas, D. Using cognitive diaries to investigate naturally occurring memory blocks. In J. E. Harris & P. E. Morris (Eds.), *Everyday memory, actions and absentmindedness* (pp. 53-69). San Diego, CA: Academic Press, 1984.
- Ricœur P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp (2007).
- Santana, A. P. Novaes-Pinto, R.C. Oliveira, M.V.B. Plano Terapêutico Fonoaudiológico (PTF) para Terapia em Grupo com Afásicos, In: *Planos Terapêuticos Fonoaudiológicos" (PTFs) - Volume 2*, p.155-166, 2015.
- Santo Agostinho. *Confissões; De magistro (do mestre) Santo Agostinho (os pensadores)*, São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- Saussure, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 27 ed. 2006.
- Schwartz, B. L. *Tip-of-the-tongue states: Phenomenology, mechanism, and lexical retrieval*. Ney Jersey: LEA, 2002.
- Schwartz, B. L. Brown, A.S. *Tip-of-the-tongue States and Related Phenomena*. USA: Cambrige University Press, 2014.

- Schwartz, B. L. Sparkling at the end of the tongue: The etiology of tip-of-the-tongue phenomenology. *Psychonomic Bulletin & Review*, 1999.
- Schwartz, B. L., Travis, D. M., Castro, A. M., & Smith, S. M. The phenomenology of real and illusory tip-of-the-tongue states. *Memory & Cognition*, 28, 18–27, 2000.
- Sebeok, T. *Global Semiotics*. Indiana: University Press, 2001.
- Simmons-mackie, N.; Damico, J. S. Qualitative methods in aphasia research: ethnography. *Aphasiology*, London, v. 13, n. 9-11, p. 681-687, ago. 1999.
- Slobin, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional, 1980.
- Sobral, Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- Sobral, A. *Do dialogismo ao gênero; as bases do pensamento de círculo de Bakhtin*, Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- Souza-Cruz, T. C. *Em briga de marido e mulher, ninguém mete o garfo: estudo discursivo da produção de parafasias literais e semânticas*. Dissertação de Mestrado. Inédita. IEL. UNICAMP, 2013.
- Smolka, A.L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. [The memory in question: a historical-cultural perspective]. *Educação e Sociedade*, Revista Trimestral de Ciência da Educação, n.71, pp.167-193, 2000.
- Vygotsky, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes 2005.
- Vygotsky, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Editora Martins Fontes (2007).
- Vygotsky, L. S. Luria, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- Voloshinov, V.N. *A construção da enunciação e outros ensaios*, São Carlos: Pedro e João, 2013.
- Yates, F. A. *A arte da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Widner, R. L., Smith, S. M., Graziano, W. G. The effects of demand characteristics on the reporting of tip-of-the-tongue and feeling-of-knowing states. *American Journal of Psychology*, 109, 525–538, 1996.

Woodworth, R. S. *Psychology*. New York: Holt, 1940.

Woodworth, R. S. *Psychology: A Study Of Mental Life*. New York: Holt, 1921.

Woodworth, R. S., & Schlosberg, H. *Experimental psychology*. New York: Holt, 1964.

Anexo A

Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa “As palavras na ponta-da-língua – Uma abordagem neurolinguística, que faz parte do programa de Doutorado em Linguística do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), UNICAMP (Universidade do Estado de Campinas). A pesquisa é realizada por Marcus Vinicius Borges Oliveira, sob orientação da Prof. Dra. Rosana do Carmo Novaes-Pinto.

Conhecido na literatura da área como “tip-of-the-tongue”, doravante referido como TOT, este fenômeno refere-se ao momento em que o sujeito procura uma palavra, acompanhado da sensação de que esta já vai surgir ou de que já lhe escapou – o que justifica o uso da metáfora de que a palavra se encontra “na ponta-da-língua”.

O propósito deste trabalho, nesta etapa, é caracterizar os TOTs por meio de relatos dirigidos. Ao participar desta pesquisa, você poderá nos ajudar a compreender a organização dos campos semântico-lexicais e sua relação com outras cognitivas complexas (sobretudo a memória). Compreendendo como ocorre a busca da palavra desejada, a pesquisa também pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias alternativas no acompanhamento terapêutico de sujeitos cuja linguagem tenha sido comprometida por processos patológicos.

Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com a pesquisador(a) ou com a instituição. Qualquer dúvida que você tenha sobre a sua participação nesta pesquisa, você pode entrar em contato com o pesquisador no email – marcus.oliveira.fono@gmail.com

Os participantes desta pesquisa não arcarão com nenhum gasto, assim como também não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela colaboração. Vale esclarecer também que não serão identificados ao longo do trabalho. Os depoimentos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa e os resultados serão apresentados em reuniões científicas e similares, com devido sigilo e ética profissional.

Muito obrigado.

Marcus Vinicius Borges Oliveira
Fonoaudiólogo
CRF 9080 BA/T- RJ.
Telefone: 21-80120662

Profa. Dra. Rosana do C. Novaes Pinto
Docente DL/IEL/UNICAMP
Mat. 286.921
Telefone: 19-3521-1568

“[...] se, por um lado, os TOTs podem causar sofrimento e angústia, por outro, também despertam um certo encanto, como um *passe de mágica*, que traz a ilusão de que a palavra está, ao mesmo tempo, próxima e distante, presente e ausente.”



Pedro & João
editores
www.pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-5869-838-8



9 786558 698388 >